



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

VINÍCIUS COLUSSI BASTOS

**EXISTÊNCIAS POSITIVAS:**  
UM *BLOG* COMO (NÃO)LUGAR E MODOS OUTROS DE  
[R(E)]EXISTIR COM HIV

---

Londrina  
2018

VINÍCIUS COLUSSI BASTOS

**EXISTÊNCIAS POSITIVAS:**  
UM *BLOG* COMO (NÃO)LUGAR E MODOS OUTROS DE  
[R(E)]EXISTIR COM HIV

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira

Londrina  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Bastos, Vinícius Colussi.

Existências PositHIVas : um blog como (não)lugar e modos outros de [r(e)]existir com HIV / Vinícius Colussi Bastos. - Londrina, 2018.  
125 f.

Orientador: Moisés Alves de Oliveira.

Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, , 2018.

Inclui bibliografia.

1. Estudos culturais - Tese. 2. Educação em saúde menor - Tese. 3. HIV e AIDS - Tese. 4. Blog - Tese. I. Alves de Oliveira, Moisés. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. . III. Título.

VINÍCIUS COLUSSI BASTOS

**EXISTÊNCIAS POSITIVAS:**  
UM *BLOG* COMO (NÃO)LUGAR E MODOS OUTROS DE  
[R(E)]EXISTIR COM HIV

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Prof. Dr. Moisés A. de  
Oliveira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Américo Grisotto Universidade  
Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Luzia Marta Bellini Universidade  
Estadual de Maringá - UEM

---

Profa. Dra. Roberta Stubs Parpinelli  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

---

Prof. Dr. Samilo Takara  
Faculdades Maringá - Unicesumar

Londrina, 28 de março de 2018.

*Às pessoas que vivem com HIV e AIDS,  
por suas lutas de vida, por me inspirarem  
na arte do viver.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, minha base, Marilena, Osmar e Carine. Obrigado por proporcionarem as condições para eu chegar até este momento da vida. Por compreenderem, mesmo com muitas saudades, minhas ausências ao longo destes 11 anos morando em terras vermelhas, distantes da natal. Por confiarem em minhas escolhas, apoiando incondicionalmente mesmo sem entender o sentido de muitas delas. Por não me deixarem desistir de mim mesmo. Estendo também essas palavras aos meus avós paternos, em especial a avó Alzinda, que sempre me recebeu com alegria e amor que não lhes cabiam do peito. Gratidão é pouco para descrever meus sentimentos por vocês. Amores para a vida toda!

Ao meu orientador, Moisés. Obrigado por ter me selecionado como orientando e dado a oportunidade de cursar o doutorado. Por ter me apresentado as delícias da profanação dos discursos majoritários, como das Ciências e da Educação. Por ter me proporcionado liberdade criativa ao longo desses anos de curso, confiando em minhas escolhas, mesmo quando elas pareciam malucas demais. Por me mostrar que ser pesquisador exige muito mais que domínio conceitual. Aprendi contigo habilidades que um curso de doutorado em si não poderia oferecer.

Ao grupo de estudos culturais das ciências e das educações (GECCE), a todos os membros que por ele passaram e comigo trocaram experiências de vida. Obrigado por me acolherem, por me fazerem parte do time e por terem sido importantes intercessores ao longo de tantas discussões e aprendizados.

À banca examinadora deste trabalho, Américo, Marta, Roberta e Samilo. Obrigado pelas valiosas e cuidadosas contribuições durante o exame de qualificação. Por cada crítica e sugestão, que me ajudaram muito a compreender conceitos, seus usos e abriram novas possibilidades a conclusão deste trabalho.

Ao amigo, irmão de alma, Samilo. Obrigado por ter aceitado o desafio de compor a banca deste trabalho, sei que essa posição é agri-doce e desafiadora, mas, sobretudo, obrigado pelos muitos anos de amizade. Ter sua parceria sempre fez com que eu reinventasse a mim mesmo, desde quando saboreávamos as primeiras experiências nos palcos, na docência e na crítica social regada a vinho nas praças de Tupã. Gratidão por permanecer fiel a esse laço afetivo que criamos desde a infância.

À professora Marta. Obrigado por ter me inspirado a trilhar os caminhos da educação durante meu período de graduação na UEM. Por compartilhar carinhosamente suas ideias, suas críticas e experiências de vida. Seu sorriso e sua voz doce sempre me trazem alegrias e boas recordações do começo dessa carreira acadêmica que me propus a construir.

Aos amigos que compartilharam vida comigo nessa trajetória. Obrigado por terem sido minha segunda família. Por terem me proporcionado alegrias, deixando essa caminhada mais saborosa e menos árdua. Com carinho mais que especial à Aline, à Bruna, à Débora, ao Diego, ao Fernando e à Laryssa.

Aos meus alunos, tanto da educação básica, quanto do ensino superior. Obrigado por me tornarem vosso professor. Por exigirem de mim um trabalho comprometido. Por me fazerem rir nos momentos sérios. Por confiarem e ao mesmo tempo duvidarem de tudo aquilo que me propus ensiná-los. Nos acontecimentos das aulas, ganhei muito mais do que poderia imaginar.

Aos colegas, militantes, pessoas que vivem com HIV e AIDS. Obrigado pelas experiências de vida compartilhadas e pelas críticas sociais inspiradoras.

Ao “Jovem Soropositivo”. Obrigado por criar e alimentar um *blog* tão rico no contexto do HIV e AIDS. Espero um dia poder trocar contigo pessoalmente. E a todos os corpos soropositivos ao HIV que deixaram seus registros de existência no *blog*, com vocês aprendi movimentos criativos que eu mesmo não reconhecia em minha vida.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PECEM). Obrigado por compartilharem vosso conhecimento comigo.

Aos secretários do PECEM. Obrigado pelas informações e orientações burocráticas ao longo deste processo. Por me receberem com prontidão e gentileza. Por realizarem vosso precioso trabalho nos bastidores do programa.

A CAPES. Obrigado pela bolsa de estudos concedida. Certamente por meio dela tive condições de permanência para dedicar-me com qualidade nesse processo formativo.



Fonte: <http://erimadeandrade.blogspot.com.br/2016/01/frases-que-me-fizeram-pensar.html>

*"And remember, if you don't love yourself,  
How in the hell you gonna love  
somebody else?"*

RuPaul



BASTOS, Vinícius Colussi. **Existências PositHIVas**: um *blog* como (não) lugar e modos outros de [r(e)]existir com HIV. 2018. 125 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2018.

## RESUMO

No Brasil, os números de novas infecções com HIV tem crescido principalmente entre a população jovem, de tal maneira que a epidemia voltou ao foco das discussões em gestão de saúde pública. Apesar das novas tecnologias de prevenção e tratamento eficazes no controle biológico da ação do vírus, o estigma social associado a figura do HIV tem sido um dos principais desafios para o enfrentamento da epidemia. Esse cenário de contradições despertou meu interesse em produzir essa pesquisa e a questionar: como pode um corpo que vive com HIV ou AIDS produzir vida afirmativa diante a tantos mecanismos sociais que reduzem sua vontade de potência? Por que corpos soropositivos ao HIV são postos a crer que não podem produzir vida? Neste trabalho, analisei potencialidades de um *blog* de divulgação de informações sobre HIV e AIDS em proporcionar a criação de modos de existência outros no contexto atual da epidemia. Por meio de uma análise afetivo-investigativa, com intercessores da filosofia da diferença e estudos culturais, foi possível identificar mecanismos culturais que produzem uma figura monstruosa do HIV, intensificadora de medos e fluxos que estratificam os corpos soropositivos ao vírus, levando-os a uma experiência com a linha do Fora. Bem como, a partir desse estado redutor da vontade de potência, reconhecer movimentações que proporcionam a criação de existências afirmativas com HIV. Destaco que por meio da interatividade estabelecida no *blog*, corpos que nele se conectam, fazem rizoma e dobram as forças do Fora, produzindo diferenças que abrem novos possíveis à existência com o vírus. Modos outros em puro devir. Movimentações estético-ético-políticas que denominei de dobras da positHIVação. Diante disso, uma educação em saúde menor passa a funcionar com o *blog*, uma vez que há: a desterritorialização da língua, com a transvalorização da figura do HIV; a ramificação política, por meio de conexões que proporcionam a criação de modos existência outros com o HIV; e valor coletivo devido aos agenciamentos múltiplos que são produzidos e circulados. Nesse processo educativo menor não há a imposição de modelos formativos, de modos de ser e agir, ou currículos a serem seguidos. São os não-lugares estabelecidos com os fluxos circulados no *blog* que favorecem o acontecimento de uma educação em saúde menor conectada com a imanência da vida, tão nômade e efêmera quanto aquilo que é capaz de gerar: vidas que reexistem com HIV.

**Palavras-chave:** Estudos culturais. Educação em saúde menor. HIV e AIDS. Modos de existências. *Blog*.

BASTOS, Vinícius Colussi. **PositHIVes Existences**: a blog as (not)place and other modes of [r(e)]exist with HIV. 2018. 125 p. Thesis (Doctor's Degree in Science Teaching and Mathematics Education) - Londrina State University, Londrina, 2017.

## ABSTRACT

In Brazil, the numbers of new HIV infections have grown mainly among the young population, in such a way that the epidemic has returned to the focus of discussions on public health management. Despite the new technologies of effective prevention and treatment in the biological control of the virus action, the social stigma associated with the figure of HIV has been one of the main challenges for coping with the epidemic. This scenario of contradictions aroused my interest in producing this research and questioning: how can a body living with HIV or AIDS produce affirmative living in the face of so many social mechanisms that reduce its will to potency? Why are HIV-positive bodies believed to be incapable of producing life? In this paper, I analyzed the potential of a blog to disseminate information about HIV and AIDS in providing the creation of other modes of existence in the current context of the epidemic. Through an affective-investigative analysis, with intercessors of the philosophy of difference and cultural studies, it was possible to identify cultural mechanisms that produce a monstrous figure of HIV, intensifying fears and flows that stratify the bodies seropositive to the virus, leading them to a experience with the Outside line. As well as, from this state reducing the will to potency, recognize movements that provide for the creation of affirmative existence with HIV. I emphasize that through the interactivity established in the blog, bodies that connect to it rhizome and ply the forces of the outside, producing differences that open new possibilities for existence with the virus. Modes others in pure *devir*. Movements aesthetic-ethical-political that I have called positHIV ply. In view of this, a minor health education starts to work with the blog, since there is: the deterritorialization of the language, with the transvaluation of the figure of HIV; the political ramification, through connections that provide the creation of other existence modes with HIV; and collective value due to the multiple assemblies that are produced and circulated. In this minor educational process there is no imposition of formative models, ways of being and acting, or curricula to be followed. It is the non-places established with the flows circulated in the blog that favor the event of a minor health education connected with the immanence of life, as nomadic and ephemeral as what it is capable of generating: lives that re-exist with HIV.

**Key words:** Cultural studies. Minor health education. HIV and AIDS. Modes of existence. Bblog

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: QUANDO A PESQUISA CONVIDA A EXPERIMENTAR</b> .....	11
<b>1. SUPERFÍCIE TEÓRICA</b> .....	25
1.1 FIGURAS HIV SOROPOSITIVA E SORONEGATIVA: UMA ENCRUZILHADA MONSTRUOSA .....	26
1.2 ESGOTAMENTO DA EXISTÊNCIA .....	36
1.3 EXIGÊNCIA DE CRIAÇÃO DE EXISTÊNCIAS OUTRAS .....	42
1.4 BIOTECNOCIÊNCIA E A PRODUÇÃO DO HIV: QUANDO A CIÊNCIA GERA INCERTEZAS .....	50
<b>2. TEXTURA DA PESQUISA: MÉTODO</b> .....	58
<b>3. UM <i>BLOG</i> POSITHIVO: UM (NÃO)LUGAR DE CRIAÇÃO DE VIDA</b> .....	65
3.1 “ESQUEÇA TUDO O QUE VOCÊ SABE SOBRE HIV” .....	65
3.2 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS POSTADOS NO BLOG.....	75
3.2.1 Primeiro foco: experiência intempestiva .....	76
3.2.2 Segundo foco: busca por outros modos de existência.....	87
3.2.3 Terceiro foco: criação de vida.....	100
3.3 <i>BLOG</i> COMO NÃO-LUGAR DE EXISTÊNCIAS POSITHIVAS: DOBRAS DA POSITHIVAÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENOR .....	110
<b>4. CONSIDERAÇÕES</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	121

## APRESENTAÇÃO: QUANDO A PESQUISA CONVIDA A EXPERIMENTAR

Início o texto deste trabalho, fruto de minha pesquisa de doutoramento em ensino de ciências no campo de pesquisas dos estudos culturais das ciências e da educação, criada com intercessores da filosofia da diferença calcada no pensamento de Gilles Deleuze, marcando locais de onde falo e minhas intenções. Este trabalho é atravessado por minha história de vida, multiplicidades, desejos, prazeres, delírios, leituras, conversações, estudos individuais e em grupo, em especial ao longo das reuniões do GECCE<sup>1</sup>, outras pesquisas que realizei, bem como aulas, cursos e palestras que ministrei ou cursei, coisas que duvidei e tantos mais que experimentei. Elementos que produziram meus modos atuais de ser pesquisador e professor, com singularidades e individualidades que transbordam nas minhas escolhas, análises e conclusões, e me autorizam a desbravar, teorizar e defender o conjunto de discursos que vos apresento ao longo dessas páginas.

Dito isso, vos coloco em termos gerais que o objetivo desta pesquisa é investigar potencialidades de um *blog* de divulgação de informações sobre HIV<sup>2</sup> e AIDS<sup>3</sup> em proporcionar a criação de modos de existência outros, bem como caracterizar singularidades dos corpos soropositivos ao HIV na contemporaneidade, sem a pretensão de atribuir um fim para os processos de criação com essa mídia. Um *blog* criado e alimentado por um jovem que se identifica com sorologia positiva para o HIV e que veicula discursos atuais das biociências e suas tecnologias para a busca da cura e controle dessa epidemia, que apresentei mais adiante.

Em outras palavras, para a produção deste trabalho me interessei pela potência da *pura* diferença, capaz de transgressão dos limites que estratificam os corpos soropositivos ao HIV, de abrir a estes corpos impossibilidades e modos outros de existir, inventivos, da ordem do acontecimento, mesmo sendo um grande desafio identificar os lampejos desse tipo de criação de vida frente a tantas relações

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos Culturais das Ciências e da Educação, da Universidade Estadual de Londrina, coordenado pelo Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira.

<sup>2</sup> Sigla de *Human Immunodeficiency Virus*, em língua inglesa, convencionada para denominar o Vírus da Imunodeficiência Humana, não traduzida neste trabalho para a sua versão em língua portuguesa, VIH, devido à popularidade em nossa cultura da versão em inglês.

<sup>3</sup> Sigla de *Acquired Immunodeficiency Syndrome*, em língua inglesa, convencionada para denominar a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, não traduzida neste trabalho para a sua versão em língua portuguesa, SIDA, devido à popularidade em nossa cultura da versão em inglês.

sociais pautadas no estigma ao HIV que por muitas vezes levam ao aprisionamento da potência criativa dos soropositivos ao vírus e reduzem sua alegria do viver.

No entanto, quando iniciei esta pesquisa no começo de 2015, de maneira bastante tímida, para não dizer ingênua, impulsionado e afetado por situações ocorridas em minhas salas de aulas de biologia no ensino médio, abandonando inclusive outro projeto que já estava em andamento, fui questionado e me enchia de incerteza, como: por que investir na temática do HIV e AIDS em uma tese de doutorado em um momento no qual os discursos que produzem essas enfermidades parecem estar naturalizados ou até mesmo com abordagens pedagógicas consagradas para lidar com a problemática? (seja nas escolas, ou em campanhas promovidas pelas diversas instâncias de saúde pública).

Vale destacar que no campo de pesquisas dos estudos culturais, por exemplo, desde o final da década de 1990 pesquisas nacionais de alta qualidade já haviam sido produzidas, como as de: Dagmar Estermann Meyer e colaboradores (2004); Dora Lúcia Leidens Correa de Oliveira e colaboradores (2004); Luís Henrique Sacchi dos Santos e colaboradores (2005); Claudia Carneiro da Cunha (2011); Luiz Felipe Zago e Luís Henrique Sacchi dos Santos (2013); que problematizaram, entre outros pontos, biopolíticas que atravessam os corpos soropositivos contribuindo para o fortalecimento do estigma social da doença; questões de gênero presentes nas campanhas publicitárias do Ministério da Saúde direcionadas às mulheres; a responsabilização do indivíduo para problemas de saúde coletiva, logo de responsabilidade governamental, presente em tais campanhas; a (con)formação de jovens vivendo com HIV a respeito de que são sujeitos conscientes, autônomos, responsáveis, ao mesmo tempo que representam perigos para a sociedade; os limites do conceito de empoderamento como estratégia de prevenção e resposta a epidemia de HIV e AIDS, destacando seu efeito de governo dos corpos, das autonomias dos indivíduos, em uma lógica de controle das subjetividades.

No entanto, causava-me certa angústia aceitar que as opções de pesquisa em HIV e AIDS e suas interseccionalidades fossem apenas os caminhos traçados pela biopolítica. “Pois a biopolítica, como Foucault a definiu, é gestão e controle da vida das populações, compatível com o que Deleuze chamou de ‘sociedade de controle’, tendo por limite inferior o rebaixamento biologizante da existência (vida nua)” (PELBART, 2016, p.14). Ou seja, a investigação interessada

nas relações de poder que estratificam de maneira bastante complexa corpos com HIV e AIDS em diversas instâncias culturais, podendo aprisionar a capacidade de afetação, de criação, de desejar, que compõe uma vida. Não que essas pesquisas não sejam e tenham sido importantes, muito pelo contrário! Pesquisas como essas possibilitaram diversas mudanças reais nas políticas públicas, nas campanhas de saúde e nos protocolos de atendimento das pessoas que vivem com HIV e AIDS (PVHA<sup>4</sup>). Porém, aos poucos notei que minha angústia estava relacionada com o desejo de encontrar as reações das PVHA a esses mecanismos sociais de controle, quais eram suas criações, seus desejos e lutas pela vida. Em suma, queria saber mais a respeito do que pode um corpo soropositivo ao HIV.

Pouco imaginava que a caminhada seria árdua e que às vezes me perderia, mas na medida em que fui conhecendo mais o universo do HIV e AIDS percebi que vivenciamos um momento histórico de grandes reviravoltas e contradições no universo da epidemia, que despertaram meu olhar investigativo e me fizeram perceber que ainda estamos longe de experimentar a sonhada calma.

As pesquisas que buscam a cura para o HIV e AIDS já produziram diversas tecnologias que possibilitam aos corpos que vivem tal condição experienciarem um modo de vida dito saudável. Em teoria, temos a disposição da população por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) uma ampla cartela de possibilidades para a prevenção combinada<sup>5</sup> e o tratamento do HIV e AIDS, em níveis de saúde coletiva, que vão além do mantra “use camisinha” de responsabilidade individual, como por exemplo: testagem rápida para triar o HIV, Sífilis, Hepatites virais; Profilaxia Pós Exposição ao HIV (PEP); Profilaxia Pré Exposição ao HIV (PrEP); Tratamento antirretroviral para pessoas soropositivos ao HIV; gel lubrificante; camisinha vaginal e peniana; acompanhamento médico e psicólogo. No entanto vale questionar: quem está tendo efetivo acesso a essas tecnologias? Quem consegue permanecer no tratamento? Porque há pessoas que não conseguem acessar esses recursos?

Resultados de pesquisas como dos estudos: *Opposites Attract*, divulgado na *9th International Aids Society Conference on HIV Science*, de 2017, em

---

<sup>4</sup> O Guia de Terminologia do UNAIDS, publicado em 2017, recomenda o uso de pessoa que vive com HIV (PVH), no entanto, diversos grupos militantes criticam essa decisão argumentando que a retirada do termo AIDS ignora que na atualidade muitas pessoas ainda desenvolvem esse quadro clínico. Assim, optei por manter o termo AIDS, concordo com os grupos militantes.

<sup>5</sup> Combinação de diferentes estratégias (métodos e ferramentas) para prevenir-se do HIV.

Paris; *Partner* apresentado na *21st Conference on Retroviruses and Opportunistic Infections*, de 2014, em Boston e *HPTN 052, Sixth International AIDS Society Conference on HIV Pathogenesis, Treatment and Prevention*, de 2011, em Roma, que analisaram milhares de casais sorodivergentes<sup>6</sup> que mantinham relações sexuais sem preservativo e não identificaram a transmissão do vírus de um parceiro para o outro, demonstrando a eficácia da terapia com antirretrovirais (TARV). Tais resultados têm contribuído para a mudança de diversos protocolos de prevenção e tratamento ao HIV ao redor de todo o mundo e transformado os modos de existência daqueles que vivem com o vírus.

Recentemente, em Julho de 2017, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) liberou a comercialização do auto teste de farmácia para triagem do HIV, com o intuito de ampliar as estratégias de diagnóstico das pessoas que vivem com HIV. A polêmica a respeito dessa modalidade de teste logo foi instaurada e divide opiniões entre aqueles que defendem ser uma estratégia que facilita o acesso com sigilo e os que argumentam que receber tal diagnóstico sem acompanhamento de uma equipe de saúde, serviço social, psicólogos e médicos, pode levar a efeitos adversos imprevisíveis, como até mesmo risco de suicídio.

As incertezas são muitas, a desejada cura parece estar distante e a epidemia tem crescido estatisticamente mais (e novamente) entre a população jovem. Segundo dados divulgados pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS-BRASIL, 2016), os dados do último Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, referentes ao ano de 2015, indica um crescimento alarmante de novos casos de infecções com HIV na juventude brasileira, no período de 2005 a 2014 a taxa de detecção de casos triplicou entre aqueles com 15 a 19 anos (de 2,1 para 6,7 casos por 100 mil habitantes) e entre os jovens de 20 a 24 anos, a taxa quase dobrou (de 16,0 para 30,3 casos por 100 mil habitantes).

Somado a isso, é recorrente nas diversas instâncias culturais a repetição de figuras produzidas no início da epidemia, por meio de discursos de autopreservação do corpo saudável, dos riscos e perigos em se relacionar com o sujeito que tem o HIV, reproduzindo marcadores simbólicos que remetem a um ser

---

<sup>6</sup> Casal em que um dos parceiros tem sorologia reagente ao HIV e o outro não reagente. No contexto dessas pesquisas citadas, todos os indivíduos com HIV tinham sorologia indetectável ao vírus, que se refere a uma carga viral com menos de 40 cópias de vírus por ml de sangue.

menos humano, mais vírus, associado a uma condição de fracasso na preservação do corpo saudável. Bem como argumentos que atribuem os altos índices atuais da epidemia de HIV e AIDS à ausência do medo ou a banalização do uso da camisinha. Uma onda de conservadorismos que produzem condutas moralizantes da sexualidade e da saúde experimentada pelos corpos, bem como uma pedagogia cultural que aparentemente busca estabelecer a diferença entre o permitido e o proibido, o normal e o patológico, gerando mecanismos de estratificação e marginalização social que inviabilizam práticas formativas, seja nas escolas, nos museus de arte ou em campanhas da área da saúde.

Como pesquisador do campo dos estudos culturais das ciências essa aparente naturalização e contradição entre os dados e as práticas da epidemia me afetaram, incomodaram e despertaram meu olhar, levando-me a traçar problemas investigativos para a criação desta pesquisa. Todavia, na tentativa de tornar compreensível ao caro leitor como se deu a delimitação da problemática investigada, não vislumbro outra maneira se não contando um pouco das condições de acontecimento que me possibilitaram tal movimento de pesquisa.

Assim, começo relatando uma situação do meu dia a dia em sala de aula como professor da disciplina de Biologia no Ensino Médio da rede estadual de ensino do Estado do Paraná, mais especificamente uma ocorrência no início do ano letivo de 2015, com uma turma de primeira série do período matutino, em uma escola central da cidade de Londrina, a qual também me sensibilizou a investigar essa temática. Durante tal aula, estava tecendo problematizações que levassem os alunos a criar uma compreensão a respeito das características gerais que didaticamente definem os seres vivos e propus um comparativo destes seres com as estruturas chamadas virais. Interroguei meus alunos com questões do tipo: os vírus possuem características biológicas de seres vivos? Que estruturas moleculares os formam? Como se reproduzem? Por que causam infecções? É importante reconhecer sua existência? Entre algumas imagens e exemplos de doenças provocadas por estruturas virais, expostos na TV laranja<sup>7</sup>, como: gripe, herpes, hepatite, resfriado, dengue, catapora, raiva, poliomielite e AIDS, rapidamente

---

<sup>7</sup> No Estado do Paraná, todas as escolas da rede estadual, em tese, tem em suas salas de aula, desde o ano de 2008, instalado um aparelho televisor tipo tubo de 29 polegadas na cor laranja, que possui uma saída USB, possibilitando aos professores um recurso audiovisual capaz de codificar e reproduzir as informações armazenadas em um pen-drive.



surgiram questionamentos a respeito do HIV e AIDS, e o seguinte diálogo se estabeleceu entre mim e os alunos:

Ana<sup>8</sup>: *Professor, porque AIDS não tem cura?*

(Pego de surpresa, por esse não ser o objetivo criado por mim para aquela aula e pensando rapidamente em como responder de uma maneira que fosse compreensível para os alunos naquele momento inicial da disciplina e satisfizesse a curiosidade pertinente da aluna, respondi pausadamente em um movimento de resgatar meus conhecimentos, “didatizar” e verbalizar).

*Eu: o vírus que causa a AIDS, doença chamada de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, é capaz de infectar células do nosso sangue que são específicas do sistema imunológico humano, especializadas em eliminar certos corpos estranhos do nosso organismo, como outros vírus e bactérias. A cada infecção, esse vírus, chamado de HIV, é capaz de mudar seu material genético, que controla suas ações, dando a ele maior capacidade de se esconder dentro dessas células, ficando dormente ou até mesmo não sendo destruído por certos medicamentos.*

Guilherme: *Nossa, que coisa maluca isso aí! Então esse vírus é mais potente, né?*

Ana (interrompendo Pedro): *Por isso que a pessoa que tem HIV morre?*

Eu: *Sim, ela fica com essas células do sistema imunológico em uma quantidade bem baixa, mas isso só ocorre se a pessoa não tomar regularmente a medicação existente, que mesmo não curando, permite a ela ter uma vida saudável.*

(Naquele momento respondi isso, sem mesmo compreender exatamente os processos biológicos descritos na atualidade que permitem ao sujeito soropositivo em tratamento com a medicação específica ter uma vida dita saudável).

Fernanda: *Professor, mas a pessoa com o vírus tem que tomar esse remédio pra sempre?*

Eu: *Sim, diariamente, pois até o momento não temos uma medicação disponível capaz de curar, eliminando o HIV do corpo.*

Guilherme: *Deve ser horrível, né! Além de ficar magro demais e com feridas no corpo.*

---

<sup>8</sup> Nomes fictícios, para manter o anonimato dos estudantes.

(Já com o tempo da aula acabando e tentando dar um fechamento para o assunto).

Eu: *Não deve ser uma rotina fácil, apesar de a pessoa viver bem, é uma responsabilidade grande, pois não pode esquecer-se de tomar a medicação para o vírus não ficar mais resistente. Por isso que é importante, atenção pessoal, utilizar o preservativo durante as relações sexuais, assim não ocorre troca de fluidos corporais que podem conter o vírus. Com preservativo é comprovadamente seguro, além de evitar a gravidez indesejada e outras infecções que mais para frente, ainda este ano, iremos estudar. Ok?! Então vamos retomar as características dos vírus, nós ainda não concluímos: os vírus podem ser considerados seres vivos?*

Ana: *MAAAS professor! Dá para saber se a pessoa tem o vírus? Tipo algum sintoma?*

Eu: *Não, é um vírus que não causa marcas visíveis no corpo. Então, quem tem uma vida sexual ativa sem parceiro fixo, é importante usar preservativos e mesmo assim, fazer regularmente um teste que detecta se tem ou não o vírus em seu sangue e iniciar, quando necessário, o tratamento para garantir uma vida saudável sem desenvolver a AIDS.*

Fernanda: *Deve ser triste ter que se proteger de quem a gente ama, pois acho que hoje em dia é difícil confiar nas pessoas, vai que ela não sabe que tem o vírus né?!*

(Com aquelas palavras batendo em minha mente, pensando no rumo que a conversa estava tomando, que escapava do planejado, com o tempo acabando, mas que me fizeram rapidamente abandonar o cronograma e alimentar aquela conversa, que mesmo sem a atenção de todos da turma, para mim também era muito mais interessante).

Eu: *Não pense assim, não seria criar uma barreira entre você e a pessoa amada, ou uma desconfiança geral em todo mundo, o ato sexual é algo prazeroso e o psicológico, o afeto, o carinho, quando estão bons, faz a gente querer cuidar-se de si, um amor próprio e ao outro. Usar preservativo não é uma punição!*

Giovana: *Ah, falando parece fácil né, mas tenho uma amiga que diz que os caras não gostam de usar camisinha.*

(Risos e brincadeiras emergem da turma, pelo discurso da aluna referir-se a outra pessoa, “uma amiga”, e possivelmente “denunciando” que era com ela).

Eu: *Galera, mais respeito! Esse assunto é muito interessante e faz parte da nossa realidade e da disciplina de biologia, toda dúvida ou curiosidade é bem vinda, melhor perguntar do que sair fazendo bobeira achando que é esperto. Isso que a Vitória está falando realmente acontece, existem muitos caras que são egoístas, machistas e tentam convencer a/o parceiro a praticar sexo sem preservativo. Não caiam nessa, OK?! Ninguém pode te obrigar a nada, o corpo é seu e as regras sobre ele também, certo?! (Peeeeeeeeeeeeeeeeé sou interrompido pelo sinal e preciso correr para a aula na outra turma) Gente! Como disse, mais para frente vamos ter oportunidade de conversar a respeito disso tudo, até semana que vem.*

Saí daquela aula intrigado, por que tanta curiosidade a respeito do HIV e AIDS? Fiquei pensativo durante aquele dia e imaginei diversas situações, como: será que tem algum aluno soropositivo? Ou algum parente ou pessoa próxima? Será que eles conversam isso com sua família? Que tipo de informação tem no livro didático deles? (Eu mesmo ainda não conhecia o material e imaginei que alguns pudessem depois daquela aula consultá-lo). Ao pesquisar no Google o que será que aparece de informação rápida sobre isso? (Pensando que pudessem pesquisar na internet ao chegar em casa e talvez confiarem nas primeiras fontes que aparecem).

Várias coisas se passaram em minha mente e como professor de biologia, doutorando da área de Ensino, com trajetória de estudos e pesquisas nas temáticas de gêneros e sexualidades, leituras pedagógicas do campo da Educação Sexual, das didáticas das ciências e tantos mais discursos que já interagi, críticos ou pós-críticos, não conseguia deixar aquela situação ocorrida durante a aula passar em vão. Mais do que atento à situação, fui afetado por ela, assim que terminou a aula registrei o diálogo ocorrido em um caderno já pensando que poderia me render alguma investigação.

Algo que parece produtivo questionar é porque aquela figura do HIV da década de 1980 foi retomada? Talvez eu não me incomodasse tanto com aquela figura se estivesse diante de uma geração que viveu o advento da AIDS, que viu seus ídolos definharem até a morte por meio das mídias que estampavam corpos monstruosos, que enterrou amigos, familiares ou entes queridos, que via nas altas doses medicamentosas, os coquetéis, uma punição por terem falhado, ou ainda, que tinha a sorologia HIV positiva como sentença de morte. Contudo, era diante a uma geração nascida na virada no milênio, no início dos anos 2000, em um tempo no

qual a medicação antirretroviral já permitia aos corpos terem sua carga viral suprimida, viverem de maneira dita saudável, controlada, com chances mínimas de transmitir o vírus por meio de relações sexuais, uma turma de alunos em que, aparentemente, ninguém conhecia um sujeito que vive com o vírus, ou muito menos que tenha desenvolvido a AIDS.

Em uma primeira análise, bastante ampla, podemos levantar a hipótese de que os discursos que repetem e arrastam tal figura para o presente são engendrados por diversas instâncias culturais, como as mídias, os livros, os professores, a família, a igreja e tantas outras, que recriam marcadores simbólicos de uma figura não desejada, uma condição de fracasso na preservação do corpo saudável. Uma conduta moralizante da sexualidade pautada numa lógica de pensamento biológico-higienista (FURLANI, 2016) e heteronormativa<sup>9</sup> que produz pedagogias culturais que buscam marcar a diferença entre o permitido e o proibido. Entretanto, se faz necessário investigar essa hipótese analisando mecanismos culturais envolvidos na produção desses discursos, com o intuito de desnaturalizar tais práticas e compreender que efeitos são produzidos nos corpos que vivem com HIV.

No dia daquela aula fiquei pensativo a respeito do episódio ocorrido, tentando compreender a origem da curiosidade dos alunos, os motivos da repetição de figuras do HIV e AIDS característicos do início da epidemia e ao mesmo tempo pensando em “um como” trabalhar com o assunto, a fim de possibilitar maior conhecimento adequado aos resultados de pesquisa atuais e ainda possivelmente minimizar preconceitos, entendidos como agenciamentos produtores de mecanismos sociais de exclusão, diante a questão da vida com o HIV.

Deixando um pouco de lado a crítica para minha aparente pretensão formativa e colonizadora daquele momento, que para mim representou um desejo em afetar meus alunos e proporcionar agenciamentos que estimulassem o aprender, mas que se fez pertinente relatar, pois me moveu para a busca de estratégias ao trabalho com o tema durante minhas aulas e me fizeram chegar ao objeto de estudo desta pesquisa. Como?

Posso explicar! Durante minhas buscas por estratégias e materiais, para a organização de aulas futuras, em livros, artigos e Google, deparei-me com o

---

<sup>9</sup> Padrões normativos pautados nos modos de vida heterossexuais, compreendidos como aqueles nos quais o desejo sexual está direcionado para o sexo oposto, em uma lógica restrita de gênero homem versus mulher.

*blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”<sup>10</sup>. Esse *blog* despertou minha atenção inicial pela riqueza de informações atuais pautadas no conhecimento científico em biociências e suas tecnologias que eram divulgadas por meio de uma linguagem acessível, atualizada e convidativa. Bingo! Estava diante daquilo que procurava para trabalhar com meus alunos, um material aparentemente de fácil compreensão e rico em informações científicas atualizadas que poderiam ser problematizadas.

Ao longo da exploração do *blog*, a primeira postagem que selecionei para o possível trabalho com os alunos era intitulada “Esqueça tudo o que você sabe sobre o HIV e AIDS”<sup>11</sup>, que descrevi e analisei em seções seguintes deste trabalho. Um título provocante, um texto sintético e com resultados atuais de pesquisas da área de biociências voltadas à busca de tecnologias para a cura do HIV e AIDS. Ao salvar a postagem no formato PDF para ser impresso, notei que o arquivo continha mais páginas que a postagem que eu acabara de ler. Logo notei também que isso acontecera pelo fato da grande quantidade de comentários que havia abaixo da postagem. Por curiosidade, comecei a ler esses comentários e quando me dei conta, já estava analisando-os. Tratava-se de discursos produzidos por corpos que se identificavam em sua grande maioria como soropositivo para o HIV, que naquele espaço teciam seus anseios, compartilhavam suas histórias de superação, a aceitação de sua condição pós-diagnóstico reagente para o HIV, os conflitos amorosos, o preconceito da sociedade, bem como conhecimentos a respeito dos discursos científicos que investigavam a desejada cura, os mecanismos biológicos de atuação do HIV no organismo descritos pelas ciências e, o que mais me chamou a atenção, relatos do quanto aquele espaço, aquele *blog*, tinha sido fundamental para eles compreenderem e conviverem melhor com sua nova condição de vida, manifestando orgulho de sua condição, positivando-a, e alegria na arte do viver.

Senti que aquele *blog* era um espaço que possibilitava aos corpos soropositivos aprenderem discursos oriundos das biociências atuais e compartilharem, de maneira anônima, experiências de vida, entre outras coisas, lidar com seus conflitos, com os fluxos de forças e recriar uma expectativa de vida dita saudável vivendo com o HIV. Logo passei a me questionar: seria aquele *blog* um

---

<sup>10</sup> SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**. Acessado em 25 de Novembro de 2015. Disponível em: <http://jovemsoropositivo.com/>.

<sup>11</sup> : SOROPOSITIVO, Jovem. **Esqueça tudo o que você sabe sobre o HIV e AIDS: In.:** SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**. Acessado em 25 de Novembro de 2015. Disponível em <http://jovemsoropositivo.com/2014/11/13/esqueca-tudo-o-que-voce-sabe/>

lugar privilegiado de aprendizado a respeito dos discursos atuais das biociências e suas tecnologias? Que discursos são esses? Há diferenças entre tais discursos e aqueles circulados nas escolas, nas intervenções de Educação Sexual, nos livros didáticos e até mesmo nas campanhas da área da saúde? Que relações são estabelecidas entre os corpos atuantes no *blog*? Qual a importância do discurso científico presente naquele lugar? Seria mais um lugar pedagógico? Ou teríamos funcionando um tipo de educação menor (GALLO, 2013)? De que maneira? Em suma, que lugar era aquele?

Diante esse acontecimento me senti afetado e mergulhado naquelas histórias e informações que aparentemente produziam outros sentidos para a vida daqueles corpos que por lá circulavam frente a tantas condições culturais adversas. Sentidos produtores de modos de ser soropositivo ao HIV bastante diferentes do que eu podia imaginar antes de desenvolver este trabalho. Para aqueles corpos as relações estabelecidas no *blog* aparentemente proporcionavam um lugar em que outras possibilidades de vida eram engendradas, para mim, um produtivo objeto de pesquisa que me fez borbulhar ideias investigativas. Um convite irrecusável de pesquisa a ser criada foi selado.

Certamente foram minhas afetações, intensificadas por minha trajetória e formação acadêmica, que me possibilitaram problematizar e enxergar naquelas postagens um produtivo material para a construção de uma investigação. De fato, foi o que fiz para este trabalho de tese de doutorado.

Como já anunciado, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar potencialidades do *blog* “Diário de um Jovem Soro Positivo” em proporcionar a criação de modos de existência, bem como caracterizar as práticas contemporâneas dos corpos soropositivos ao HIV. Para tanto, além de minhas sensações, precisei buscar por conceitos e lógicas de pensamento que despertassem em mim uma potência criativa analítica. Nessas buscas, fui encontrando pistas de caminhos a seguir, ou melhor, a construir. Parti de discussões do campo dos estudos culturais, como a Pedagogia dos Monstros e a produção cultural da identidade e da diferença, para pensar em mecanismos culturais que sustentam a lógica dos processos de diferenciação entre ser HIV soropositivo e soronegativo. Entretanto, boa parte desses referenciais aprisionava ou conduzia meus pensamentos para um fechamento das ideias e não me ajudava a pensar nos modos de existência que eu sentia a partir da leitura dos tantos comentários registrados no *blog* em questão.

Foi nesse caminhar, meio a crises de produção e me sentindo em muitos momentos incapaz de realizar a análise desejada que, inspirado pelos incansáveis conselhos do meu orientador, escolhi saborear mais os dados, no caso os comentários no *blog*, e descrever os movimentos de produção que lhe eram próprios. Com as sensações que explorei inicialmente nesse saborear, pude perceber movimentações que me pareciam estar relacionadas às dobras de Deleuze/Foucault: discutidas por Gilles Deleuze como soluções a Michel Foucault.

A cada relação que eu estabelecia com os comentários postados no *blog* e pensando inicialmente junto com o conceito de dobra, consegui aos poucos começar a produzir e enxergar movimentações que eram coerentes com aquilo que sentia no universo dos dados. Movimentações essas que eu acreditava abrir para a produção de modos de existência com o HIV mais afirmativos e menos redutores de vida, da ordem da vontade de potência, daquelas intensidades capazes de ampliar a vida. Assim, comecei também a me perguntar: o que pode um *blog* na vida de corpos soropositivos ao HIV?.

A partir desses acontecimentos fui mergulhando no universo da filosofia da diferença calcada principalmente na produção de Gilles Deleuze e experimentando a cada leitura, a cada novo intercessor, uma potência do pensamento. Aos poucos fui percebendo a necessidade de suspender determinados conceitos e me apropriar de outros para dar continuidade ao desenho desta pesquisa, bem como que minha lógica de pensamento não estava separada das minhas sensações, afetações.

Assim, para me aproximar do objetivo geral deste trabalho me foi necessário: compreender mecanismos culturais que produzem figuras HIV soropositiva e soronegativa, destacando efeitos da diferença imbricados, bem como o próprio conceito de diferença, que me foi central para perceber que sua produção tanto gera diversidade, em uma lógica identitária, quanto transgressão, por meio da *pura* diferença, da ordem do acontecimento; entender a multiplicidade envolvida nos processos de subjetivação, com foco nos atos de criação, nos movimentos de dobra e nos Corpos sem Órgãos, traçando possíveis correlações; discutir, mesmo que brevemente, a natureza dos discursos produzidos pela biotecnociência e suas pesquisas em busca da cura do HIV e AIDS; olhar e analisar mais atentamente as relações estabelecidas no *blog* em questão; para enfim descrever e teorizar potencialidades dessa trama cultural em produzir modos de existência de corpos

soropositivos ao HIV na contemporaneidade, que também possibilitam compreendermos um pouco mais da complexidade subjetiva que compõem esses corpos, bem como entender, ou reconhecer, a importância social que uma mídia como um *blog* pode exercer.

Ao chegar ao momento de dizer que este trabalho se encerra, é preciso dar um título coerente para o mesmo. Uma tarefa que me foi difícil diante a multiplicidade na qual esta pesquisa me levou. Penso assim ser necessário explicar de antemão o título desenhado: EXISTÊNCIAS POSITHIVAS: UM *BLOG* COMO (NÃO)LUGAR E MODOS OUTROS DE [R(E)]EXISTIR COM HIV.

Existência PositHIVas lidas como vidas que se dispõem aos movimentos de afirmação, existências que em algum momento se fazem afirmativas, como senti ao ler os comentários postados no *blog*. Essa grafia da palavra positivas, contendo a sigla HIV, emprestei do universo de dados, dos comentários que ao expressarem suas afirmatividades da vida utilizam tal recurso, arrastando consigo a figura do HIV para essa afirmação, subvertendo a negatividade atribuída histórico culturalmente ao vírus.

Já a escrita (não)lugar, foi pensada para enfatizar que o *blog* se faz lugar e não-lugar, um espaço com efeitos duplos. Lugar: em seu ato de produção pelo autor, com fins políticos, militante, onde informações são veiculadas e acessadas pelos leitores. Não-lugar: uma condição singular, ocorrida diante dos efeitos causados nos leitores que por lá deixam seus registros, sendo os movimentos de criação analisados neste trabalho que o constitui não-lugar. Esse aspecto ficará mais compreensível junto às análises apresentadas.

Criar “modos outros” e “não outros modos”, entendendo que no primeiro caso abrimos a subjetividade para a inventividade dos corpos, para a experiência de uma diferenciação em que a diferença é *pura diferença*, abertura aos impossíveis, ou possíveis outros, não conhecidos de antemão, em contrapartida ao segundo em que diferença seria sinônimo de diversidade, de possíveis identitários. Com isso, meu intuito é tentar enfatizar a vida criadora, mais instauradora de impossíveis e menos reprodutora de possíveis.

Já a fórmula “[R(E)]EXISTIR”, é uma tentativa de compor três possíveis modos: existir, resistir e reexistir diante do HIV. Quais são suas diferenças? Para saber, convido o caro leitor a se aventurar em meu texto.



Cabe o adendo de que ao longo de meu texto o nome completo das e dos autores são apresentados em sua primeira citação. Optei por esse recurso com o intuito de visibilizar as produções femininas, uma vez que, nossa linguagem e as normas científicas nos impõem um padrão masculino, historicamente construído, que ao ler um sobrenome ao longo de um texto acadêmico nos induz a pensar que se referem a um autor do gênero masculino.

Em suma, apesar de seus fins formativos e acadêmicos, bem como do meu jeito professor de ser e escrever, não tenho a pretensão de ser compreendido em todas as palavras de meu texto, acredito que isso seria uma ousadia bastante moderna/colonizadora e confesso que às vezes tenho a sensação que eu também não as compreendo em sua plenitude. O que é essa tal plenitude? Também não almejo chegar nela. Enfim, nas páginas deste texto apresento ao caro leitor minhas experimentações diante aos rastros de existência deixados no *blog*, os conceitos que me foram úteis, bem como as conclusões que pude obter com este trabalho investigativo-afetivo.

## 1. SUPERFÍCIE TEÓRICA

Neste primeiro capítulo organizei aquilo que estamos acostumados a reconhecer como fundamentação teórica, porém, afetado pelo pensamento deleuziano, optei por tratar essa seção como uma superfície teórica. Tal posicionamento me permite enfatizar a potência criativa das relações transversais que se dão na superfície e recortam o caos, bem como estabelecer outras maneiras de me relacionar com os conceitos, abrindo o campo para experimentações e criações.

Organizei assim, nesta primeira parte, meus textos em algo parecido com ensaios, nos quais produzi a partir de conceitos, discursos ou teorizações de diversos autores, reverberando-os, deslocando e roubando alguns, chegando entre, criando com eles, junto com meus intercessores, como se me inserisse em uma onda preexistente em vez de ser a origem de um esforço. Confesso que por vezes foi necessário me afogar no mar de conceitos que pretensiosamente me joguei. Afogamentos que mostraram a mim mesmo meus limites e a necessidade de escolher outras ondas para surfar, ou apenas aprender processos pelas margens antes de enfrentar as ondas grandes. Contudo, essas estratégias permitiram eu criar uma alternativa aquela apresentação tradicional dos conceitos, como se tivessem existência própria, essencial, fixa, como aquela clássica síntese explicativa-interpretativa de como foram teorizados e utilizados por seus autores, de tal maneira como Sandra Corazza nos inspira:

Seguindo Barthes (2005), para que as escolhas que fazemos dos conceitos, textos, livros, obras dos outros passem para nós, é necessário defini-los como escritos por nós; e, ao mesmo tempo, torná-los outros, deformando-os por amor, desde que por eles fomos seduzidos. O que buscamos nos conceitos que desejamos é que alguma coisa ocorra: uma nova aventura, uma nova conjunção amorosa; e, por isso, a relação que estabelecemos com determinados conceitos do autor amado é a de que eles fiquem lá, como signos de nós próprios, inspirando-nos a passar do Prazer de Ler ao Desejo de Escrever (*Scripturire* = Querer-Escrever). (CORAZZA, 2013, p.18).

Em outras palavras, essa superfície tornou-se um lugar de encontros em que experimentei e profanei com leituras que despertaram em mim a potência do pensamento e o desejo de escrever, criando assim um texto singular com problemas investigativos que me são próprios e jamais “nietzschianos”, “foucaultianos”, “deleuzinanos”, “corazzianos”, da maneira apaixonada que um discípulo faria. Entretanto, isso não implica dizer que haja qualquer noção de autonomia ou pureza

em minha produção, como um sujeito cartesiano, muito pelo contrário, “[...] sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê” (DELEUZE, 2013, p.160).

Com tais ressalvas, este capítulo ficou composto por quatro seções. Na primeira apresentei meus pensamentos acerca dos processos de produção de diferenças de figuras HIV soropositiva e HIV soronegativa, contaminado pela pedagogia dos monstros e por intercessores da filosofia da diferença, que se tornaram produtivos para desnaturalizar esses processos criadores de efeitos da diferença que assombram diversos corpos de nossa cultura, possibilitando assim discutir a diferença identitária e a *pura diferença*. Essas discussões me ajudaram a pensar nas existências dos corpos soropositivos ao HIV.

No entanto, me foi necessário ir um pouco mais além para compreender mecanismos que tornam essas existências tão singulares e produtivas. Assim, na segunda seção foquei nas relações que o contexto social oferece como possibilidades para os modos de existência ocidentais contemporâneos, procurando evidenciar como os agenciamentos que governam os corpos podem afetá-los e sufocá-los. Com isso, na terceira seção discuti alguns mecanismos que permitem aos corpos criarem existências outras, modos de vida mais vivíveis e praticáveis.

Já na quarta e última seção deste capítulo, relativizei o papel das biociências, como campo de produção do conhecimento científico, na produção da figura do HIV, para, diante disso, descentralizar a existência do HIV dos meios de produção científica e enfatizar sua circulação e potência em tantas outras tramas culturais.

Tais elementos me foram cruciais, mais adiante, para analisar as histórias de vidas compartilhadas no *blog* “Diário de um Jovem Soro Positivo”, bem como outros fluxos por lá circulados, e assim problematizar potencialidades desse lugar em proporcionar aos corpos soropositivos ao HIV modos de existência outros diante ao contexto da epidemia de HIV e AIDS na contemporaneidade.

### 1.1 FIGURAS HIV SOROPOSITIVA E SORONEGATIVA: UMA ENCRUZILHADA MONSTRUOSA

Início esta seção relembrando o espanto, ou desconforto, gerado durante uma de minhas aulas de biologia no Ensino Médio quando questionei meus alunos da seguinte maneira: quem aqui se relacionaria com uma pessoa que tem HIV? Por

quê? Sabia que meu questionamento causaria algum tipo de inquietação e meu objetivo com essa provocação era que meus alunos pensassem, ou criassem argumentos, a respeito do porquê sim ou do porquê não se relacionar. Entretanto, minha surpresa foi ver olhos arregalados, ouvir um silêncio e sentir um conflito causado por uma situação aparentemente não pensada, não desejada, ou não autorizada. Silêncio que aos poucos foi quebrado por meio de discursos que produziam o corpo soropositivo como anormal, perigoso, que precisava ser evitado, junto a justificativas de preservação de um *status* de saúde inabalável.

Aquela situação me incomodou tanto quanto meus alunos, certamente por meio de olhares diferentes, mas todos inquietantes. Fui embora daquela aula pensando no estranhamento gerado, buscando entender os discursos manifestados de autopreservação do corpo saudável, dos riscos e perigos em se relacionar com uma pessoa que vive com HIV e AIDS (PVHA), junto a argumentos que produziam uma figura HIV soropositiva com marcadores simbólicos que remetiam ao sujeito dito aidético da década de 1980, um ser menos humano, mais vírus, um híbrido monstruoso.

Sem a pretensão de analisar aqui diretamente os discursos produzidos pelos meus alunos, diria que depois daqueles acontecimentos experimentados por mim, meu olhar analítico foi contaminado pela pedagogia dos monstros, de Jeffrey J. Cohen. Tal pedagogia trata-se de um “[...] esboço de um novo *modus legendi*: um método para se ler as culturas a partir dos monstros que elas engendram. [...]” (COHEN, 2000, p. 25), que a meu ver, se tornou produtiva para problematizar e desnaturalizar o processo de diferenciação entre as figuras HIV soropositiva e soronegativa que aparentemente ainda assombra, sejam meus alunos, meus amigos, ou os corpos soropositivos recém-chegados a rede construída no *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”, foco de análise deste trabalho. Bem como por filosofias da diferença que abriram caminhos para eu compreender ações afirmativas para além de uma lógica identitária, binária e excludente, indo nos descaminhos transgressores da *pura* diferença.

Inicialmente, e ainda de maneira bastante ampla, destaco que a figura do monstro produz uma lógica que instaura diferenças culturais geradoras de figuras subordinadas e contraditórias, demarcando aquilo que as relações sociais definem como não desejável, perigoso, proibido, ou seja, “[...] as fronteiras que não podem – não devem – ser cruzadas” (COHEN, 2000, p. 43).

A figura do monstro é produzida para advertir ou revelar determinados *status* que só fazem sentido quando postos em um intervalo que tentará fixar diferenças (COHEN, 2000).

Uma figura, ou figuração, nesse contexto, não é uma simples metáfora, entendida como um recurso semântico de comparação, mas sim um deslocamento do sentido literal, uma imagem do pensamento que nos ajuda compreender a constituição de modos de existência em nossa cultura e traçar “[...] um mapa cognitivo politicamente informado que lê o presente em termos da situação fixa de alguém” (BRAIDOTTI, 2002, p.09). Donna Haraway (2009), por exemplo, recorre à figuração para pensar contornos outros à subjetividade, como a figura do ciborgue, um híbrido humano-máquina que subverte representações convencionais ou instituídas pelos discursos normativos.

Isso nos ajuda a pensar na construção de figuras do HIV em nossa cultura, uma vez que uma figura HIV soropositiva monstruosa precisa ser criada e recriada pelos discursos normativos como a outra, estando assim subordinada à HIV soronegativa para fazer desta desejável ou um status de saúde a ser preservado, seja na rede sociotécnica científica, nas redes sociais, na escola, ou qualquer outra trama social.

Entretanto, há uma exigência de forças para manter essa fronteira da diferença viva, uma vez que as “[...] marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais” (LOURO, 2008, p.22). Isso evidencia o caráter construído e ao mesmo tempo desconstrutível dessas figuras, possibilitando inclusive que resistam a essas normatizações, sendo ora postas como opostas, distintas, excludentes, e ora se confundem, borram os limites das fronteiras e assumem significados outros.

Como destaca Guacira Lopes Louro, para pensar a produção dos gêneros e sexualidades,

A sutileza do embate cultural requer um olhar igualmente sutil. Há que perceber os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, porque, afinal, é disso que se trata. Em outras palavras, é preciso saber quem é reconhecido como sujeito normal, adequado, sadio e quem se diferencia desse sujeito. As noções de norma e de diferença tornaram se particularmente relevantes na contemporaneidade. É preciso refletir sobre seus possíveis significados (LOURO, 2008, p.21-22).

No contexto do HIV, as diferenciações buscam produzir as figuras HIV soropositiva e soronegativa, em que o vírus torna-se um marcador simbólico para diferenciar o corpo doente do saudável, o não desejado daquele que deve ser preservado, o sexualizado do puro, o profano do divino, o monstruoso do mais humano. Como uma reivindicação essencialista, “[...] pela qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído” (WOODWARD, 2012, p. 14).

Isso possibilita enfatizar que os conceitos de saúde e doença são mais construídos e menos naturais, deixando de ser, respectivamente, essência a ser preservada e mal a ser combatido. Assim, o processo saúde-doença é subvertido, deixando de ser atestado exclusivamente pelas Ciências da Saúde com seus métodos ligados à cientificidade e à objetividade (GAZZINELLI, 2006). O que por sua vez abre caminhos para compreender esse processo por meio da experiência, do sentir doente ou não, tendo a experiência como aquilo “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p.21).

Com isso, de acordo com Maria Flávia Gazzinelli (2006), faz

[...] sentido perguntar aos sujeitos se eles se sentem doentes. É assim que os gregos experimentavam a saúde – como harmonia, como equilíbrio, como liberdade – ao passo que a doença, como a perturbação da harmonia, do bem-estar e da entrega de si mesmo ao mundo (GAZZINELLI, 2006, p.37).

Essa compreensão grega do processo saúde-doença torna-se produtiva, pois podemos enfatizar que: um corpo pode conviver muito bem com seus vírus, bactérias, parasitas, doenças crônicas, excesso de tecido adiposo e sentir-se/estar saudável; e que o status de saúde só faz sentido quando há seu contraponto de doença, como se a saúde só fosse fabricada a partir do momento em que a doença aflora, perturba e mostra seus sinais de anomalia. Em outras palavras, pensando na lógica de diferenciação monstruosa, a figura monstruosa/anormal é criada para dar origem a figura saudável/normal. Sem o monstro, não há saúde.

Evidencia-se assim que tais diferenças não são naturais e sim construções sociais de ordem relacional.

Quanto à diferença, é possível dizer que ela seja um atributo que só faz sentido ou só pode se constituir em uma relação. A diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o

que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência (LOURO, 2008, p.22)

Perigosamente, esse jogo de norma e diferença nos induz ao pensamento da produção de identidades, em uma lógica na qual diferença é produtora de diversidade e lugares políticos identitários. Essa lógica esteve presente nos estudos culturais desde seus primórdios, sendo muito produtiva para o crescimento e a consolidação de suas pesquisas, bem como para os estudos feministas, estudos de raça, de classe, de sexualidade, de inclusão, de pedagogias nos espaços escolares e entre outros em que a identidade assume um caráter político, de luta pela vida, “[...] uma forma de organização populacional que permite a sobrevivência dos indivíduos de um determinado grupo ameaçado por tipos de grupos dominantes” (LOPES, 2017, p.196).

Reconheço a importância histórica e política das lutas identitárias, inclusive para a militância das PVHA, que sem estas muitas conquistas em nível de saúde pública e coletiva não teriam sido concretizadas, como: atendimento integral e universal à saúde de qualquer pessoa em território nacional; distribuição gratuita de terapias antirretrovirais e outras tecnologias de prevenção ao HIV; leis que criminalizam a discriminação de PVHA; o resgate do FGTS; entre outros.

Porém, quando a diferença é compreendida em movimentos produtores de identidade, ela não é capaz de transgressão, uma vez que “[...] se parto de um lugar identitário, [...] já delimito um campo e me inscrevo nos seus contornos, dificultando muito, para não dizer impossibilitando, a irrupção da diferença como *pura* diferença” (LOPES, 2017, p.198).

Como argumenta Corazza (2013, p.21-22), o Princípio da Identidade nos leva “[...] a esquecer tudo aquilo que é distintivo [...]”, despertando o pensamento da Representação, produtor de um modelo primordial, ideal (Uno, Padrão, Verdadeiro, Normal), a ser alcançado.

Além do que, a diferença identitária constitui-se em planos de organização (DELEUZE, GUATTARI, 2012b), característicos das sociedades de controle (DELEUZE, 2013), em que os discursos normativos empenham-se na estratificação dos corpos por meio de sutis agenciamentos coletivos, produtores de jogos de governo da população.

O plano de organização corresponde ao que está instituído socialmente de forma molar, ordenando o mundo e a subjetividade em segmentos, estratos,

de maneira dicotômica e dissociativa, codificando-a, registrando-a em processos classificatórios, via operações de transcendência, que formam estratos, segmentos que homogeneizam os fluxos da vida. Nessa superfície, os fluxos são presos a códigos, e cada termo ganha sentido opondo-se a outro (ROMAGNOLI, 2009, p. 170).

Nessas estratificações instauradas nos planos de organização, por exemplo, as identidades podem ser meticulosamente empregadas para aprisionar os corpos ao estigma da epidemia de HIV e AIDS historicamente construído, privilegiando uns e excluindo outros.

Cabe considerar também que nesses jogos de controle “A norma não emana de um único lugar [...]” (LOURO, 2008, p.22), pelo contrário, ela “Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos” (idem), lhe conferindo a capacidade de parecer natural, essencial, pronta como em sua origem.

Para os efeitos da diferença não estejam fadados ao sufocamento binário e hierarquizados, cabe considerar que a potência inventiva da figura do monstro está justamente na sua ambivalência, no seu funcionamento nos limites sem prestar reverência a eles. O monstro se faz ambivalente por ser fruto das noções identitárias produtoras de norma e diferença, ao mesmo tempo em que pode vir a retornar outro ameaçando tais construções de normalidade, ele “dramatiza tudo aquilo que nossa civilização reprime e oprime [...]” (DONALD, 2000, p.110), transbordando fronteiras e subvertendo regras.

Diante disso, podemos pensar as figuras HIV soropositiva e soronegativa para além de uma lógica de oposição e exclusão, na qual tais figuras não são um reflexo ou contraparte uma da outra. Essa transgressão, ou transbordamento das fronteiras, podem acontecer uma vez que a monstrosidade atribuída socialmente ao polo soropositivo se dá em um duplo, “[...] como a boneca que não está nem viva nem morta” (DONALD, 2000, p.118), constantemente ameaçada pelos resultados de pesquisas das biociências e tratamentos cada vez mais eficazes em busca da eliminação do HIV e cura da AIDS, retornando outra e assombrando nos limites da fronteira.

Nesses assombramentos, a figura monstruosa dramatiza marcadores simbólicos que não lhe foram autorizados em sua origem, ela amedronta o discurso normativo ao subverter seus privilégios, se apropriando de seu *status* de saúde, sua forma humana dita saudável, seus direitos reprodutivos, sua segurança em não



transmitir o vírus, sendo assim, um monstro de difícil identificação a olho nu, como aqueles ciborgues dos filmes de ficção científica que performam a humanidade.

Nas fronteiras, há um intervalo em que os significados são adiados, postos em suspensão. Temos uma superfície de indecisão, de encruzilhada, um plano de imanência, transcendental (DELEUZE, 2016b), caracteristicamente caótico, assim como uma vida, que instauram existências por meio de agenciamentos coletivos. Uma zona de contradições, confusões, incertezas, hibridizações, que se abrem à transgressão.

Esse intervalo também pode ser pensando como a fenda da *différance* de Derrida, na qual sempre haverá algum deslizamento em que o significado será diferido ou adiado, não conseguindo ser fixo ou completo, sendo sua presença um “traço”, sem pontos de fechamento, uma presença contingencial (WOODWARD, 2012).

Nos agenciamentos coletivos há processos de diferenciação em que diferença é tudo aquilo que nos faz devir outro, combinações de forças nas quais não há diferença em si e sim efeitos que podem abalar por sua vez qualquer noção de identidade vigente (ROLNIK, 2014).

Não há como pensar na afirmação da diferença, aberta a multiplicidade, se esta estiver submetida às amarras da representação, do mesmo e do igual, uma vez que diferença emerge do caos, daquilo que é imanente, das singularidades (DELEUZE, 1988).

Nesse sentido, falar de diferença é assumir movimentações não conclusivas, sempre em modos de vir a ser, em que tanto as fronteiras, quanto as possibilidades de transgressão são provisórias e vividas na experiência.

A afirmação da diferença provoca efeitos produtivos que podem levar os corpos a uma aventura de criação, em devir, tornando-os dispostos a ampliar seus universos referenciais com os afetos vividos em sua experiência junto ao mundo. Devir compreendido como processo de dessubjetivação, necessariamente abertura, multiplicidade dos eus,

[...] na medida em que arrasta os indivíduos dados para fora de sua identidade constituída, desmanchando ademais fronteiras [...], o devir-minoritário de cada um, é um chamamento a uma simultânea dessubjetivação e subjetivações eventuais, numa lógica inteiramente distante da identidade, da sujeição, do assujeitamento, para não dizer do sujeito [...] (PELBART, 2016, p. 255).

Ao considerar que a diferença também pode gerar experiências produtoras de aberturas, faz mais produtivo pensar em sentidos não-identitários por meio de uma lógica estética, das sensações, de criação de figuras e modos de existência sem medidas ou representações, em puro devir. Já que para se chegar a uma ideia uniformemente válida de identidade exigiria abandonar as diferenças que a produzem, os inúmeros modos de ser, de tornar-se, que compõem uma vida. Bem como desarticular das existências o devir, o não sabido, a experiência provisoriamente não capturada e inventiva.

Nesse sentido, a figura do rizoma explorada por Deleuze e Guattari (2011) torna-se pertinente para enfatizar a diferença afirmativa em detrimento da identidade-diversidade, uma vez que com o rizoma temos funcionando princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade e ruptura assignificante que potencializam linhas de produção-abertura e não negação-fechamento. Uma diferença afirmativa se vasculariza nas relações que ocorrem no entre, permitindo a criação de linhas de fuga não preestabelecidas, que por sua vez, poderão, ou não, contribuir para abertura ao devir.

Nos planos em que modos de existência são instaurados, as relações de poder estabelecem “pontos singulares” de subordinação, que dão abertura a mecanismos sociais de exclusão, marcando aplicações de uma força em reação a outra, mas não podemos esquecer que relações de poder são dispersas, infinitesimais, moleculares, “[...] não emanam de um ponto central ou de um foco único de soberania, mas vão a cada instante ‘de um ponto a outro’ no interior de um campo de forças, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção, resistências” (DELEUZE, 2005, p. 81).

Pensar em figuras do HIV, por uma lógica monstruosa, nos leva para movimentos complexos, em que tais figuras não são apenas imagens do pensamento, elas fazem parte da constituição de nossos modos de existência diante a epidemia do HIV e AIDS, ou seja, da maneira pela qual somos afetados pelo vírus, nos posicionamos nesse assunto, nos reconhecemos, experienciamos nossa sexualidade e produzimos corpos sexuados.

Contudo, na encruzilhada monstruosa produtora de figurais do HIV ao mesmo tempo em que a diferença pode ser construída com fins identitários pelos discursos normativos para marginalizar, essencializar, excluir e estigmatizar corpos não desejados, como nos tantos exemplos de exclusão e dominação ocorridos com

os corpos que fogem do padrão branco, heterossexual, cristão e HIV soronegativo, ela pode vir a ser celebrada e positivada, como nos movimentos minoritários em um processo de inflexão e resistência, ocorrida nos movimentos negros, gays, feministas. Como também, abrir-se a lógicas estéticas de criação, em que a diferença tem potência transgressora, em devir, fazendo-se *pura* diferença, emergindo figurações que se constituem nômades, inacabadas, híbridas, ambivalentes, que afrontam as tentativas de essencialização e produzem outras estratégias para reagir às hierarquizações de poder, seja em lampejos de criação ao longo de nossa existência, ou em manifestações artísticas que ressignificam os corpos que vivem com o HIV. Uma vez que há uma relação de infinitude dos processos de produção de diferença com as formas em que essas diferenças ganham sentido, estabelecendo tensões, mal-estar, experiências sufocantes, que exigem a criação de outras figuras de existências capazes de reabrir impossibilidades à vontade de potência.

Exemplos contemporâneos dessa positivação da pessoa vivendo com o HIV podem ser encontrados nas mídias, principalmente nas redes sociais presentes na internet que têm sido potentes lugares para PVHA reinventarem seus modos de existência com figuras outras para o HIV. O “Projeto Boa Sorte” do ator e diretor brasileiro Gabriel Estrêla é um desses exemplos. Nesse projeto Gabriel faz de sua vida uma obra de arte, expondo suas criações em plataformas como Facebook, Instagram e Youtube, nas quais cria e compartilha material discutindo tecnologias atuais de prevenção e tratamento do HIV, bem como suas experiências de vida diante o vírus. Esse projeto conta também com um musical em que Gabriel retrata sua trajetória de vida pós-diagnóstico soro reagente ao HIV até o início dos tratamentos com a medicação antirretroviral, destacando nesse caminho a importância de ter com quem compartilhar sua nova condição sorológica para o vírus.

O “Projeto Boa Sorte” repercute nas redes sociais e conta com o apoio do UNAIDS e no mês de Julho de 2017 Gabriel Estrêla foi capa da revista Galileu, **ilustração 1**, que trouxe uma matéria com dados atuais da epidemia, discussão de tecnologias de prevenção e tratamento das PVHA, relatos de ativistas e especialistas no assunto, entre outras pautas, que destacaram a possibilidade de qualidade de vida da PVHA e a ênfase de que na atualidade o estigma social é o

principal obstáculo para o enfrentamento da epidemia, tanto para a PVHA, quanto em níveis de estratégias de saúde coletiva.

**Ilustração 1:** Capa da revista Galileu de Julho de 2017.

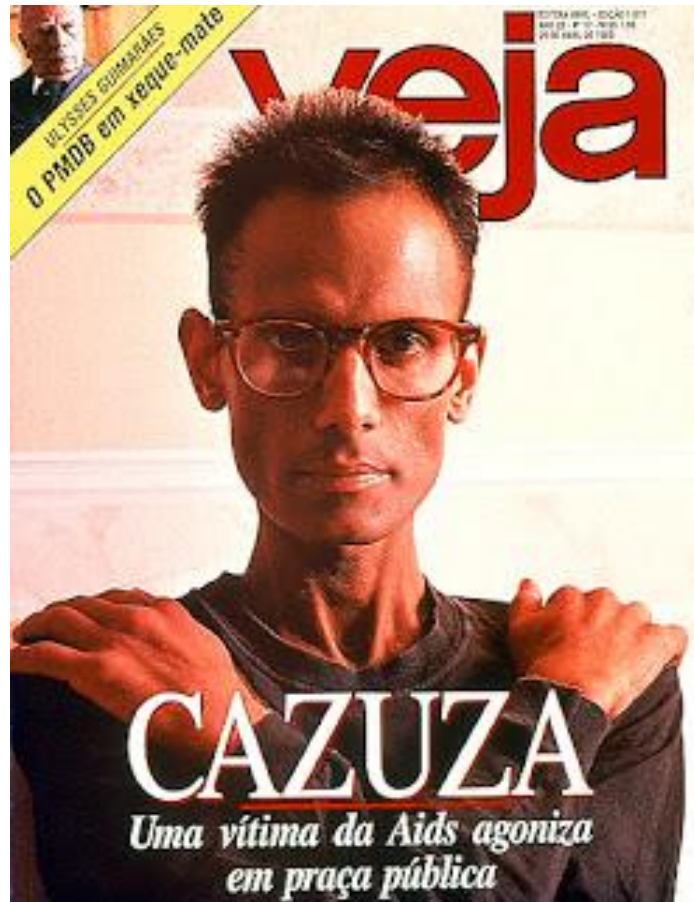


**Fonte:** Agência de notícias da AIDS. Disponível em:

[http://agenciaaids.com.br/home/noticias/volta\\_item/26627](http://agenciaaids.com.br/home/noticias/volta_item/26627). Acessado em: Agosto de 2017.

Essa capa chamou a atenção da grande maioria com a atualização da imagem da PVHA em oposição à emblemática capa do cantor Cazuza na revista Veja em Abril de 1989, **ilustração 2**.

**Ilustração 2:** Capa da revista Veja de Abril de 1989.



**Fonte:** Acervo digital da revista Veja. Disponível em:

<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/33469?page=1&section=1>. Acessado em: Agosto de 2017.

Com essas discussões iniciadas nesta primeira seção, organizei nas seções seguintes alguns pensamentos que me foram úteis para a compreensão de processos de criação de modos de existências outros, bem como para a análise dos dados coletados no *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”.

## 1.2 ESGOTAMENTO DA EXISTÊNCIA

Um dos acontecimentos que mais me afetaram durante aquela situação de aula relatada na introdução deste trabalho, em que discutia inesperadamente a temática do HIV e AIDS com meus alunos, foi o incômodo que senti diante dos discursos normativos que produziam uma figura monstruosa negativa para a pessoa que vive com HIV e AIDS (PVHA). Esse incômodo me levou a pensar: que efeitos tais discursos provocam em uma PVHA? Minha imaginação para esse incômodo era

angustiante. Em um processo de empatia, de pensar como seria estar no lugar de uma PVHA, imaginei que aquilo tudo poderia ser demasiadamente sufocante por acreditar que ninguém quer ser estigmatizado, marcado para ser excluído do convívio social. Minha angústia foi reforçada ao deparar-me com os comentários registrados no *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”, uma vez que, tive acesso a histórias que demonstravam a potência redutora de vida presente em discursos normativos como aqueles dos meus alunos, tão comuns em diversas instâncias culturais, como as mídias, os livros, a família, a igreja e outras mais.

A figura do monstro explorada na seção anterior permitiu-me pensar, inicialmente, na lógica identitária produtora de figuras dispare com fins de exercício do poder, dominação e controle dos corpos, ou ser celebrada, subvertida por coletivos minoritários, ao mesmo tempo em que me mostrou indícios de que a figura monstruosa poderia retornar outra e fazer-se ambivalente, assombrando nas fronteiras. Contudo, a lógica monstruosa exigiu-me a busca de pensamentos complexos para compreender como o corpo dito monstruoso poderia produzir reações, ou em outras palavras, de que maneira esse corpo poderia fazer-se ambivalente, levando-me a caminhos filosóficos, estéticos, que minha trajetória de professor de biologia jamais pudera esperar.

Assim, inicio essa parte da jornada tentando compreender mecanismos que compõem um contexto de instauração de figuras díspares, como as figuras do HIV soropositiva e soronegativa, que subjetivam existências, bem como os motivos que levam a exigência de criação de modos outros de existir.

Para tanto, começo pensando junto com Peter Pál Pelbart ao nos apresentar a figura do “sobrevivente”, de acordo com ele:

[...] quando a vida é reduzida ao contorno de uma mera silhueta, como diziam os nazistas ao se referirem aos prisioneiros, chamando-os de *Figuren* – figuras, manequins -, aparece a perversão de um poder que não elimina o corpo, mas o mantém numa zona intermediária entre a vida e a morte, entre o humano e o inumado: o sobrevivente (PELBART, 2016, p. 25).

O sobrevivente é um corpo esvaziado de sua potência de vida, de suas capacidades criativas, de sua “humanidade”. Ele é fruto desse poder que torna os corpos anestesiados, amortizando sua sensibilidade, porosidade, capacidade de afetar e ser afetado. Pelbart (2016) nos explica, com base em Giorgio Agamben, que o biopoder contemporâneo não faz morrer e nem viver, mas cria sobreviventes. Uma

sobrevida modulável, reduzida ao seu mínimo biológico, de tal maneira que todos estamos submetidos voluntariamente ao biopoder com base em preceitos científicos e estéticos.

Em outras palavras, nossa subjetividade é constantemente “[...] reduzida ao corpo, à sua aparência, à sua imagem, à sua performance, à sua saúde, à sua longevidade” (PELBART, 2016, p. 27). Fascismos que investem nos corpos e os fazem seguir preceitos identitários inalcançáveis, uma tirania da corporeidade perfeita e normativa.

Nos tempos atuais essa redução da subjetividade ao corpo (produtivo) e sua captura biopolítica não se restringe a regimes totalitários, mas que inclui também “[...] a democracia ocidental, a sociedade de consumo, o hedonismo de massa, a medicalização da existência, em suma, a abordagem da vida numa escala ampliada” (PELBART, 2016, p. 27). Como na sociedade de controle, produtora de agenciamentos que levam ao governo dos corpos. Em certos casos, isso traça modelos de uma vida boa, em outros arrasta uma parcela significativa da população a condições sub-humanas, inferiores.

Assim, na lógica identitária produtora de figuras HIV soropositiva e soronegativa, discutida na seção anterior, há forças normativas que aprisionam os corpos produzindo massivamente sobreviventes, formas de vida com baixa intensidade, em uma anestesia sensorial vivida por meio de possíveis já traçados, que reduz a vida “[...] à vida nua, à sobrevida, estágio último do niilismo contemporâneo” (PELBART, 2016, p. 30).

Cabe o adendo de que, segundo Pelbart (2016, p.14), o conceito de biopolítica foucaultiana seria a atualização do niilismo nietzchiano, compreendendo este como um “[...] declínio histórico-filosófico de uma matriz metafísica de negação da vida [...]”, de tal maneira que, por exemplo, “[...] a negação da vida operada como ‘produção’ de vida, a negação da saúde brandida como ‘produção’ de saúde [...]” (idem) seriam atualizações do exercício de poder. Tais atualizações podem ser notadas na mudança das sociedades disciplinares, em que o poder era exercido pelas instituições, o que permitia a transição da instituição para a vida, com um tipo de liberdade provisória, para as sociedades de controle, em que não há qualquer exterioridade, qualquer liberdade, os poderes operam por dentro, encarnando nos corpos, colonizando a vida e seu futuro.

Diante dessas condições, produtoras de sobreviventes, podemos notar a emergência de formas mais intensas que não suportam o sufocamento provocado pela anestesia sensorial da biopolítica, como o corpo esgotado.

De acordo com Deleuze (1992), o corpo esgotado não é um corpo cansado, uma vez que o primeiro esgotou todos os possíveis e o segundo apenas faz uma pausa na realização de algo e retorna a lógica produtiva. Assim, o corpo esgotado se esgota ao esgotar o possível.

O esgotamento não é um mero cansaço, nem uma renúncia do corpo e da mente, porém, mais radicalmente, é fruto de uma descrença, é operação de desgarramento, consiste num deslocamento – em relação às alternativas que nos rodeiam, às possibilidades que nos são apresentadas, aos possíveis que ainda subsistem, aos clichês, que mediam e amortecem nossa relação com o mundo e o tornam tolerável porém irreal e, por isso mesmo, intolerável e já não digno de crédito (PELBART, 2016, p. 50).

No contexto das figuras do HIV, penso que os modos de existência impactados pela figura soropositiva estejam mais susceptíveis ao esgotamento que os modos calcados na soronegativa, uma vez que a soropositividade é constantemente, e historicamente, estigmatizada pelos discursos normativos, podendo levar tais existências a uma relação intolerável com o mundo em que vivem fruto das forças que o compõem.

O que chama minha atenção para o pensamento de Pelbart é sua explicação de que tanto o nihilismo, quanto a biopolítica, tem um avesso, uma “[...] expansividade multitudinária (afetiva, subjetiva, coletiva) [...]” que se afirma como biopotência, “como se nos dois casos fosse preciso ir até o limite de um processo para virá-lo do avesso [...] como se revelassem a força do avesso que desde o início ali estava, virtualmente, fazendo pressão” (PELBART, 2016, p.14).

Esse pensamento nos leva a fita de Moebius, representada na ilustração 3, dada a reversibilidade que também lhe são intrínsecas. Tal analogia abre linhas de fuga, nos mostra a possibilidade do avesso, outro modo para além do sufocamento das relações de poder que aprisionam os corpos, que os tornam impermeáveis, blindados e podem levá-los a um nihilismo terminal.

**Ilustração 3:** representação da Fita de Moebius.





**Fonte:** Sítio eletrônico “Eduardo Rombauer”. Disponível em:  
 <<https://eduardorombauer.com/2015/07/28/868/>>. Acessado em: Dezembro de 2017.

Porém, como Pelbart nos alerta, há o perigo dessa imagem do pensamento nos induzir a um sistema fechado, em que haveria uma promessa de superação, ou algo como uma virada libertadora daquilo que aprisiona a vida.

Como o notou com justeza David Lapoujade, em Deleuze e Guattari um sistema nunca é fechado, ele foge por todas as suas pontas, por isso tenta conter, ‘repelir, submeter essa heterogeneidade que o mina do interior’. Nesse sentido, ‘não se trata de ultrapassar ou de reverter seja lá o que for, mas de *revirar* [...] percorrer a outra face [...], o fora (PELBART, 2016, p.15).

Assim, essa figura da fita de Moebius torna-se produtiva para enfatizar que o esgotamento não é fim, mas a evidência de que o limite deste fim foi experimentado, podendo levar ao advento de um avesso, uma vidência de possíveis outros à existência, uma subversão, para além da possibilidade da vida sobrevivente – esgotada.

Como destaca François Zourabichvili (2000, p. 337) “A abertura para outros possíveis trata-se de uma redistribuição de papéis e funções, em vias de subversão do conjunto das posições sociais possíveis, compreendida como mutação”.

Essa mutação a qual Zourabichvili (2000) se refere não seria a abertura de um novo campo de possíveis, mas sim uma subversão que afeta as condições em que um acontecimento pode ocorrer. Como exemplo, ele se refere à passagem de uma sociedade disciplinar para a de controle, na qual Deleuze descreve as condições de acontecimento históricas que proporcionaram a instalação de um novo regime de dominação.

Desse modo, mutação refere-se ao acontecimento e este, por sua vez, não abre um campo de realizável, mas sim um campo de possíveis para a existência. Ainda de acordo com Zourabichvili (2000, p. 338),

[...] o possível não preexiste, ele é criado pelo acontecimento. É uma questão de vida. O acontecimento cria uma nova existência, produz uma nova subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...). Quando uma mutação social aparece, não basta tirar-lhe as consequências ou os efeitos, seguindo linhas de causalidade econômicas e políticas. É necessário que a sociedade seja capaz de formar agenciamentos coletivos correspondentes à nova subjetividade, de tal maneira que ela queira a mutação. É isso uma verdadeira 'reconversão' (ZOURABICHVILI, 2000, p. 343-344).

Diante disso, o acontecimento assume um papel fundamental para a criação de existências outras, mas é preciso que esse acontecimento afete nossa existência e abra para novos possíveis. Com isso:

Inverte-se a relação entre acontecimento e possível. Não é mais o possível que dá lugar ao acontecimento, mas o acontecimento que cria um possível – assim como a crise não era o *resultado* de um processo, mas o acontecimento *a partir do qual* um processo podia desencadear-se (PELBART, 2016, p. 48).

Cabe destacar também, como Zourabichvili (2000, p. 345) nos alerta, que “Só podemos responder ao acontecimento, porque não podemos viver em um mundo que não mais suportamos, na medida em que não mais o suportamos”. Para que o corpo esgotado crie seu avesso, uma vida vivível e praticável, “[...] é preciso que ela se tenha despojado de tudo aquilo que pretendeu representa-la ou contê-la (PELBART, 2016, p. 34)”, trace modos outros, diferentes daqueles que a esgotaram.

Com isso, se faz necessário, em determinados momentos da existência, chegar ao limite do suportável, onde os possíveis se esgotam, para assim, traçar seu avesso. Como Pelbart (2016, p. 36) comenta, “[...] às vezes é no extremo da *vida nua* que se descobre *uma vida*, assim como é no extremo da manipulação e decomposição do corpo que ele pode descobrir-se como virtualidade, imanência, pura potência”. Uma vez que, uma vida é pura imanência, “[...] feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades” (DELEUZE, 2016, p. 411).

Vale ressaltar que:

O esgotamento do possível é o esgotamento de um certo possível, aquele 'dado de antemão', o repertório de possíveis que nos é ofertado em forma de múltipla escolha a cada dia. [...] Para Deleuze, tal esgotamento nada tem de negativo, é apenas a condição para alcançar outra modalidade de

possível, o possível como o 'ainda não dado', o possível 'a ser inventado', e a ser inventado numa situação de 'impossibilidade', portanto, de 'necessidade'. O fim do possível corresponde precisamente à criação necessária de possíveis. (PELBART, 2016, p. 339).

Assim, quando os possíveis já não nos são possíveis, já não cabem mais para produzir vida vivível e praticável, apenas os impossíveis nos servem, nada menos que isso e para tanto, nos é exigido a criação de possíveis outros.

Dessa maneira, com o intuito de compreender tais atos de criações, discuti na seção seguinte mecanismos que podem ser acionados nessa arte do viver.

### 1.3 EXIGÊNCIA DE CRIAÇÃO DE EXISTÊNCIAS OUTRAS

Por que se faz necessário, em certas situações de nossa existência, criar modos outros de existir? O que nos leva a uma exigência de criação? O que nos faz acreditar que viver não é reinventar-se constantemente? Por que pensamos mais em termos de reprodução do que de invenção? Com tais questionamentos procurei discutir alguns modos que podem nos levar a rumos diferentes daqueles que exercemos até então, abandonar os atuais, mesmo que provisoriamente, e experimentar o avesso da existência.

De acordo com Suely Rolnik (2014) há momentos em que as forças do ambiente em que vivemos criam novas combinações capazes de gerar diferenças nos estados que conhecíamos e situávamos, levando-nos para fora de foco. Nessa desestabilização um mal-estar nos invade. Como as forças das sociedades de controle, ou biopolíticas, que investem nos corpos e podem levá-los ao estado de sobrevivente-esgotado, discutido na seção anterior.

Deleuze (2013) argumenta, diante sua leitura da obra foucaultiana, que há momentos em que experienciamos uma crise que nos coloca em contato com uma linha de superfície com o Fora. Uma linha que não conhecemos, para além do saber, e na qual nossas relações estão para além das relações de poder, em que “[...] o pensamento enfrenta a loucura e a vida, algo como a morte” (idem, 2013, p.141).

Entendo que esse limiar desenhado por Deleuze é sentido e conhecido pela experiência do corpo esgotado. No entanto, como vimos anteriormente, o

esgotamento não é o fim, mas quando se chega nele temos a possibilidade de abrir para a uma existência outra, uma vez que todos os possíveis foram esgotados.

Cabe ressaltar aqui, que no corpo esgotado a experiência do viver pode reduzir a vontade de potência em níveis tão baixos em que viver torna-se facultativo. Vontade de potência entendida com o pensamento nietzschiano como pulsão, desejo de vida, uma “[...] atividade criadora e como tal é alguma coisa que quer expandir sua força, crescer, gerar mais vida.” (DIAS, 2011, p.34).

É que Vontade de Potência, sendo a busca de um *plus* de potência, significa, conforme o exposto acima, a busca de uma *diferença qualitativa de força*. É Nietzsche quem o diz: Vontade de Potência não é ‘nem um ser, nem um devir, mas um pathos’ — e Blanchot arremata: a *paixão da diferença*. A paixão da diferença (Vontade de Potência) é, na busca de uma nova qualidade de força, a disponibilidade para a diferença entre elas. Um *plus* de potência, isto é, uma nova *qualidade* de força, só se dá quando nos expomos à *diferença* que a origina, portanto ao ‘espaço’ em que essa diferença é possível, o *Fora* (PELBART, 1989, p.122-123).

Reabrir-se para a vontade de potência pode ser um modo do corpo esgotado se expor a criação do avesso, da diferença afirmativa e fazer emergir novas possibilidades de vida, uma abertura e conexão com a exterioridade, o Fora.

Tatiana Levy (2011, p.102) nos ajuda a entender que o fora em Foucault remete diretamente ao plano de imanência em Deleuze, uma vez que “[...] o fora constitui o domínio das forças, das singularidades selvagens, da virtualidade, onde as coisas não são ainda, onde tudo está por acontecer”. Em outras palavras,

O Fora não é a plenitude de um vazio onde viriam alojar-se as diferentes forças previamente constituídas. O Fora é a distância entre as forças, isto é, a Diferença. O Fora será sempre um Entre, e se as metáforas espaciais ainda forem imprescindíveis, acrescentemos: não um espaço, mas ‘vertigem do espaçamento’ (Blanchot), criação de um espaço pela diferença de um entre forças (PELBART, 1989, p.121).

Em experiências nas quais os efeitos da diferença nos tiram de foco e produz um mal-estar, as novas combinações de forças nos fazem experimentar o intempestivo, entendido como uma diferença desestabilizadora das formas vigentes que nossa existência estava acostumada. Lidar com essa diferença pode nos colocar em uma exigência de criação para reconstituir um foco e construir outra figura (ROLNIK, 2014).

O que poderia ser tão intempestivo na experiência do viver? As possibilidades em nossa sociedade são quase que infinitas frente aos tantos discursos normalizadores, naturalizantes e excludentes produzidos pelas instâncias

culturais, como a escola, a igreja, as mídias, a família, a comunidade, o Estado e outras instituições. Na trama rizomática criada na publicação do *blog* que investiguei neste trabalho, por exemplo, uma experiência intempestiva de vida bastante relatada é o deparar-se com o resultado do exame de sangue laboratorial que informa: “sorologia reagente para o HIV”.

Porque tais palavras são tão desestabilizadoras ao ponto de serem intempestivas? Que afetos são capazes de gerar? Em um primeiro pensamento, antecipando uma de minhas sensações diante a análise dos comentários postados no *blog*, parece que para o indivíduo que se depara com tal diagnóstico, este o provoca um mal-estar, uma vez que uma diferença desestabilizadora invade sua existência. Tais corpos são bombardeados por fluxos que os forçam experimentar outra condição de vida, de sorológica para o HIV, desconhecida, incerta, diferente da exercida até então.

O mal-estar diante um acontecimento intempestivo é provocado porque a relação com o Fora não é uma abertura ao vazio, mas sim a um entre onde há o enfrentamento de forças que constituem um aforismo, relação com a intensidade.

Deleuze o disse bem na sua caracterização do aforismo: ‘O aforismo não é somente relação com o exterior, tem como segunda característica o fato de ser uma relação com o intensivo. E é a mesma coisa’. É a mesma coisa porque na relação das forças do Fora, a Diferença entre elas não é um puro vazio, mas constitui uma intensidade. Também por isso essa distância não pode ser entendida como “espaço”, mas como “espaçamento vertiginoso”. Vertigem é o estado intensíssimo que sentimos diante de um abismo, numa altura desmedida, quando nos defrontamos com uma distância assustadora. Vertigem é a distância traduzida em atordoamento, uma quantidade (de espaço) transformada em qualidade (intensiva), uma separação nos estirando por dentro e em direção ao exterior. O Fora como espaçamento vertiginoso é a diferença resultante do enfrentamento de forças (PELBART, 1989, p. 123).

Esse espaçamento vertiginoso, a qual Pelbart se refere com base em sua leitura de Deleuze, leva a uma experiência sufocante em que os possíveis já não servem mais, sendo assim exigido atos de criação.

Em atos de criação “É preciso haver uma necessidade [...], caso contrário nada há. Um criador não é um padre que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que ele tem absolutamente necessidade” (DELEUZE, 2016a, p.333). Assim, o que nos é exigido em acontecimentos intempestivos é o pensamento a serviço da vida em sua potência criadora (ROLNIK, 2014).

Como argumenta Deleuze,

O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas. Pensar é sempre interpretar, isto é, explicar, desenvolver, decifrar, traduzir um signo. Traduzir, decifrar, desenvolver são a forma da criação pura (DELEUZE, 2003, p.91).

Só pensamos e criamos quando somos forçados a isso. “Nenhum pensamento nasce de um impulso particular, mas é resultado de uma luta entre os impulsos, de uma luta pela potência” (DIAS, 2011, p.51).

Pois pensar para Nietzsche, Blanchot, Foucault, Deleuze e tantos outros não é uma faculdade, mas abertura em relação ao Fora. Pensar será, por conseguinte, exposição às forças, na sua distância, no espaçamento que elas criam entre si, no Entre que a guerra entre elas cria a todo o momento. Pensar será abrir-se, na relação com o Fora, às Forças, ao Jogo e ao Acaso (PELBART, 1989, p.124-125).

Assim, cabe enfatizar que além do pensamento ser a gênese do ato de criação diante a exposição das forças do Fora, há “[...] um misto de acaso, necessidade e improvisação: acaso dos encontros, onde se produzem as diferenças; necessidade de criar um devir-outro que as corporifique; improvisação das figuras deste devir” (ROLNIK, 1993, p.05).

A meu ver, não se trata em dizer que a criação está na tristeza, nos afetos tristes, naquilo que reduz o desejo, mas na fuga desse estado redutor e busca pela potência. Deleuze (2002) inspirado em sua leitura da obra de Espinosa comenta, em uma lógica das sensações, que os afetos tristes têm o poder de reduzir nossa potência de vida, já os afetos alegres o de aumentar, ambos na ordem do acontecimento. Em que “todo acontecimento, toda mudança, é uma luta não pela vida, mas pela potência” (DIAS, 2011, p.37).

Com isso, recriar a existência, produzir potência de vida, fazer da existência um modo, uma arte, em uma terceira dimensão, abrir para os devires, não emerge de um ato de consciência, mas sim de uma necessidade de produção de modos viveis e praticáveis em níveis de afetação. Em que, torna-se necessário “[...] retomar o corpo naquilo que lhe é mais próprio, sua dor no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo e capaz de ser afetado por elas: sua afectibilidade” (PELBART, 2016, p.32).

Nas sociedades de controle, essa afectibilidade dos corpos é anestesiada, produzindo sobreviventes acostumados com a dor sentida diante a

exterioridade, podendo levar ao seu esgotamento, como discutido anteriormente. Para o corpo sair desse estado amortizado, enfrentando o mal-estar vertiginoso, se faz necessário reativar sua afectibilidade, seu corpo sensível, sua capacidade de inventar-se.

Essa reativação do corpo sensível não é algo simples, como Rolnik (2002) discute, é algo que vai para além da dimensão psicológica, da percepção e do sentimento. É um algo a mais que nos exige sensação e que ela denomina de corpo vibrátil.

Na relação entre a subjetividade e o mundo, intervém algo mais do que a dimensão psicológica que nos é familiar. [...]. Esse “algo mais” que acontece em nossa relação com o mundo, se passa numa outra dimensão da subjetividade, bastante desativada no tipo de sociedade em que vivemos, dimensão que proponho chamar de “corpo vibrátil”. É um algo mais que captamos para além da percepção (pois essa só alcança o visível) e o captamos porque somos por ele tocados, um algo mais que nos afeta para além dos sentimentos (pois esses só dizem respeito ao eu). “Sensação” é precisamente isso que se engendra em nossa relação com o mundo para além da percepção e do sentimento. Quando uma sensação se produz, ela não é situável no mapa de sentidos de que dispomos e, por isso, nos estranha. Para nos livrarmos do mal-estar causado por esse estranhamento nos vemos forçados a “decifrar” a sensação desconhecida, o que faz dela um signo. Ora a decifração que tal signo exige não tem nada a ver com “explicar” ou “interpretar”, mas com “inventar” um sentido que o torne visível e o integre ao mapa da existência vigente, operando nele uma transmutação (ROLNIK, 2002, p. 44-45).

De tal maneira que nessa decifração da sensação desconhecida nos é exigido inventar, inclusive outros modos de existência, para o enfrentamento da linha de superfície com o Fora (DELEUZE, 2013, 2005).

Nesse enfrentamento o pensamento abre para a possibilidade de fazer a travessia do invisível e indizível para visíveis e dizíveis, constituindo outras combinações de saber. Assim, nessas ações “Seria preciso ao mesmo tempo transpor a linha e torná-la vivível, praticável, pensável. Fazer dela tanto quanto possível, e pelo tempo que for possível, uma arte de viver” (DELEUZE, 2013, p.142). Uma experiência que torna necessário dobrar a linha do Fora, para “[...] constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar” (DELEUZE, 2013, p.142).

Essa descrição dessa imagem do pensamento nos leva a Dobra, reconfigurada por Deleuze junto às obras dedicadas a Foucault, de 1986, e a Leibniz, de 1988, entre outras que compõem sua obra rizomática, há uma complexidade semântica e um movimento no qual Deleuze faz uma flexão da força,

do fora e do poder. Um triplo mudar de posição geradora de “uma relação de força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si” (DELEUZE, 2005, p. 108).

Essa tripla flexão compreende um terceiro eixo, uma dobra, produtora de outro espaço, que se faz diferente dos poderes exercidos nas sociedades disciplinares, por meio do poder disciplinar do espaço, como as instâncias escola, fábrica, hospital, manicômio, prisão, e do tempo marcado nesses lugares, produtores de corpos dóceis, hábeis e úteis, bem como dos poderes das sociedades de controle e suas estratégias de poder que vão para além dos espaços fechados, como na educação, na saúde, na beleza, no gênero e na sexualidade, aprisionando dessa vez os indivíduos em um espaço aberto, em seus processos formativos intermináveis, gerando uma dívida impagável que mantém os corpos igualmente dóceis, hábeis e úteis, em que para Foucault, de acordo com Deleuze, “só haveria saída se o lado de fora fosse tomado num movimento que o desvia da morte. Seria como um novo eixo, distinto ao mesmo tempo do eixo do saber e do eixo do poder” (DELEUZE, 2005, p. p103).

Essa movimentação do lado de fora, distinta do saber e do poder, desviante da morte e produtora de vida, afetos, felicidade, cria uma experiência subjetiva produtora de eixos que se dobram. “O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora” (DELEUZE, 2005, p. p104).

Junto aos pensamentos de Deleuze (2005), para este trabalho dobra pode ser entendida como um desdobramento interior da força enquanto poder sobre si mesmo, como um cuidado de si. Com isso, a busca do lado de fora, só se efetuará em um profundo interno, negado por muito tempo por essa busca, de “relação” a “não-relação”, o fora tornou-se uma relação a si, um afeto a si, um poder que se exerce sobre si mesmo, criando essa dobra do lado de fora, não sendo esta outra coisa, e sim, o interior do fora, em uma terceira dimensão, a da subjetivação, para além do saber e do poder.

Uma experiência subjetiva que garante a direção de si mesmo, proposta por Foucault ao analisar as novas relações de poder inauguradas pelos gregos antigos em uma forma de governo de si. Em que “A fórmula mais geral da



relação consigo é: o afeto de si para consigo, ou a força dobrada. A subjetivação se faz por dobra” (DELEUZE, 2005, p.111).

Nesse movimento de dobrar a linha do Fora, uma reação de desdobramento ocorre, gerando ações dispares que fazem o movimento retornar, o faz pulsátil, traçando o próprio limite do pensamento. Esse eterno dobrar coloca as forças em uma relação consigo mesma, em que:

Não é mais o domínio das regras codificadas do saber (relação entre formas), nem o das regras coercitivas do poder (relação de força com outras forças), são regras de algum modo *facultativas* (relação de si) o melhor será aquele que exercer um poder sobre si mesmo (DELEUZE, 2013, p.145).

Nas dobras, dentro e fora se fundem em uma superfície de imanência, em que atualizações acontecem, sendo importante destacar que

[...] todo o espaço de dentro está topologicamente em contato com o espaço do lado de fora, independentemente das distancias e sobre os limites de um “vivente”; e esta topologia carnal ou vital, longe de ser explicada pelo espaço, libera um tempo que condensa o passado no lado de dentro, faz acontecer o futuro no lado de fora, e os confronta no limite do presente vivente (DELEUZE, 2005, p.127).

Esse dentro criado a partir da dobra do fora se torna um modo de produzir vida na linha do Fora, fazendo dessa superfície de troca algo vivível e praticável. Nesse movimento, caso as forças da vida forem mais resistentes, experiências nômades podem vir a borbulhar e o corpo potencialmente volta a abrir-se para intensidades em que temos a possibilidade de criar para si um Corpo sem Órgãos (Cso).

CsO é um conceito criado por Deleuze e Guattari, junto a suas leituras de Artaud, muito mais para traduzir um conjunto de práticas, que uma ideia definida/fechada. Tal conceito expressa estilos de vidas, modos de existência e sensações, que intensificam a capacidade corporal de afetar e ser afetado, levando-o a composição de linhas de fuga, de novas subjetivações, em pura potência de existir, em devir.

Diante essa imagem os órgãos adquirem fins delimitados, funções conhecidas, estratificações, quando compõem um todo redutor dos atos de criação: o organismo. O CsO não é inimigo dos órgãos, mas sim do organismo.

O organismo não é corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer, um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e

hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair trabalho útil (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p.24).

Produzir para si um CsO não é tarefa fácil, implica em movimentações vibráteis e oscilatórias “[...] entre as superfícies que o estratificam e o plano que o libera (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p.27). Constituindo uma experimentação demasiadamente delicada, marcada por multiplicidades, que só se faz potente quando não estagna os modos e permitem os fluxos continuar circulantes, logo, só podem acontecer no coletivo.

Diante dessas características, Deleuze e Guattari nos dão algumas pistas de como não deixar o corpo permanecer estratificado (organizado, significado, sujeito), que merecem nossa atenção devido à riqueza de movimentações descritas:

Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um CsO. Conectar, conjugar, continuar: todo um “diagrama” contra os programas ainda significantes e subjetivos. Estamos numa formação social; ver primeiramente como ela é estratificada por nós, em nós, no lugar onde estamos; ir dos estratos ao agenciamento mais profundo em que estamos envolvidos; fazer com que o agenciamento oscile delicadamente, fazê-lo passar do lado do plano de consistência. É somente aí que o CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p.27).

Tais movimentos são ávidos por aquilo que amplia a vida, em sua potência criadora, e nos fornecem sutis modos de como sentir o acontecimento de um CsO. Em minha leitura, ou maneira de pensar até então, não consigo desassociar o acontecimento de um CsO com a emergência dos movimentos de dobra, uma vez que estes são fruto de uma experiência subjetiva que exprimem nossos modos de afetar-se e afetar as linhas estratificadas de saber e poder para potencialmente reverberá-las, transvalorar, para criar nossa existência.

Transvalorar, pensando a partir da obra de Nietzsche, em que o conceito assume potência de destruição, inversão e transformação. Destruição dos lugares onde os valores são engendrados, inversão do idealismo que sustenta os valores e transformação dos mesmos criando outros que não prestam reverência

aos anteriores. Ações que permitem ao homem exercitar sua criatividade para a produção de outras éticas (BITTAR, 2003).

O que não implica dizer, como bem já ressaltaram Deleuze e Guattari (2012), que esses movimentos são obrigatórios e atingíveis facilmente por qualquer indivíduo que em um lapso de consciência assim desejar. É preciso afetar-se, “no momento em que sentimos tocados por alguma coisa e nosso ser animal responde por essa provocação, produzimos o estado estético – aquele em que transfiguramos as coisas” (DIAS, 2011, p.69).

Assim, “Não há sujeito, mas uma produção de subjetividade: a subjetividade deve ser produzida, quando chega o momento, justamente porque não há sujeito” (DELEUZE, 2013, p.145). O que nos permite compreender que a subjetividade não é um movimento estritamente interno, intra-psíquico, associado a uma essência, uma pessoa ou ainda a uma identidade e sim um movimento da ordem da produção, experimentação, social, heterogênea e coletiva.

Com o intuito de enriquecer esses pensamentos, trago para este texto a argumentação de Stubs, Filho e Peres (2014) ao pensarem em modos de existir “ético-estético-políticos”, compreendendo:

Ético, posto que implica o reconhecimento da alteridade, não enquanto tolerância ou intolerância, mas como coexistência de diferenças. Estético, pelo convite à criação de novos processos de existência. Político, visto que criar se opõe a reproduzir, implicando compromissos e riscos que se conjugam nas ações e posições assumidas (STUBS, FILHO, PERES, 2014, p.786).

Acredito assim que essa tríade “ético-estético-política” não pode ser desconsiderada na análise de modos de existência, uma vez que expressam a complexidade das produções subjetivas de ordem criativa em uma lógica da sensação, que positivam o desejo de viver e intensificam as experimentações nas tramas culturais.

#### 1.4 BIOTECNOCIÊNCIA E A PRODUÇÃO DO HIV: QUANDO A CIÊNCIA GERA INCERTEZAS

Ao pensar em questões afins do desenvolvimento científico em biociências na contemporaneidade, como no caso das pesquisas que investigam e buscam a cura para o HIV e a AIDS, é inevitável não esbarrar por discussões que tratam das

relações entre ciência, tecnologia e informação. Autores como Milton Santos (2004), mesmo que preocupados com os impactos negativos gerados pelos atuais processos de produção científico-tecnológicos, argumentam que a relação entre ciência e tecnologia nos tempos atuais configura-se com o desenvolvimento e a profunda interação entre ciência, técnica e informação, impulsionadas pela incorporação de componentes da microeletrônica e da comunicação às técnicas mecanizadas, surgindo objetos cibernéticos.

Sabe-se que dessas relações emergiram conjuntos de técnicas que possibilitaram uma reestruturação dos processos econômicos e espaciais das sociedades atuais, alterando as configurações dos processos produtivos e de apropriação da natureza. Sendo assim possível destacar mudanças no cenário cultural e suas relações interpessoais, como a redução de distâncias, do tempo de transmissão de informações, de produção e de circulação de mercadorias, de pessoas e de ideias, não precisando ser um especialista para perceber tais influências nos modos de viver das sociedades ocidentalizadas.

As biociências contemporâneas parecem ter se expandido intensamente com essas relações entre ciência, tecnologia e informação, de tal maneira que as fronteiras entre esses três campos de produção foram borradas, não se sabe mais se é a necessidade de compreender os organismos e seus mecanismos biológicos que impulsionam o desenvolvimento de tecnologias específicas, ou se é a tecnologia que permite compreender determinadas funções e mecanismos dos organismos, ou até mesmo descrevê-los no instante em que são criados, como evidencia Bruno Latour (2001) ao descrever a produção do par humano e não-humano por meio da trajetória de Pasteur e seus micróbios. Com a trajetória do vírus da imunodeficiência humana, popularizado por sua sigla em língua inglesa HIV, bem como para a síndrome da imunodeficiência adquirida decorrente da ação de tal vírus, aparentemente não foi diferente.

Em um período dito técnico-científico-informacional (SANTOS, 2004), emergem modos de produção de conhecimento caracterizado como biológico, nos quais, a dinâmica de produtividade inventiva está marcada pelos cada vez mais novos sistemas de processamento de informação, abrindo a possibilidade de transcender, em *devir*, os limites da solitária Biologia, com “B” maiúsculo, orgânica e regida pelo tempo biológico natural da evolução darwiniana.

Paula Sibilia (2002, p. 11) destaca que “A informática, as telecomunicações e as biotecnologias representam três áreas fundamentais da tecnociência contemporânea”. Nesse campo de batalha, em que é possível identificar várias marcas tecnocientíficas nas biociências contemporâneas, o que nos faz interessados não é os meros dispositivos tecnológicos, nem muito menos a construção de novos conhecimentos na dinâmica do desenvolvimento científico, mas sim, a matriz sociotécnica que faz emergir diversos atores, atuantes nessa rede tecida por agenciamentos coletivos, produtiva em sua inventividade para além do orgânico, da matéria, sob a égide da incerteza e do *vir a ser*, que possibilita romper com tradições de pensamento científico, conceitos consolidados da biologia, como também, criar novas experiências culturais, modos de vida e processos de subjetivação.

Em tom provocativo e nos fazendo pensar para além dos limites do orgânico, Sibilia comenta que

De acordo com um estudo publicado na revista *Scientific American*, a evolução tecnológica seria dez milhões de vezes mais veloz do que a evolução biológica. Nesse ritmo, uma pergunta é inevitável: como pretender que o velho corpo humano – tão primitivo em sua organicidade – não se torne “obsoleto”? A atualização tecnocientífica da velha estrutura orgânica já não obedece às ordens arcaicas da evolução biológica (SIBILIA, 2002, p.15).

Na tentativa de melhor compreender o papel da biotecnociência na produção do HIV e da AIDS, me apropriei do pensamento filosófico do sociólogo português Hermínio Martins, apresentados em seus ensaios “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica” e “Tecnologia, Modernidade e Política”, de 1996, pois esse autor provoca compreensões a respeito das relações entre tecnologia e conhecimento a partir de dois mitos da cultura ocidental, analisando assim, as bases da tecnociência moderna e contemporânea, o que me pareceu ainda pertinente. Dos gregos, ele traz o clássico Prometeu, aquele titã que disponibilizou aos homens o fogo e por meio deste, a tecnologia, recebendo um severo castigo dos deuses, revelando a arrogância da humanidade em usurpar prerrogativas divinas com bases em saberes terrenos. O outro é Fausto, de origem alemã, sustentada por nomes como Martin Heidegger e Oswald Spengler, um personagem que perde o controle das energias de sua mente, passando estas a terem vida própria, dinâmica e

altamente explosiva, com desejo de crescimento infinito e superação de suas próprias possibilidades, compactuando com o diabo, correndo sérios riscos.

Para Martins (1996), a tradição prometeica de desenvolvimento tecnocientífico visa dominar a natureza a fim de atingir o bem humano, defendendo o papel libertador do conhecimento científico, em prol da emancipação dos sujeitos, melhorando inclusive as condições de vida por meio de novas tecnologias provindas da dominação racional da natureza. Ele argumenta ainda, que há uma crença na ciência como conhecimento puro, capaz de fornecer bases científico-industriais à sociedade racional habilitada a acabar com a miséria humana. Encontramos nessa tradição, um pensamento clássico de Ciência, com “C” maiúsculo como diria Bruno Latour, marcada por inspirações iluministas e positivistas, sob o sonho moderno de um futuro com ordem e progresso.

Nas palavras de Sibilía (2002), nessa tradição:

Os conhecimentos e as técnicas dos homens não são todo-poderosos; seus “dedos profanos” não podem perturbar todos os âmbitos, pois há limites que devem ser respeitados. Como se depreende logicamente de seus postulados, o progresso dos saberes e das ferramentas prometeicas redundam em um certo “aperfeiçoamento” do corpo [transbordo essa compreensão para um “aperfeiçoamento do biológico, do organismo, da matéria”], porém este será sempre naturalista e não-transcendentalista; ou seja, não pretenderá ir além dos limites impostos pela “natureza humana” [biológica, orgânica, material]. Pois, de acordo com essa visão, os artefatos técnicos constituem meras extensões, projeções e amplificações das capacidades próprias ao corpo humano (SIBILIA, 2002, p.46).

Assim, em contrapartida, entra em cena a tradição fáustica, que teria como meta ultrapassar a condição humana (extrapolo a ideia para a “condição biológica”, “orgânica”, “material” ou “simplesmente essencialista de corpo”). Como explica Martins (1996), a produção de conhecimento científico não buscaria mais a verdade, ou aquele conhecimento de uma natureza íntima, e sim, uma compreensão dos fenômenos para exercer previsão e controle, em que o programa tecnológico deixa de ser um subproduto da ciência e passa a ser seu objetivo primordial. Sibilía (2002) destaca que a tradição fáustica possui uma aspiração transcendentalista que almeja ultrapassar todas as limitações biológicas ligadas à materialidade do orgânico, inclusive a mortalidade, enxergando no instrumental tecnocientífico um poder inventivo, capaz de criar vida, novas “criações ônticas”, tendo condições para “[...] redefinir todas as fronteiras e todas as leis, subvertendo a antiga prioridade do

orgânico sobre o tecnológico e tratando os seres naturais preexistentes como matéria prima manipulável” (SIBILIA, 2002, p.50).

Martins caracteriza o cenário contemporâneo de relações tecnocientíficas como uma tradição fáustica do pensamento ocidental. Vale destacar que essas tradições podem ser entendidas como linhas de pensamento, que estão em perpétua tensão, tocando-se em alguns pontos ou convivendo no mesmo período histórico.

Contudo, a inventividade explosiva da tradição fáustica me afeta de maneira produtiva, abrindo caminhos de incerteza no campo das biociências e suas pesquisas que investigam e buscam a cura para o HIV e a AIDS, que merecem maiores atenções em suas profícuas artimanhas criativas, uma vez que fazem borrar os limites impostos pela conceituação biológica, profanando os saberes que produzem corpos e subjetividades. Como também, não dá para deixar de lado as possíveis aberturas que esse pensar nos possibilita para discutir pedagogias que ensinam biologia, extrapolando seus lugares consagrados, autorizados e institucionalizados.

Temos assim nos recentes avanços da biotecnociência um potente arsenal técnico-informacional capaz de transcender os limites prometeicos de compreensão do conhecimento biológico e romper (como um vírus que se apropria de toda o metabolismo da célula na qual hospeda, para se multiplicar, expandir, modificar e ter existência própria) as fronteiras conceituais do orgânico, evolutivo e natural, produzindo potentes mediadores na rede sociotécnica como nos auxilia Bruno Latour (2012).

De maneira fáustica, há a construção de organismos cibernéticos, geneticamente modificados, transgênicos, máquinas orgânicas, subjetividades e corpos sem órgãos, entre tantos outros monstros híbridos que expõem a artificialidade da vida e assombram profanamente as culturas ditas científica, escolar e popular.

Como problematizado anteriormente, parece ser um consenso que a engenharia genética e a biologia molecular têm transformado a maneira de se compreender o conceito de orgânico, aquele natural, produto de um processo evolutivo de milhões de anos, que precisa de ajuda para ser preservado, mantido em sua natureza última. A biotecnociência fáustica já rompeu em parte com muitos dos “dogmas centrais da vida” e/ou da biologia, fazendo emergir os “pós-orgânicos”,

manipuláveis, “construíveis”, frankensteins bem sucedidos da atualidade, que não apavoram tanto assim, pelo contrário, são produtos de interesses econômicos e políticos.

Há diversas monstruosidades em nossa cultura, que perambulam as relações entre ciências, tecnologias e sociedades, que reinventam as lógicas de existências e relações de poder, pulverizando seus centros e atravessando os corpos. Como por exemplo, os organismos geneticamente modificados e transgênicos presentes na mesa do seio familiar, no mingau que nutre os futuros humanos, os corpos que hibridizam seus modos de existir com as mídias e artefatos tecnológicos, sobrevivem com próteses, marca-passos e tantos vírus, bactérias e parasitas, uma vez que,

Tal como demonstrado por Donna Haraway, a generalização da simbiose entre máquina e organismo, no mundo contemporâneo, torna cada vez mais difícil distinguir aquilo que é puramente organismo daquilo que é puramente máquina. Se com Darwin o homem tornou ontologicamente indistinguível dos outros seres vivos, a existência “real” de ciborgues torna problemática distinções ontológicas demasiadamente nítidas entre homem e máquina (SILVA, 2000, p. 18).

Ciborgues espalhados em nossa cultura que vivenciam as delícias do *upgrade* proporcionadas pelo arsenal tecnológico estão na prateleira e fazem parte do nosso dia a dia, das performances de gênero, sexualidade e suas práticas, produzindo subjetividades e abrindo os modos de existir para possíveis outros.

Com a produção do HIV não poderia ser diferente, uma partícula viral que tem sua existência e mecanismos de funcionamento/controlado atrelados ao arsenal tecnológico e seu desenvolvimento. Em suma, uma partícula que se atualiza, na rede sociotécnica, nas tantas possíveis associações entre humanos e não-humanos que a coloca em fluxo circulante na nossa cultura, ora se transformando nos discursos científicos, nas tecnologia, nas moléculas que interagem, ora nas mídias, redes sociais e nos corpos que lhe servem como meio de propagação e existência.

Elizabeth Macedo (2010, p. 18) destaca que “O momento atual poderia ser resumido por uma palavra: fluxo. Fluxo de capital, de informação e ideias, de pessoas. Em conjunto, tais fluxos dificultam a sobrevivência de totalizações e explicitam as diferenças”. Flávio Luiz T. de S. Boaventura comenta ainda que



O cenário do mundo contemporâneo encontra-se em pleno estado de fermentação das rápidas e sucessivas mudanças na cultura, gerando tarefas inéditas para o pensamento. Fluidas, escorregadias e territorialmente movediças, as tecnologias da informação diluíram as fórmulas engessadas da chamada cultura de massa, propiciando o surgimento de um saber em constante transformação. Tudo hoje parece fazer parte de um *fluxo contínuo*, sendo a mudança ininterrupta de todas as coisas a única “situação durável” (BOAVENTURA, 2010, p.22-23).

Todavia, uma pergunta paira nas ideias, como transcender a base material orgânica das biociências? Tomas Tadeu da Silva (2000) nos deixou uma pista em seu texto intitulado “Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica” ao problematizar a “teoria do sujeito”. Silva (2000, p. 17) argumenta que Gilles Deleuze e Félix Guattari desaparecem com quaisquer referências de sujeito como entidades ou substâncias ao desenvolverem uma “pragmática da subjetividade”, uma vez que, o mundo passa a ser concebido como constituído de “máquinas”, em que o que interessa são apenas seus efeitos, sem qualquer caráter essencial, mas simplesmente porque produzem. Com isso,

[...] não há qualquer distinção entre “máquinas” biológicas, humanas, mecânicas, eletrônicas, naturais, sociais, institucionais... As máquinas se caracterizam pelos fluxos que circulam entre elas: certas máquinas emitem fluxos que são “interrompidos” por outras máquinas, as quais, por sua vez, produzem outros fluxos, que são “interrompidos”, etc. [...] Não há qualquer tentativa, entretanto, de fazer remontar as ações a qualquer suposta origem [...] (SILVA, 2000, p. 17).

Ora, aí pode estar nosso possível caminho metodológico para direcionar a análise do blog “Diário de um Jovem Soropositivo”, vamos seguir as pegadas dos monstros! Suas condições de acontecimento. Esses produzidos na trama proporcionada pelo *blog*, produtor de conexões entre os discursos científicos das biotecnociências contemporâneas, com aqueles profanos engendrados em nossa cultura.

Dito isso, um campo de batalha se abre, diversas perguntas se colocam nos possíveis caminhos desta pesquisa, cheia de incertezas produtivas, tais como: que subjetividades são produzidas na trama rizomática proporcionada pelo *blog*? Quais são seus efeitos, fluxos, potências? Que agenciamentos são produzidos? Qual a potência desses movimentos? Ajudam-nos a repensar práticas pulverizadas nas escolas, em outras mídias, nos livros? Teria o ensino de biologia escolarizado ou as ações promovidas pelo campo da educação sexual e saúde potencialidades similares a do *blog*? As possibilidades criadas pela lógica de

pensamento em questão são tão amplas e nos levam a pensar na emergência de um programa de pesquisas, no contexto do ensino de biologia, dedicado a essas problematizações que questionam para além das fronteiras estabelecidas, que bebam de filosofias da diferença, compreendida como “[...] uma série de experimentos e de mutações teóricas, escapando a qualquer tentativa de uma definição única [...]” (PETERS, 2000, p. 46), atentas às singularidades e processos de individuação incessantes, que invoquem pensamentos minoritários.

Com as biociências e seu ensino não poderia ser diferente, uma vez que são artefatos culturais, produtos de nossa história e intelectualidade. Diversos mecanismos envolvidos na produção de conhecimentos em biociências contemporâneas nos parecem ocultos, conhecemos alguns de seus efeitos e fluxos, entretanto buscar “como chegam e são usados em nossa cultura” ainda nos parece uma problemática profícua para a produtividade criativa de outras experimentações, seja nas análises das ciências, ou processos de seu ensino e aprendizagem. Diante disso, se faz interessante pensar alternativas às pedagogias que tradicionalmente ensinam biociências, sexualidades e saúde, que abram para movimentos que ampliem a vontade de potência, para além das fronteiras prometeicas do conhecimento científico e escolar.

## 2. TEXTURA DA PESQUISA: MÉTODO

Neste capítulo procurei contar as condições de acontecimento deste trabalho, em uma tentativa de descrever um pouco mais como a pesquisa se constituiu, apresentando as escolhas, os interesses, os bastidores, os caminhos trilhados que me permitiram criar essa textura para o trabalho. Denomino textura porque me remete a algo que necessariamente se sente, se toca e se produz de maneira singular pela multiplicidade de encontros que um trabalho como este compõe.

Marisa Vorraber Costa destaca que

Parece que nenhuma indagação nasce de um vazio, sem um território e sem um tempo que fecunda as ideias, as dúvidas, as inseguranças. É nossa radicalidade histórica que produz o tipo de pergunta que abala nossas certezas, que inquieta, que apaixona, que impulsiona e, muitas vezes, amedronta pelo que sugere como possibilidade (COSTA, 2005, p. 200-201).

Concordo com Marisa ao explicitar as origens de nossas inquietações e acredito que as minhas que mobilizaram a emergência desta pesquisa, assim como relatado na apresentação inicial deste trabalho, nasceram da minha afetação diante as histórias de vida e resistência de corpos que vivem com HIV registradas no *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”, em movimentos de empatia que me fizeram experimentar aqueles modos de existência e enviesá-los aos meus. Bem como da radicalidade e utopia em buscar o não pensado ou o não autorizado, em sua potência criativa e intensiva de fluxos que produzem realidade.

Diante disso, o campo de investigação deste trabalho se constituiu inicialmente por meio da análise desse *blog*, mais especificamente, pela investigação dos registros produzidos pelos leitores em seus comentários deixados na postagem intitulada: “Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV”.

Tal *blog* foi criado e é alimentado por um sujeito que se descreve pelo gênero masculino, nascido em 1984 e que descobriu ter sorologia positiva, ou reagente, para o vírus do HIV em Outubro de 2010. Nesse *blog*, o autor se identifica pelo codinome “Jovem Soropositivo” ou apenas “JS”, mantendo seu anonimato e um legado de seguidores, que até a data de produção deste trabalho ultrapassa a marca de três mil cadastrados. Em suas postagens, JS dedica-se em veicular resultados de pesquisas que buscam a cura para o HIV e AIDS, bem como qualquer outra notícia que esteja relacionada com o tema.

A meu ver, as postagens de JS prezam pela atualidade das informações e um discurso calcado em conhecimentos fabricados pelas biociências. Sua escrita se faz por meio de uma linguagem acessível àqueles que não dominam o discurso médico e científico da área. Seus artigos possuem títulos tais como: “Somos um novo mercado”; “Morte e Vida PositHIVa”; “Movimento de proteína regula infecciosidade do HIV”; “Julio Montaner sobre a epidemia de HIV/AIDS”; “PrEP infantil previne transmissão na amamentação”; “As pessoas com medo de sexo”; “Remédio para alcoolismo pode acordar HIV latente”; “Charlie Sheen revela ser HIV positivo”; entre tantos mais, demonstrando a diversidade de assuntos abordados, que variam desde resultados de pesquisas especializadas a repercussões da grande mídia envolvendo o tema.

Em diversas postagens, podemos notar que a grande maioria dos leitores também manifesta, anonimamente, serem sujeitos soropositivos para o HIV e compartilham nesse lugar afetos, criam relações, trocam experiências de vida, superações e buscam anunciadamente compreender melhor os mecanismos biológicos que tornam o HIV e a AIDS um vírus e uma doença sem cura, ao mesmo tempo em que criam uma noção de expectativa, esperança e fé, de que a desejada cura será possível e em breve.

A cada atualização feita por JS no *blog*, mais que novas informações são adicionadas a rede de relações ali engendradas, noto que além de uma esperança pela cura, há uma sensação de fé por parte dos leitores nos resultados de pesquisas veiculados. Resultados que apresentam diretamente o fator incerteza, não conclusivo, vindos de uma ciência fáustica, mas produtora de efeitos, uma vez que criam em *devir* uma breve noção de futuro, que ao ser tocada, ou tomada como verdade, torna-se passado, possibilitando aos leitores, uma sensação de progresso a algum lugar, que por sua vez, parece servir como um tipo de escudo protetor, uma fonte de argumentos para lidar com a sociedade produtora de um ser soropositivo monstruoso, ou ainda, como descrito na análise dos comentários, um lugar que possibilita aos corpos dobrarem os fluxos de forças que os atingem, abrindo para a criação de outros modos de existência. Vale destacar que, JS alerta seus leitores nos termos de uso do *blog* com o seguinte recado:

O Diário de um Jovem Soropositivo não fornece ou substitui orientações médicas e não deve ser utilizado como referência no cuidado da sua saúde

e no tratamento para HIV/aids (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, acessado dia 25 de novembro de 2015).

Não utilize o espaço de comentários para esclarecer dúvidas sobre o seu estado de saúde, riscos e formas de transmissão do HIV, sintomas e fases da doença, segurança e eficácia dos testes de diagnóstico ou janela imunológica. Fale com um médico ou entre em contato com o Ministério da Saúde (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, acessado 25 de novembro de 2015).

Contudo, o que chama minha atenção nas postagens de JS é a sua repercussão, tanto pela quantidade de comentários registrados por leitores, quanto pela qualidade em tornar esse espaço um lugar dinâmico em que fluxos são produzidos, circulados, dobrados e subjetivados. Diante a esse universo rizomático que se cria por onde começar minhas investigações?

Optei por iniciar minhas análises por aquele ponto de encontro que tive com o *blog*, a postagem intitulada “Esqueça tudo que você sabe sobre HIV e AIDS” publicada no dia 13 de novembro de 2014. Não só por ter sido minha fonte de acesso, mas também por duas outras razões: ao explorar as demais publicações de JS, constatei que essa postagem era a de maior repercussão do *blog*, considerando a quantidade de comentários inseridos, 600 até o momento em que este trabalho foi produzido; e pela qualidade desses comentários em expressar modos de existência de corpos que vivem com HIV na atualidade, bem como em fazer circular fluxos capazes de afetar os corpos que por lá deixam seus rastros de existência.

Cabe relatar aqui também, que ao deparar-me com o título dessa postagem, sem mesmo saber do que se tratava o conteúdo, questionei-me: por que se faz necessário esquecer tudo o que sabemos a respeito do HIV? Por que teríamos que esvaziar, ou produzir um apagamento em nossa estrutura cognitiva a respeito do que conhecemos diante o tema? Colocaríamos em seguida alguma coisa ou lidaríamos com o vazio? Isso me afetou de tal maneira que criei instantaneamente uma associação com o episódio ocorrido em minha aula, relatado na apresentação deste trabalho, supondo previamente que meus alunos, por exemplo, “precisavam” esquecer o que eles sabiam sobre o HIV para minimizar o preconceito que tinham a respeito dos sujeitos soropositivos. Em uma pretensão didática emancipatória, que permitiriam aos meus alunos entrarem em contato com informações científicas, corretas, livre de estereótipos e que abriria caminhos para realizarem uma tomada fundamentada de decisões, criando outra (e nova)

concepção sobre quem seria o sujeito soropositivo para o HIV. Tal como orienta as pesquisas em Didáticas das Ciências, com suas necessárias renovações para o Ensino de Ciências. Pura utopia de minha parte crer levemente nisso!

Apesar de ter imaginado uma utopia formativa emancipatória diante a luz do conhecimento científico, meus pés no chão, ou melhor, no terreno de onde produzo, conduziram-me a pensamentos mais abertos, menos colonizadores e que me fizeram encarar aquela postagem como um alerta. Sim, um sinal de que naquele *blog* havia muita produtividade a ser investigada. Quais? Como?

Um *blog* produzido por um sujeito que se reconhece como soropositivo para o HIV e escreve, principalmente, para outros que também se encontram na mesma condição, criando uma trama a ser acessada por quem quer que fosse, utilizando de um recurso retórico para chamar a atenção de seus leitores, provocar, causar, afetar. Uma vez a associação produzida, o vínculo afetivo estabelecido, entre leitores e escritor, bem como entre leitores e leitores, um campo de intensas relações emergem. O que isso vai resultar? Não sabemos! Mais vale espiar, analisar e chegar mais perto para sentir o que nesse lugar é produzido.

Deste modo, diante a heterogeneidade de discussões abordadas em tais comentários, meu foco de pesquisa foi no que diz respeito aos efeitos da diferença e produtividades, nos fluxos circulantes, que propriamente na caracterização de quem são as máquinas que as produzem. Não procurei traçar uma ontologia dos sujeitos que por ali passam, mas sim analisar a singularidade e multiplicidade dos efeitos por lá produzidos, seus acontecimentos, enviesados por minhas sensações.

Tais posicionamentos me possibilitaram ao longo dessa pesquisa sentir a sutileza das movimentações que produzem modos de existência mais positivos encontrados por meio dos registros no *blog* e evidenciar intensidades capazes de ampliar a vida.

Assim, esta pesquisa pode ser caracterizada como uma “pesquisa do acontecimento”, uma vez que não estou interessado em investigar unidades ou como identidades definidas são formadas, mas sim valorizar as linhas de fuga, os devires e nomadismos que constituem os modos de existência HIV soropositivos na contemporaneidade.

Como bem argumenta Sandra Corazza,

Para tal Pesquisa, tudo é considerado Acontecimento puro, isto é, potencialidade inexistente fora de suas atualizações e, todavia, delas transbordante. Incorporal sem ser vago, coletivo e particular, perceptível e microscópico, o Acontecimento é modo de individuação, ligado a um clima, a um clarão, a um silêncio, a outros acontecimentos. Ele não designa coisas, fatos, ações, paixões dos corpos, estados de ser ou de coisas, pessoas, sujeitos, porque os toma como individuados por linhas acontecimentais, como individuações assubjetivas, impessoais, subpessoais; cada qual dotado de duração própria e variável, embora intensiva, feita de afetos e de sensações (CORAZZA, 2013, p.37).

Em uma produção com tais características, não há como deixar de lado minhas sensações, desejos, angustias, entendidas como virtualidades que aumentam ou diminuem a potência e não como atos de consciência, uma vez que são minhas afetações que conduzem minhas intensidades e modos de criação. Nessa lógica das sensações, um plano transcendental se constitui em puro devir, abrindo impossibilidades para eu experimentar, afetar, reverberar e transcriar ao longo do fazer desta pesquisa. Com isso, pude deixar fluir minhas artistagens, ativando meu ser sensível no fazer da pesquisa.

Por conseguinte, acredito ficar evidente que este trabalho está calcado em um campo de pensamento chamado de filosofia da diferença, que prioriza essas movimentações acontecimentais do ato de pensar. Em outras palavras, isso implica reconhecer que este trabalho foi adquirindo consistência junto as minhas experimentações e atos de criação. Um “Empirismo transcendental”, como diria Deleuze, que privilegia as virtualidades dos acontecimentos que compõem um plano de imanência, um plano que constituem aos acontecimentos suas realidades próprias (DELEUZE, 2016b).

Com tais ponderações, destaco também que não há nesse trabalho um método pronto, ou teoria, a ser aplicado a uma realidade, um “como” validado e traçado previamente para se investigar um fora distante do ato de pesquisar. Vida e obra se misturam em uma produção da ordem do acontecimento, em puro devir.

O que fiz foi pensar junto com meus intercessores, em movimentos que chegam entre, valorizando os meios em detrimento dos fins (DELEUZE, 2013). Assim, a principal variável da minha produção foram meus intercessores, sejam eles obras, conceitos, autores, amigos, imagens ou coisas.

Em termos mais pragmáticos, diante a leitura dos comentários registrados na postagem selecionada, busquei primeiramente criar uma taxonomia para as movimentações mais gerais e recorrentes que por lá sentia circular. Isso

possibilitou eu traçar três focos que me ajudaram a lidar com a grande quantidade de registros, foram eles: experiência intempestiva, busca por modos outros de existência e a invenção de outras possibilidades de vida.

Esses focos de análise não funcionaram assim como categorias preestabelecidas a partir de um referencial teórico para se produzir análises textuais discursivas ou de conteúdo, tão pouco são categorias de qualquer outra natureza, uma vez que não possuem a função de agrupar um conjunto de ideias por similaridade, afinidade e apagamento de qualquer diferença. Muito pelo contrário, além de terem sido pensados com aquilo que sentia acontecer no *blog*, foi um modo de direcionar minhas intensidades analíticas. Se em algum momento esses focos exerceram a função de organizador estrutural, esta foi esvaziada desse fim ao longo da construção da análise por não darem conta das multiplicidades existentes nos registros encontrados.

Com essas ressalvas, sinto-me seguro em apresentar os objetivos específicos de cada um desses focos:

- “Experiência intempestiva”; neste foco discuti comentários que me davam evidências de atravessamentos, fluxos, estratificações, ou ainda, acontecimentos, que produzem nos corpos soropositivos ao HIV experiências intempestivas, que por vezes os levam ao esgotamento da vida.

- “Busca por modos outros de existência”; já neste segundo foco analisei comentários que possibilitaram eu sentir movimentações em busca de modos outros de existir diante a condição soropositiva ao HIV, ou seja, tentativas dos corpos soropositivos ao HIV em produzir linhas de fuga, um avesso, impossíveis ao estado redutor da vida.

-“Invenção de outras possibilidades de vida”; no terceiro foco apresentei possíveis produzidos pelos corpos soropositivos ao HIV que funcionam como estratégias para a criação de modos de existência outros diante ao contexto social que compõe a epidemia de HIV e AIDS na contemporaneidade.

Com isso, no ato de experimentar os dados fui buscando evidenciar os mecanismos que fazem circular fluxos de intensidades, como dobras, reverberações e transvalorações, bem como seus modos de criar experiências subjetivas, singularidades e modos de existência HIV soropositivos. Cabe ressaltar aqui que durante as análises procurei evidenciar minhas experiências e afetações com os dados, não me preocupando em carregar o texto com citações diretas a conceitos,



obras e ideias de outros autores já apresentados nas seções iniciais deste trabalho, o que certamente não implica dizer que meus intercessores não estejam no texto, afinal, todo meu pensamento foi construído com eles.

Assim, com esse movimento de analisar experimentando, tracei indícios que me proporcionaram teorizar e em suma responder: o que pode um *blog* na vida de corpos soropositivos ao HIV?

### 3. UM *BLOG* POSITHIVO: UM (NÃO)LUGAR DE CRIAÇÃO DE VIDA

A globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa variabilidade e numa densidade cada vez maiores. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos dessa profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos (ROLNIK, 1997, p.19).

Neste capítulo analiso o objeto de investigação deste trabalho, o *blog* “Diário de um Jovem Soro Positivo”, com o intuito de perceber suas potencialidades em proporcionar a criação de modos de existência outros, subjetividades abertas a criação, capazes de reativar a sensibilidade dos corpos soropositivos ao HIV. Uma trama rizomática produtora dessa mestiçagem de forças e profusão de universos, geradora também de relações entre ciências, tecnologias e culturas.

Na primeira seção, apresento e comento a publicação de maior repercussão do *blog*, considerando o número de comentários postados pelos leitores, intitulada “Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV”, que no início dessa caminhada por percursos desconhecidos, havia selecionado para trabalhar em sala de aula com meus alunos do Ensino Médio.

Em seguida analiso alguns dos comentários tecidos pelos leitores nessa referida publicação, evidenciando fluxos circulantes, modos de existências dos corpos soropositivos ao HIV e suas criações, que serviram de base para a teorização, já na terceira e última seção, das potencialidades do *blog* como não-lugar de produção de existências positHIVas.

#### 3.1 “ESQUEÇA TUDO O QUE VOCÊ SABE SOBRE HIV”

Como dito no método deste trabalho, “Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV” foi o provocante título dado pelo Jovem Soropositivo (JS), autor do *blog* em questão, para sua postagem que se tornou aquela com maior repercussão.

JS inicia sua postagem criando uma relação de proximidade com o leitor, expondo um pouco mais de seus anseios que em qualquer outra publicação que pude ler em seu *blog*, posicionando-se como um ser humano, tão humano

quanto qualquer leitor que esteja afetado com suas palavras. Destaco o seguinte trecho:

[...] Mas mais importante do que jovem ou não-jovem é o soropositivo. Por alguma razão, é o que chama mais atenção no meu pseudônimo. A verdade, porém, é que não me identifico mais com esse nome também. Não, não estou curado. Infelizmente. Continuo com HIV, mas o que vejo é que essa designação não serve mais de nada. Não me sinto diferente por ter HIV. Sei que não transmito o HIV, pois, quase involuntariamente, tomo os cuidados mais que necessários para não ser um transmissor. Não me incomodo mais em fazer os exames trimestrais. Sequer me lembro do vírus, mesmo na hora de tomar os antirretrovirais de cada dia. É tudo automático, simples e sem efeitos colaterais. Por isso, também, não me reconheço como uma “pessoa vivendo com HIV/aids”, ou PVHA, termo outorgado pelos ativistas para fazer lembrar que estamos vivendo, e o mais apropriado a ser usado em publicações, pelo governo e pela imprensa, a fim de que não nos ofendam ao se referir a nós (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014, grifos meus).

Em seu discurso de abertura, somos provocados a pensar no por que um sujeito soropositivo para o HIV não se reconhece mais como tal. Já de começo uma estranheza é possivelmente gerada, como ele pode afirmar “não transmito o HIV”? Como pode alguém que vive com tal vírus em seu organismo “sequer lembrar que ela existe”?

Não despreziosamente, percebo nesse discurso inicial de JS uma tentativa inicial de minimizar efeitos engendrados nos processos de diferenciação entre as figuras HIV soropositiva (monstruosa) e soronegativa (saudável mais humana) ao apresentar agenciamentos produzidos pelo HIV em sua existência.

JS produz uma dobra nos fluxos historicamente produzidos por essa figura ao transvalorá-los em sua existência, constituindo-se a si mesmo pela resistência as enunciações de saber e exercícios de poder de tais agenciamentos. Movimentações essas que atualizam sua existência a partir da subversão dos marcadores monstruosos do dispositivo do HIV, abrindo caminhos para a criação de modos outros de existir com o vírus, em que a lógica identitária soropositivo versus soronegativo precisa ser abandonada.

Tais movimentações não são triviais e produzem um discurso provocador das lógicas vigentes, gerador de inquietações e desconfortos, que JS busca problematizar em seu texto, por meio do compartilhamento de suas experiências de vida, de resultados de pesquisas atuais no universo do HIV e AIDS, e outros discursos de autoridade para legitimar suas afirmações, capazes de afetar os leitores colocando-os para pensar.

Dando continuidade a leitura do texto, noto que JS dá um golpe no marcador simbólico PVHA (Pessoa Vivendo com HIV/AIDS), problematizando que

Em algum momento no passado, PVHA foi útil. Fez lembrar às pessoas que quem tem HIV não está mais morrendo, tal como ocorria no início da epidemia, quando todos acabavam discriminados como “aidéticos”, pois inevitavelmente terminavam desenvolvendo a aids. Entretanto, há algumas décadas este não é mais o caso. Estamos, todos nós que nos cuidamos com antirretrovirais, vivendo muito bem, obrigado, e de forma saudável, já há algum tempo (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014, grifos meus).

Esse golpe em um marcador historicamente importante para as campanhas e a militância em HIV e a AIDS, aparentemente se faz relevante para borrar a fronteira entre as figuras HIV soropositivas e soronegativas, uma vez que evidencia que na atualidade os corpos HIV soropositivos que fazem uso das tecnologias antiHIV não compartilham dos marcadores identitários daquele sujeito “aidético”, monstruoso, fadado a morte, do início da epidemia, pelo contrário, tais corpos são capazes de produzir modos de existência, de vida, que colocam em funcionamento marcadores do universo HIV soronegativo, como “viver bem” e “saudável”.

O que percebo funcionar aqui, mais uma vez, é a transvaloração dos agenciamentos produzidos pela figura do HIV, ao desassociá-lo de uma sentença de morte. O que não implica em um processo de identificação com a figura oposta, como reassumir a identidade soronegativa, mas sim, a produção de um modo outro, um ser HIV soropositivo aberto à afirmação da vida.

Cabe destacar que a postagem de JS é datada de 2014 e atualmente a sigla PVHA refere-se a “Pessoa que Vive com HIV e AIDS” e não mais “Vivendo”. Essa crítica de JS e sua não identificação com o termo, esta alinhada às críticas de grupos militantes que problematizaram que o temor “vivendo” remete a alguém que esta sobrevivendo e não tendo uma vida plena de gozo, já o termo “vive” possibilita enfatizar que a pessoa com HIV pode viver uma vida em sua plenitude. Concordo com essa crítica e considero o termo “vive” um modo de afirmação da vida. No mês de Julho de 2017 o UNAIDS lançou um guia de terminologias com recomendações sobre o uso de termos do contexto do HIV e AIDS que, de acordo com o programa são pautadas na Ciência, promovem os direitos humanos universais e a dignidade do indivíduo. Nesse guia há a recomendação do uso da sigla PVH – Pessoa que Vive com HIV, sem referência à AIDS. Essa retirada do termo AIDS foi justificada

com o intuito de minimizar a associação equivocada entre HIV e AIDS. Porém, diversos militantes, como o Loka de Efavirenz, criticaram nas redes sociais, em suas páginas do Facebook e Instagram, essa estratégia adotada pelo UNAIDS, alegando que retirar o termo é ignorar que na atualidade muitas pessoas ainda desenvolvem o quadro clínico de AIDS.

Logo em seguida, JS expõe sua percepção a respeito do sujeito que recebe o diagnóstico, bem como uma crítica a certos marcadores identitários “obrigatórios” que os soropositivos carregam.

[...] percebo que a trajetória de quem recebe o diagnóstico positivo para o HIV não é mais uma trajetória de superação do vírus — este, já está controlado. Ao invés disso, quem recebe agora o diagnóstico positivo para o HIV, encara uma trajetória de superação de um medo, o qual sequer precisaria existir mais. Esse medo não está diretamente ligado ao que o vírus é capaz de fazer, biologicamente, mas à representação imaginária que ele ganhou.

O HIV nos é apresentado com uma aura terrível, cruel e negativa. Um fardo a ser carregado pelo resto da vida. Um vírus de culpa e vergonha, por ter falhado, por ter feito sexo, pouco ou muito, vaginal ou anal, sem camisinha. Pior, quando nós, soropositivos, tomamos consciência da nossa transmissibilidade, percebemos que este é um vírus que tem o poder de trazer rejeição social ao seu portador. Também aprendemos que a camisinha previne totalmente o HIV, mas não por isso é capaz de evitar a discriminação (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014, grifos meus).

Essa percepção de JS não pode passar despercebida, pois ela enfatiza o caráter “construtível” e cultural, não biológico, da representação criada ao longo dos anos para o HIV, que ainda se faz forte nos dias atuais, produzindo incertezas e uma figura monstruosa que assombra, produz medos, tanto em quem passa pela experiência do ter um diagnóstico reagente ao HIV, quanto nos demais. Uma representação alimentada por meio da repetição dos efeitos negativos, devastadores e redutores de vida atribuídos ao vírus, que trazem à tona estigmas acerca dos modos de viver a sexualidade e as práticas sexuais.

Esses medos e estigmas atingem assim a todos, potencializando a sensação de fracasso diante o diagnóstico reagente ao HIV, como uma culpa por ter falhado mesmo em uma época com tanta informação de como devem ser os modos de vida ditos seguros, como tornar-se um problema de saúde coletiva ao afastar as pessoas da busca pelos testes de triagem do HIV.

Porém, como confiar nessa percepção de JS? Um “achismo político” de um sujeito que aparentemente está fazendo de tudo para não ser “identificado como

um monstro” de nossa cultura e além de tudo quer minimizar sua culpa, quem mandou fazer sexo sem camisinha? É o que poderia indagar um leitor qualquer, que possivelmente iria desistir de continuar a leitura do texto, ou aguçar sua curiosidade para a busca de respostas a tais inquietações.

A partir desse momento JS problematiza as possíveis origens sociais do medo que os soropositivos têm em ser associado com uma figura monstruosa, um medo que permeia a rejeição e a discriminação. JS faz a relação com os navios do século XIV que ao se aproximar da costa tendo a bordo pessoas com alguma doença com risco de transmissão, atevam uma bandeira amarela para indicar tal risco, declarando a quarentena, ou em outras palavras, o conhecido 40 dias de isolamento dos portadores de doenças transmissíveis. Esse fato, como destacado por JS, é similar ao que foi feito na recentemente com o ebola, na Libéria, onde um bairro inteiro foi posto em quarentena, bem como

Essa mesma prática se deu no século XVII, com os infectados pela peste na Europa, e no século passado, com os portadores de hanseníase, isolados por anos e anos em leprosários. Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault lembra que quem estava lá dentro era “*excluído, separado e estigmatizado. Jogado, juntamente com seus irmãos sofredores, numa massa indiferenciada*”. O Dr. Esper Kallás, meu médico, explica que “*no caso do ebola, isolar uma região inteira parece não funcionar. Ao contrário, pode piorar a situação, pois as pessoas começam a deixar o local ‘ilegalmente’, tornando o controle da epidemia ainda mais difícil.*” (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014).

Nessa análise produzida por JS, ele chama ao diálogo Michel Foucault, abrindo uma ferida no poder que tentou apagar, ou desumanizar, aqueles enfermos da peste europeia, mostrando que essa tentativa de exclusão e produção de uma figura monstruosa é histórica. Saberes coercitivos produzidos nas sociedades disciplinares, por meio de relações de poder, marcando corpos não desejados. Relações de poder exercidas até a atualidade e que continuam produzindo figuras monstruosas, fluxos de forças produzidos e mantidos vivos pelas sociedades de controle, em relações mais sutis de autocontrole dos corpos, de seus prazeres e desejos. Ao mesmo tempo, JS anuncia o nome de um dos médicos infectologistas, que pesquisa e trata sujeitos soropositivos ao HIV, mais respeitados em nosso país, para contra argumentar, por meio de seu discurso médico e de autoridade, essa tentativa cultural de produzir mecanismos de exclusão. Isso pode sensibilizar o leitor a produção da ideia de que seria um retrocesso tentar excluir aqueles sujeitos soropositivos, ou que vivem com qualquer outra enfermidade contagiosa.

Outro aspecto levantado por JS para explicar a tentativa de marginalização social dos soropositivos ao HIV foi registrado pelas próprias campanhas publicitárias que buscavam estimular os sujeitos à prevenção contra o HIV, por meio do uso do preservativo, retratando os soropositivos em formas animais, assustadoras, nada humanas, seguidas da frase de efeito moralizante “*Without a condom you’re sleeping with aids. Protect yourself*”, (em tradução livre para a língua portuguesa: “Sem preservativo você está dormindo com a aids. Proteja-se”, sendo o verbo “dormir” um eufemismo para “relação sexual”), como podem ser vistas na **Ilustração 4**.

**Ilustração 4.** Ilustrações de uma campanha publicitária europeia contra o HIV/AIDS.



**Fonte:** SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014.  
Disponível em: < <https://jovemsoropositivo.com/2014/11/13/esqueca-tudo-o-que-voce-sabe/>.  
Acessado em: Agosto de 2015.

Campanhas como essas criam potentes pedagogias culturais que além de regular modos de ser, agir e viver a sexualidade, associando o risco de transmissão do vírus a práticas homossexuais (corpo feminino em contato com a aranha fazendo referência a vulva e corpo masculino com o fálco escorpião em referência ao pênis), retratam de maneira medonha o sujeito soropositivo ao HIV, em formas não humanas, diluindo o par humano-vírus em um corpo mais monstruoso e assustador do que nunca, como se fossem o perigo a ser evitado ou aniquilado. Afinal, quem em sã consciência não ficaria assustado diante uma tarântula peluda e um escorpião venenoso?

Essa figura tem efeitos que vão para além de suas intenções primárias, a advertência daquilo que é proibido ou perigoso para a manutenção da vida, ela produz um imaginário coletivo que associa a pessoa soropositiva ao HIV ao perigo.

Um discurso normativo que tenta mapear o inimigo a ser aniquilado, que ora é o vírus, ora é o corpo que o contem. Que efeitos essa figura monstruosa provoca nos corpos soropositivos ao HIV?

Possivelmente leva a experiência de uma condição de existência confusa com a do vírus diabólico, cheia de riscos, mais próxima da morte, arrastando a vida para uma condição de “quarentena”. Como afirma JS ao auto questionar seus conhecimentos no início de sua condição soropositiva: “Como é que eu poderia ser seguro o suficiente para não ter que hastear nem uma bandeirinha de quarentena? Algum risco, pensei, deve haver!” (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014).

A partir daí, JS faz um movimento importante em sua postagem dando visibilidade a pesquisas atuais, como os estudos HPTN 052 e Partner que quantificaram e testaram esse “risco” de transmissão

[...] quem toma antirretrovirais e mantém carga viral, que é a quantidade de vírus no sangue, reduzida a níveis indetectáveis, tem o risco de transmissão reduzido em pelo menos 96%. Esta estimativa foi obtida em dois diferentes estudos, HPTN 052 e Partner, conduzidos em diversos países e endossada por consensos médicos americano, britânico, canadense e, mais recentemente, sueco.

Esses consensos traduzem essa estimativa matemática de risco de transmissão a partir de um soropositivo em tratamento e com carga viral indetectável como “negligenciável”, “mínimo” e “muito baixo”, de acordo com o tipo de sexo, oral, vaginal ou anal, e, no caso do consenso sueco, como “bastante reduzido” para o compartilhamento de seringas durante o uso de drogas injetáveis. Com camisinha e carga viral indetectável, os americanos afirmam que a redução no risco de transmissão é de 99,2%. Parece bastante! (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014).

Tais resultados de pesquisas são os mais citados em sua área acadêmica, de acordo com um consenso produzido pelos pesquisadores e médicos da área. Tornaram-se, inclusive, uma bandeira das campanhas contra o HIV e AIDS, que além de evidenciarem uma nova condição sorológica, a HIV soroindetectável, atribuem marcadores chave a essa figura, como “Indetectável=Intransmissível (I=I)”. Esses novos marcados no universo da epidemia enfatizam que os corpos soropositivos indetectáveis são mais seguros que àqueles que não conhecem sua sorologia para o HIV, os sorointerrogativos, como evidenciado nessa fala do médico, descrita por JS:

— Não, Jovem”, disse ele. “Acho que você entendeu errado a mensagem desses estudos. Você é *mais seguro* do que isso”, corrigiu o doutor. “Vou



tentar explicar melhor. Em primeiro lugar, em ciência não existe nada 100% seguro. Em segundo, a margem de redução na transmissibilidade que observamos em pessoas como você, que têm HIV e cuidam da saúde, tomando antirretrovirais e mantendo a carga viral indetectável, é muito alta. Mais alta do que outros métodos de prevenção já observados. Por isso, sabemos que pessoas como você não transmitem o HIV, mesmo em caso de falha no uso da camisinha. (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014, grifos meu).

Esse discurso médico e científico tem potência para subverter práticas historicamente construídas, ao associar fatores como confiabilidade e segurança a figura soropositiva. Uma figura que tem a possibilidade de retornar outra, agora, legitimada pela ciência, arrastando consigo índices de segurança testados e comprovados por um arsenal de pureza científica. Seria esse marcador produzido pela comunidade médica, acadêmica especializada e campanhas de saúde atuais um elemento chave para abrir a possibilidade de criação de outros modos de existência?

A postagem de JS continua com a descrição de um diálogo entre ele e seu médico, produzindo discursos socialmente mais verdadeiros que sua mera percepção inicial. Esses discursos, cheios de resultados, fontes primárias e falas proferidas pelos seus autores em importantes congressos da área, buscam uma desconstrução e reconstrução da figura HIV soropositiva, marcando os baixos riscos de transmissão do vírus por aqueles que fazem uso adequado das terapias antirretrovirais e atingem níveis indetectáveis de diagnóstico para a carga viral, apresentando ao leitor conhecimentos atualizados, autorizados, com uma promessa de um futuro promissor, em um movimento que aparentemente busca amenizar os efeitos sufocantes da diferença identitária, ou abrir possibilidades para os leitores dobrarem os fluxos intempestivos produtores de mal-estar.

Entretanto esses movimentos de dobra dos fluxos de força não são simples, fáceis ou dados como certo, por muitas vezes a incerteza, o medo, a figura aidética e a sentença de morte, historicamente construídos, se fazem fortes, retornam e continuam assombrando, como podemos perceber nas inquietações compartilhadas por JS:

Saí de seu consultório me sentindo feliz, mais leve. Certo de que não havia razão para manter hasteada em mim qualquer bandeira de quarentena. Mas foi nesse mesmo instante que uma voz ecoou na minha cabeça. Se era o advogado do diabo ou inconsciente coletivo, eu não sei. O fato é que, cada vez mais alta, ela questionava tudo o que eu acabara de aprender. “*E se os estudos que concluíram tudo isso estiverem errados?*”, dizia. “*E se o doutor estiver errado?*”

Diante disso, isto é, diante da constatada alforria do risco de transmissão ainda questionar irracionalmente tudo o que acabara de aprender, percebi que eu mesmo sofria com o imaginário temeroso do HIV. Concluí, triste, que ter HIV é viver enfrentando essa imagem negativa, mesmo que total e comprovadamente insubstanciada. Uma batalha constante, sempre que quem tem HIV contar para o outro, o que quase sempre quer dizer ter de convencê-lo de que não somos repugnantes, que não somos um monstro. (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014, grifos meus).

Os efeitos da diferença são sentidos a todo o momento na parte mais profunda dos corpos, a pele. Em sua porosidade, tais corpos seguem tentando lidar com esses efeitos intempestivos, dobrando e desdobrando tais fluxos, em movimentações vibráteis. Uma constante busca de outras possibilidades de existência, modos mais vivíveis e praticáveis, em um desejo de vida que abram caminhos a produção de vontade de potência.

Outra dificuldade, levantada por JS, é o relacionar-se com outras pessoas, seja em relações amorosas ou não. Ou melhor, desmistificar a imagem monstruosa construída historicamente para o HIV que essas outras pessoas manifestam, fazer de alguma maneira com que elas compreendam os resultados de pesquisas atuais que produzem essa confiabilidade na figura soroindelectável. Uma luta compartilhada com as campanhas atuais da área da saúde, que assim como a campanha *“Help Stop the Virus”*<sup>12</sup>, dos Estados Unidos, citada por JS, encontram dificuldade em lidar com tantos preconceitos e “preferem” tentar um recurso de apagamento destes, com um “esqueça tudo o que você sabe sobre o HIV”, para assim recomençar a explicar o HIV e seus efeitos, transvalorar de alguma maneira a imagem do vírus e seus efeitos.

Nesse sentido, a figura soro indelectável parece ser a principal aposta das campanhas, bem como de JS em sua publicação. Uma tentativa de recriar a existência dos corpos soropositivos ao HIV, por meio desta figura, ou desta “terceira condição sorológica”. Uma condição que se apropria de marcadores simbólicos de uma vida mais saudável, controlada e confiável, até mesmo que aquela soronegativa ou interrogativa. Um modo “[...] de quem não precisa lembrar do vírus no seu dia-a-dia, pois sabe que este é apenas um vírus, e nada mais” (SOROPOSITIVO, 2014, sem p.).

Curiosamente JS finaliza sua postagem com o seguinte diálogo:

---

<sup>12</sup> O website de tal campanha pode ser acessado por meio deste link: <https://www.helpstopthevirus.com/>.

“— É bom esquecer o HIV?”, perguntou o Dr. Esper, em nossa última consulta.

“— É ótimo!”

O doutor, que me escutava enquanto prescrevia a receita de meus próximos exames, interrompeu o que fazia. Parou, olhou para mim por um instante, e disse:

“— Nos faz sentir humanos novamente. Não faz?” (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014).

Nesse fechamento, nessa última conversa descrita por JS, continuei tão intrigado como no início, quando havia lido apenas o título. Em seu discurso o médico aparentemente produz uma fala que busca positivar a condição indetectável, trazendo esta para uma “mais humana e saudável”, como nos apresentados pelas campanhas “I=I”, mas é exatamente aí que sinto um movimento delicado, para não dizer perigoso, que continua tão excludente quanto os anteriores construídos historicamente. A partir do movimento em que a condição de “mais humano” é atingida apenas por aquela parcela que disciplinou seus corpos, governou suas atitudes, se fez refém dos medicamentos e conquistou a condição laboratorial “indetectável”, todos aqueles que não passaram pelos mesmos movimentos continuam monstros, HIV soropositivos, perigosos como desde o começo da epidemia. Além do que, associa a condição de humano como sinônimo de não ter o vírus, ou pelo menos uma carga viral incapaz de transmissão, criando uma nova normatividade para dizer o que é ser saudável, bem como o que é humano.

Que efeitos da diferença discursos como esses produzem nos sujeitos que vivem tal condição? Quais os interesses desses discursos? Por que é importante disciplinar os corpos soropositivos? São importantes para quem?

Diante tal descrição e questionamentos, se faz necessário experienciar os comentários produzidos nessa postagem. Por que são muitos? Que movimentos são produzidos? Que fluxos circulam? Que efeitos produzem nos corpos soropositivos ao HIV? Na próxima seção, apresentei minhas sensações diante dos comentários produzidos pelos leitores do *blog* nessa postagem aqui descrita, em um movimento de análise-experimentação.

### 3.2 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS POSTADOS NO BLOG

Nesta seção analiso alguns dos comentários tecidos pelos leitores na publicação intitulada “Esqueça tudo o que você sabe sobre o HIV” do *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”. Como já dito anteriormente, selecionei tal publicação devido a sua grande repercussão no *blog*, quando se considera o número de comentários, que são quase 600 até o momento de produção deste trabalho, bem como devido à qualidade destes no sentido de produzirem uma trama, com características de um rizoma (DELEUZE, GUATTARI, 2011), em que os indivíduos, anonimamente, além de expor suas opiniões a respeito do conteúdo publicado e manifestar gratidão pelos discursos por lá veiculados, relatam suas experiências de vida, interagem ativamente entre si, constroem laços afetivos, ou apenas deixam uma marca breve de sua existência singular sem interagir diretamente com os demais, estando nas tantas relações estabelecidas à riqueza analítica de tal publicação.

Diante a heterogeneidade de discussões abordadas nesses comentários, busquei evidenciar relações exercidas nesse espaço, mais focado nos efeitos e produtividades, nos fluxos circulantes, que propriamente na caracterização de quem são as máquinas que as produzem. Em outras palavras, não procurei traçar uma ontologia dos sujeitos que por ali passam, mas analisar a singularidade e a multiplicidade de seus registros, envezadamente por minhas sensações, não havendo assim nenhuma possibilidade de imparcialidade nessa produção.

Para tanto, após várias leituras dos comentários, reverberações diante deles e afetos que nesse ato de ler senti, tracei três focos para organizar minha produção, compreendidos pela: experiência intempestiva, a busca por novos modos de existência e a invenção de novas possibilidades de vida. Esses focos foram necessários diante o grande volume de dados como um ponto de partida para começar a olhar e enxergar os fluxos produzidos. No entanto, não são excludentes, nem muito menos categorias analíticas fechadas como explicado anteriormente no método, a todo o momento os dados neles organizados transbordam e se relacionam com os demais, ou até mesmo abrem possibilidades para outros focos, mas que serviram de caminhos para a teorização deste trabalho.

Já a seleção dos comentários ocorreu ao longo de todo o período em que me dediquei a produção deste texto. Foram várias visitas ao *blog*, com intenções diversas e sempre com novas sensações. O critério para escolher quais

comentários traria a este texto se deu por meio daqueles que senti serem mais representativos para a compreensão de modos de existência de corpos soropositivos ao HIV, bem como para as sensações que produzia no ato de experimentá-los. Em outras palavras, além do critério acadêmico investigativo com foco nos modos de existência, tracei um critério estético ao escolher para este texto aqueles comentários que de alguma maneira me afetaram, me infectaram e fizeram meu corpo vibrar, seja por meio de um movimento de empatia, ou por me fazerem repensar minha própria existência.

Esses critérios de escolha me pareceram pertinentes porque não foi meu objetivo discutir todos os comentários registrados no *blog*, comentando um a um, isso seria exaustivo e desnecessário pelo fato de que boa parte deles são conversas “paralelas” entre os leitores, que pouco subsidiam a compreensão dos movimentos que produzem modos de existência.

Com isso, é importante enfatizar que nessa seleção dos comentários há um filtro com base nas minhas sensações, naquilo que julguei pertinente para expressar os movimentos que diante dos comentários meu corpo contaminado pode perceber. Com relação à transcrição dos comentários, optei por não realizá-la e trazê-los em sua originalidade por meio do recurso de *print screen*<sup>13</sup> por se tratarem de postagens públicas a qualquer pessoa que acessar o *blog* e não correr o risco de perder informações que pudessem vir a ser relevantes ao longo das análises.

### 3.2.1 Primeiro eixo: experiência intempestiva

Nesse rizoma criado pelos comentários na publicação em questão, foi inevitável não se afetar primeiramente com os relatos que compartilham a experiência intempestiva de vida ao deparar-se com o resultado do exame de sangue laboratorial que informa: “sorologia reagente para o HIV”.

Essa experiência intempestiva, como já discutida na superfície teórica, tem potencialidades para criar novas combinações produtoras de intensidades demasiadamente violentas. Intensidades sentidas em um espaçamento vertiginoso

---

<sup>13</sup> Recurso disponível em todos os computadores com sistema operacional Windows, que consiste na captura do conteúdo visualizado na tela do computador transformando-a em uma imagem. Algo como tirar uma fotografia da tela.

criado a partir das diferenciações, singulares e coletivas, as quais os corpos são socialmente submetidos, capazes de nos arrancar de nós mesmos, em um modo devastador de relacionar-se com os fluxos provocados pelos efeitos da diferença.

Como podemos ler no relato a seguir, de “Jose”, registrado dois dias após seu diagnóstico reagente para o HIV este o provocou sensações ruins, seguidas de uma não aceitação dessa nova condição, a ponto dele pensar em suicídio e ainda que sua vida já houvesse acabado.



Jose  
02/12/2015

Ler isso me deixou muito feliz  
 Descobri que sou soropositivo há dois dias atrás  
 E esses dois dias estão sendo os piores da minha vida  
 Aonde eu não aceito  
 Penso só em suicídio  
 Não como, não durmo  
 Só choro  
 Parece que a minha vida acabou.  
 Hoje eu lendo isso  
 Estou me sentindo melhor  
 Abriu minha mente  
 Vai me ajudar abrir a mente do meu próximo parceiro.

Apesar de “José” evidenciar logo em seguida que a partir da leitura da postagem no *blog* ele passou a se sentir melhor, relação que analiso mais adiante, a vertigem que o diagnosticou provocou em sua existência nos mostra o quanto lidar na atualidade com os marcadores simbólicos que produzem uma figura HIV soropositiva ainda provoca uma experiência em que tais intensidades podem ser demasiadamente sufocantes.

Até meados da década de 1990, receber um diagnóstico reagente ao HIV era considerado uma sentença de morte, haja vista que os tratamentos com medicamentos antirretrovirais, por exemplo, ainda não permitiam o controle da carga viral e em muitos casos o quadro de AIDS era inevitável. Esse contexto ainda esta fortemente presente no imaginário das pessoas ao pensar em HIV.

Pude perceber esse imaginário produtor de uma figura monstruosa presente em diversos comentários que retratavam a experiência com o diagnóstico reagente ao HIV. Sensações de que a vida acabou logo ao descobrir-se soropositivo ao vírus são recorrentes nos registros deixados no *blog*, principalmente naqueles corpos que não reverberaram as intensidades do espaçamento vertiginoso, suas marcas da diferença identitária produtoras de estigma social na existência com HIV,

sem a criação de outros possíveis, levando seus corpos ao esgotamento de sua existência.

No registro a seguir, de “novato”, percebo que as intensidades do espaçamento vertiginoso faz com que ele esgote as possibilidades de futuro, provavelmente pelo fato dele não conseguir vislumbrar possíveis de uma vida vivível diante a relação com a figura HIV soropositiva monstruosa, ainda associada àquela criada pelos discursos normativos no início da epidemia. Esse efeito é intensificador da sensação de que não há mais nada para ser vivido, como uma sentença de morte, ou algo como um esvaziamento de possíveis a existência que leva o corpo ao esgotamento. No entanto, assim como no caso de “José”, já notamos que os fluxos que circulam nas postagens de JS o fizeram produzir algum tipo de esperança de vida.

 **novato**  
19/11/2014

Descobri há menos de uma semana, e ainda estou esperando a confirmação do segundo teste. Mas a vida parece ter acabado. Não estou indo para a aula (deveria estar lá agora) e pensamentos obsessivos de perda do futuro são uma constante. Se soubessem a vida e a esperança que essa reportagem me trouxe, estariam chorando de alegria comigo agora. Nem sei ainda se realmente sou PVHA, mas caso não seja, com certeza minha profissão (e futuras pesquisas estarão ligadas à questão do HIV/Aids. Muito obrigado, o texto é perfeito. 😊

Já no registro de “dns”, deixado no mesmo dia em que se descobriu soropositivo ao HIV, o diagnóstico provocou efeitos que o fizeram entrar em estado de choque e reagir por meio do choro:


 **dns**  
19/11/2014

Acabei de descobrir hj q sou soro positivo. Estou em choque. Já chorei a tarde toda. E ainda tendo q esconder dos meus familiares, já q moramos na MSM casa. Não tive coragem de contar a minha mãe.  
E não sei nem por onde começar. Pra contar pro meu namorado... Nem sei aonde ir pra procurar ajuda. Qro me cuidar o mais rápido possível.  
Só não tirei minha vida por causa da minha mãe e do meu namorado. Não qro q eles sofram mais...

Acredito que essa sensação de choque não seja provocada por uma paralisia do pensamento, pelo contrário, ela se faz pela loucura de lidar com um turbilhão de pensamentos difíceis de administrar, pelas intensidades do espaçamento vertiginoso, como um corpo que perambula sem saber que rumo tomar diante a tantos caminhos impessados, impraticados, invisíveis e indizíveis que se abrem. No caso de “dns”, provocando confusões diante a angústia de não saber

como esconder sua nova condição de vida, bem como compartilhá-la com seus familiares e namorado, a tal ponto de se preocupar mais com os efeitos que sua nova condição de vida causará nos outros, que buscar uma auto compreensão ou meios de como lidar com esse acontecimento intempestivo.

O rastro deixado por “Principiante” também nos mostra uma reação de desespero ao lidar com o diagnóstico, que o fez procurar imediatamente um médico infectologista e dar início ao tratamento em poucas semanas. Apesar dessa reação, produtora de linhas de fuga, seu registro evidencia intensidades em lidar com sua nova condição sorológica, em que sensações de culpa e erro por ter falhado (e assim se infectado pelo vírus) assombram sua existência, colocando a mesma em uma situação de crise, a tal ponto em que a ideia de suicídio passou a ser frequente, evidenciando um jogo agonístico, uma encruzilhada em limiares de vida e morte.

 **Principiante**  
18/11/2014

Parabéns pelo post.

Eu descobri, na primeira semana de novembro, que também sou soropositivo. Fiquei desesperado, já procurei um infectologista e comecei o tratamento. Não está sendo nada fácil para mim. A culpa e a certeza de ter cometido um erro estão me torturando. Não consigo dormir direito e, para piorar, estou sofrendo um pouco com os efeitos colaterais dos remédios. Creio que o efavirenz está me dando enjôo, refluxos e está aumentando minha depressão. Tenho a impressão que, desde que comecei o tratamento, estou tendo mais crises de choro e a idéia de me matar tem aparecido com mais frequência. Espero que isso passe logo.

De qualquer forma, ler esse post me ajudou a me acalmar, mesmo que temporariamente. Muito obrigado.

Esses corpos são arrastados a um plano de organização no qual as relações díspares são intensamente produzidas, fluxos de forças de diversas naturezas os atingem, um conflito provocado entre as figuras HIV soropositiva e soronegativa que os fazem experienciar a intensidade dos efeitos da diferença, em um misto de medo e subordinação, gerando uma sufocante existência.

O registro de “Felipe Rec” se faz complexo por apresentar diversos efeitos produzidos após o resultado reagente de seu exame:



 **Felipe Rec**  
16/11/2014

Bom, diante do texto, agora senti a necessidade de escrever aqui, eu sou de Pernambuco, tenho 32, diagnosticado a um mês e meio, inclusive, descobri numa data e 8 dias depois completei 32 anos. Sou gay, porém não assumido pra todos, sempre fui muito extrovertido, gosto de tomar cerveja com amigos, um boêmio, sempre requisitado. Achava que o hiv só atingia pessoas beceem descuidadas, até que veio o baque, ache q tinha pego sífilis, quando fiz os exames, a assistente social me deu o resultado, eu chorei na sala dela, ela não quis me deixar ir pra casa só, pois eu chorava, batia na minha cabeça, apertava a mão dela, foi o pior dia da minha vida, o pior sem duvida. Fui pra casa, passei o dia pesquisando sobre tudo, descobri esse blog, e desde então, tem me ajudado. Descobri uma sala na uol, conheci um cara de minha cidade de 25 anos, que tem sido um grande amigo, me liga, pergunta como estou. Pensei em suicídio durante 7 dias, ou como morrer sem parecer suicídio, porém vi que não valia a pena, ainda estou atordoado, penso no vírus várias vezes ao dia, me sinto sujo, olho pras pessoas, e não me sinto mais parte delas, nos bares, as pessoas bonitas não posso paquerá-las, enfim... coisas que talvez o tempo ajude. Tenho esperança na cura, ao mesmo tempo, em que fico triste, como algumas chagas tão antigas como diabetes por exemplo, não acharam a cura, então pra hiv tbm não vão achar. O que me deixa mais triste é, não poder ter filhos, que é um sonho que eu tinha, e não poder me envolver com negativos pra namoro. Ninguém sabe que sou positivo, nem saberá, não confio em ninguém. E tenho um ódio extremo de mim mesmo, por ter transado sem camisinha, esse ódio tem dias que me consome, se é que tem um lado bom nisso, eu estou mais dedicado a família, e saúde. Fiz o exame cd4, numa clinica pública, saí de lá correndo, morrendo de medo que alguém me visse, e a infectologista está marcada para dezembro, ainda tenho dúvidas se quero começar a medicação de imediato, caso eu tenho escolha, fico pensando como é ruim ter hora marcada pra tomar remédio. Bom no geral acho as pessoas aqui, otimistas, não consigo ainda ver o vírus como uma coisa simples, sinto muita raiva de ter sido infectado, medo de ter efeitos colaterais, medo de ter lipodistrofia, medo de transar, medo de pegar uma gripe, resfriado... enfim.. só espero a medicina evoluir, para que eu possa gerar um filho saudável, e quem sabe a cura, pra eu me tornar saudável de novo, pder me apaixonar e me envolver sem esconder nada.

Um abraço a todos que leio aqui quase diariamente, ao JS.

Nesses rastros deixados por “Felipe Rec”, sensações como choro, revolta e desespero, caracterizaram o momento do diagnóstico como o pior dia de sua vida, fazendo-o pensar várias vezes em suicídio, como uma alternativa de fuga da existência com o vírus, mas que o impulsionou a buscar informações, deparou-se com o *blog* e com amizades criadas em salas bate papos online e aos poucos viu que não valia a pena terminar daquela maneira, apesar de não conseguir resolver seu problema e continuar atordoado. Algo que desperta meu olhar é a maneira em que sua existência passa a ser confundida com a própria existência do vírus, intensificada pela sensação de ter um corpo sujo inapropriado para o convívio social e diferente de outros corpos (sem o vírus, logo saudáveis), produzindo uma diferença que não pode e não deve ser misturada. Essa diferença, bastante

identitária, reduz suas expectativas de relacionamento afetivo e construção de uma família com filhos, tornando nebulosa sua perspectiva de um futuro vivível. Sensações que produzem um ódio extremo de si mesmo, ódio por ter fracassado, por ter praticado sexo desprotegido.

Apesar de “Felipe Rec” indicar que iniciou o processo de tratamento por meio de consultas médicas e mais exames, o medo e a incerteza de como será sua existência não produzem efeitos confortantes. Discursos de autoflagelação engendrados a partir daquilo que compreende, até então, como uma existência soropositiva: um modo monstruoso de ser, produtor de figuras díspares entre o corpo saudável, desejado, puro e o seu oposto fracassado.

Experiências como as de “Felipe Rec” permitem afirmar que a existência pós diagnóstico reagente ao HIV é intensamente estratificada em um plano de organização, no qual as relações de poder vão reduzindo a vontade de potência dos corpos que resistem em uma condição de aprisionamento da vida. Essa condição leva esses corpos a um estado de sobrevivente, no qual seus corpos porosos aos poucos vão sendo anestesiados, a tal ponto que o esgotamento não parece estar muito distante.

Parece ser evidente que os corpos que se deparam com o diagnóstico que confirma sorologia reagente para o HIV, sentem um mal-estar vertiginoso provocado por essa experiência intempestiva. Isso provavelmente acontece uma vez que uma nova condição obrigatória invade suas existências. Esses corpos são forçados a experimentar outra condição sorológica para o HIV, uma condição de vida diferente da exercida até então que traz consigo figuras historicamente e culturalmente construídas acerca do que é ser HIV soropositivo, cheias de marcadores simbólicos diabólicos, menos humanos, menos saudáveis e menos vivíveis. Contudo, até esse ponto, percebo que os corpos ou resistem em um estado de sobrevivente, ou reagem de maneira mais intensa esgotando todos os possíveis.

Nas situações em que os corpos esgotam os possíveis, eles chegam ao limiar de vida e morte, passando a lidar com as relações das forças do Fora, onde a diferença entre elas não geram um vazio, pelo contrário, constituem intensidades, como discutido por Pelbart (1989) ao caracterizar a experiência com o Fora.

Apesar dessa experiência intempestiva com o diagnóstico ser bastante recorrente nos corpos que circulam e deixam rastros no *blog*, não pretendo afirmar

que ela seja uma passagem obrigatória, ou um modo único de lidar, a todos aqueles que vivenciaram situações similares. No entanto, o que posso notar é que essa experiência intempestiva, quando vivida, arrastaram tais corpos para uma encruzilhada monstruosa, uma vez que emerge uma diferença desestabilizadora, que os separa daquilo que acreditavam ser, experimentando a imanência da linha do Fora, podendo inclusive esgotar suas possibilidades de existências.

Além da intensidade do esgotamento dos possíveis, é recorrente nos registros deixados no *blog* o efeito de assombramento que a figura HIV soropositiva, ainda monstruosa, produz nos corpos que estão aprendendo a lidar com sua nova condição de vida e por vezes resistem em um estado de sobrevivente.

No rastro de “Recém diagnosticado”, é possível notar que apesar dele já estar a um tempo em tratamento e ter atingido a condição sorológica indetectável para o HIV diversos são os medos que assombam sua existência: medo de transmitir ou ter transmitido o vírus para pessoas que se relacionou, como se isso fosse um ato de maldade a quem um dia amou, medo de viver uma vida social dita normal e abrir a novas relações amorosas, medo de ter que revelar sua sorologia positiva e ser rejeitado.



**Recém diagnosticado**

28/01/2015

Recebi o diagnóstico há quatro meses e com três meses de tratamento já estou indetectável, porém estou exatamente como você disse, querendo me isolar, com medo de transmitir, ainda mais depois de descobrir que no passado transmiti para alguém que amo por ter sido um sorointerrogativo. Medo esse que bate de frente com a vontade de voltar a vida normal, me envolver com parceiros sem ter que revelar meu status, pois o medo da discriminação é tão grande quanto o medo da transmissão. Obrigado pelo texto, pelos links que o validam e por me lembrar que é bom se esquecer do vírus.

Esses medos de “Recém diagnosticado”, além de nos mostrar conflitos que uma pessoa que vive com o HIV pode passar, me faz pensar como a figura monstruosa do HIV produzida culturalmente pelos discursos normativos é potente em afetar por meio de uma pedagogia do medo tanto os corpos soronegativos ao vírus, quanto aqueles que vivem com o HIV, produzindo intensidades negativas redutoras da vontade de potência, em que esquecer do vírus parece ser o único possível para não sufocar.

Um dos medos mais relatados que assombam os corpos recém-diagnosticados é a incerteza se irão conseguir relacionar-se afetivamente com

outras pessoas, sendo elas soronegativas ao HIV. O rastro deixado por “luisa” nos traz essa questão.



Faz 3 dias que descobri que tenho o vírus, não consigo parar de pensar, não durmo e nem como direito desde dia q descobri.faz pouco mais de um ano q me separei e durante esse tempo me relacionei com outras pessoas, e à alguns meses eu e meu ex marido estavam pensando em voltar e era tudo que eu queria.No segundo dia contei a ele, ele ficou horrorizado e ja foi me dizendo que não tem mais volta, isso me deixou muito mais abalada..será que vai ser assim, eu não vou mais poder ter um relacionamento sério com mais ninguém quando a pessoa ficar sabendo...estou tão mal com essa notícia e ainda sem ter com quem contar.tou com tanto medo

Adorei o texto...nos conforta..

Em seu relato “luisa” além de retratar o mal-estar gerado pela experiência intempestiva de descobrir-se soropositiva ao HIV, ela compartilha a rejeição sofrida pelo ex-marido ao saber de seu diagnóstico. O que fica evidente nesse registro é o quanto a figura monstruosa do HIV assombra tanto o ex-marido, quando “luisa”, produzindo mecanismos sociais de exclusão em ambos. Nele por rejeitá-la e nela por se aprisionar diante a dúvida, ao considerar que será impossível conseguir se relacionar com alguém quando esta pessoa souber de sua condição de vida. Modos bastante violentos de lidar com a diferenciação produzida culturalmente às figuras HIV soropositiva e HIV soronegativa, dando origem a medos que não são escolhas de um ato de consciência e sim modos subjetivados por diversas instâncias culturais e relações de poder que fazem circular tais intensidades, contribuindo para a construção de uma lógica monstruosa do HIV.

De maneira similar a tantos outros registros, “Ralph” compartilha suas angustias poucos dias após seu diagnóstico reagente ao vírus, destacando sentimentos de culpa, raiva e ódio por tornar-se soropositivo ao HIV. No entanto, o que me fez trazer seu relato a este texto também foi o medo que essa experiência intempestiva produz em sua existência. Um medo que acredito estar relacionado com a incerteza daquilo que estar por vir, por não conseguir “esperar nada do amanhã”, não encontrar respostas, seja por desconhecimento das tecnologias de tratamento, ou pela própria incerteza de cura que os resultados de pesquisa produzem.



**Ralph**

17/12/2015

Oi, Pessoal!!Gostei muito do texto, muito esclarecedor, descobrir que sou soropositivo no dia 15.12.2015, essa semana,eu sei que parte foi culpa minha, estou desolado, vivendo pelas margens literalmente, minha família não sabe, meus pais nem podem desconfiar se não vai ser mais noites mal dormidas, eu não paro de me culpar, raiva e ódio, que sinto de mim mesmo, e o pior eu nunca tinha feito o exame, a outra pessoa que me passou tbm não sabia, ou sabia e mentiu, essa semana inteira estou fazendo os procedimentos, estou cansado, e rezando para que a minha CD4 esteja baixa, pelo menos, vou saber só daqui a 30 dias, que deus me der forças, e que todos fazemos uma corrente de orações, uns pelos outros, porque sinceramente, eu não consigo esperar nada do amanhã, minha mente ta vaga, eu não sei o que pensar, só consigo pensar no medo, apenas no medo. Obrigado!!

Diante esses relatos, evidencia-se que o medo aprisiona os corpos, é produtor de um conjunto de forças que os impede ou limita cruelmente suas movimentações, como uma máquina de corpos dóceis que desmobiliza a imanência de viver, uma (bio)política redutora de vida, intensificadora de ressentimentos e produtora de corpos sobreviventes anestesiados.

Os medos provocados pela figura do HIV são culturalmente tão potentes que fazem inclusive muitas pessoas terem medo de realizar um teste para saber se estão infectadas pelo vírus ou não, tornando-se um obstáculo ao enfrentamento da epidemia em níveis de saúde pública. O relato de experiência deixado por “Ney” se faz ilustrativo nesse sentido, demonstrando mais uma vez, como a figura do HIV ainda produz efeitos monstruosos.



**Ney**

05/01/2016

Oi gente, em 25/05/2013 fui a um bar e passei a noite e madrugada bebendo e acabei me embriagando, no ínterim uma mulher apareceu e acabamos no motel, perguntei se ela tinha camisinha e ela respondeu: “que camisinha que nada”. Mesmo bêbado eu estava resistindo a transar sem camisinha mas ela acabou me convencendo e alem fo mais eu estava excitado mas, quando fiz a primeira penetração, me bateu um desespero tão grande – eu tirei o pênis rapidamente, nem sei se ejaculei ou não depois de ralar com a safada saí desesperado do motel e passei os piores momentos psicológicos de minha vida medo de ter pego hiv. Logo no começo tive uma diarreia que durou mas de duas semanas e, por saber que é um dos sintomas agudos do hiv, fiquei louco de desespero. Fiz 2 exames mais não tive coragem de pegar os resultados. Rejeitava as mulheres que se interessavam pois se estivesse + jamais revelaria. Não me relacionava com ninguém.Foram mais de 2 anos de puro sofrimento, tentava fingir que estava tudo bem. Quando falavam em hiv sentia como se tivessem falando de mim. Finalmente decidi que tinha de fazer o exame para resolver minha vida. Soube que os exames antigos ainda constavam no sistema e os peguei – estavam negativos mas foram feitos no período da janela imunológica, assim, precisava fazer outro. Fiz em nov/15 e graças a Deus deu não reagente.Vivi 2 anos e meio como se eu fosse soropositivo sem ser. Por isso eu acho que compreendo os que sofrem por estar nessa situação. Hoje o fato de uma pessoa ser soropositiva não seria impecilho para namorar e ou casar com ela. Um abraço e um beijo a todos.

Na história de “Ney” alguns pontos chamaram minha atenção e cabe aqui uma problematização: primeiro o discurso de vítima diante a situação de risco em que poderia ter se infectado com o HIV, como se a culpa pela prática de sexo sem preservativo fosse da parceira ou do fato de estar sob o efeito do álcool, argumentos comumente produzidos por pessoas que vivenciam situações de risco e não assumem a responsabilidade diante de suas práticas sexuais. Acredito que isso contribua para o fortalecimento do argumento de que pessoas soropositivas são maldosas e persuadem seus parceiros, como verdadeiras laras, para vingar-se da vida e transmitir conscientemente o HIV. Algo associado também com as tantas notícias veiculadas a respeito dos carimbadores (pessoas que infectam outras por prazer e vingança). Segundo, foi que depois de ter vivenciado uma situação de risco, “Ney” chegou a realizar um exame para detectar a presença ou não do HIV em seu corpo, mas não teve coragem de ir buscá-lo. Essa falta de coragem ou medo enfrentado por “Ney” consumiu sua existência por longos dois anos. Fez com que ele vivenciasse uma experiência intempestiva por esse período, vivendo em um limiar com a linha do Fora de maneira similar a outras experiências já relatadas aqui. O que nos mostra mais uma vez a intensidade provocada pelos efeitos da diferença.

Contudo, o que se faz curioso nesse relato, é que finalmente quando “Ney” decide sair dessa angustia de incertezas e fazer novos exames, estes o mostraram que ele estava a todo tempo soronegativo para o HIV. Essa experiência de vida o fez concluir dizendo que compreende como as pessoas soropositivas se sentem. Será que é apenas isso ser soropositivo? Apenas sofrimento? Por fim, “Ney” em sua posição de privilégio diz que depois disso tudo não teria problemas em namorar ou casar com um soropositivo. Que bom que essa experiência de vida o fez de alguma maneira mudar suas concepções sobre relacionar-se ou não com uma pessoa soropositiva ao HIV.

Ainda dentro dessa dimensão de relações monstruosas, vale destacar que não é apenas o indivíduo que tem sua vida cortada por tal experiência que vivência intensidades intempestivas. Seus familiares muitas vezes compartilham dos mesmos fluxos e são afetados de maneira similar. O registro a seguir, de “T”, permite evidenciar um pouco disso.



T

22/04/2016

Hoje faz 1 semana que meu marido teve a confirmação da sorologia. E eu estou perdida, tentando entender o porquê, procurando uma explicação e tentando me manter forte. Mas não está fácil, até pq nem ele sabe como isso aconteceu, uma vez que ele diz que não me traiu com ninguém e não é usuário de drogas nem álcool. E não saber o como é muito ruim. Sei que tenho q me manter forte, mas só tenho vontade de chorar a cada vez que me pego pensando que ele está com HIV. Isso pesa muito. São quase 12 anos juntos, temos uma filha que acaba de completar 2 anos e ainda mama no peito, e diante dessa descoberta a minha principal preocupação foi e é ela, mas no mesmo dia da confirmação do exame fomos num CTA e repetimos o exame dele que infelizmente deu positivo de novo, mas o meu não, não que o fato do meu ter dado negativo me faça me sentir melhor pq não faz, mas pela nossa filha sim. Eu ainda estou na janela imunológica, mesmo sem saber desde quando ele está com o vírus, afinal se não tivesse feito os exames de rotina talvez nunca descobríamos. Mas não está fácil. Essa matéria me ajudou um pouco pois o meu medo maior acho que é da incerteza, se daqui a 10,15 anos ele vai estar aqui, se vai ver nossa filha crescer, se teremos outro filho, se de repente de uma hora pra outra pode começar a ficar mal, q essas coisas de futuro sabe?! As vezes penso q isso aconteceu justamente para que não pensemos no amanhã e aproveitemos o hoje. Mesmo sabendo que hoje há os remédios e que a qualidade de vida pode ser tão normal quanto a de quem não tem o vírus, talvez o fato de nao haver cura, do cuidado para a vida toda, sei la, talvez isso assuste tanto. Ele está bem, não tem nada, só uma dor de garganta e ja estamos preocupados se ele ficar doente, com medo de a partir daí, ele passar a ter algum sintoma, ou até mesmo uma doença oportunista mais séria. Ainda não passamos no infectologista, só em meados de junho, pois fará os exames semana na proxima semana e demoram para ficar prontos. Sei q não sei o q pensar, o q esperar, como encarar essa nova realidade que dói muito.

Em seu relato, “T”, também evidencia modos intempestivos dos quais passou ao lidar com o diagnóstico positivo de seu marido, ficando perdida, procurando razões e tentando ser forte. Em seu caso, tudo se intensifica pelo fato deles terem uma filha de apenas dois anos, mas não pela possibilidade da criança ter se infectado com o vírus e sim pela incerteza de vida do marido em participar do crescimento de sua filha, acreditando que por ele ser soropositivo sua existência esteja em risco constante. Entretanto, não por desconhecer as formas tradicionais de tratamento com antirretrovirais, bem como por não confiar em sua eficácia diante a tantos resultados e argumentos produzidos pelas biociências, médicos e outras instâncias, mas sim pelo fator incerteza de não haver cura até o momento. Essa incerteza que sempre retorna parece alimentar a figura monstruosa do HIV, mesmo que ela retorne outra, em versões amenas e inofensivas à saúde, parece haver um forte marcador essencialista que ainda não foi eliminado.

Diante tantas intensidades produzidas a partir de experiências intempestivas vivenciadas com o acontecimento do diagnóstico reagente ao HIV, cabe questionar: há saídas ou alternativas para tal experiência?

Por vezes é preciso chegar ao esgotamento dos possíveis para uma vida inventiva abrir-se novamente. É chagando ao limite da existência que um avesso pode vir a ser criado. Assim, as saídas podem estar exatamente nessas experiências intempestivas que levam a existência para seu limite, onde os possíveis parecem se esgotar, uma vez que, “A reação catastrófica, que no homem se manifesta como angústia, não seria o fim, porém condição para um novo começo” (PELBART, 2016, p. 41).

Assim, como nos inspira Deleuze, se faz necessário enfrentar a linha do Fora, uma vez que é na relação com o Fora que linhas de fuga potencialmente são engendradas, sendo assim preciso transpor os limites, tornar a linha do Fora vivível, praticável e pensável, traçar o avesso das condições que fizeram esses corpos sentir o esgotamento dos possíveis em suas existências.

Se a crise ocupa tal lugar privilegiado, é porque ela consiste num meio de colocar em xeque globalmente a própria vida a partir de uma ruptura da continuidade ou da identidade do sujeito. A doença aparece, desse modo, como um trabalho de reconstrução, uma nova relação com a vida (PELBART, 2016, p. 40).

Reverberar as intensidades sentidas na experiência do Fora, produzindo linhas de fuga, ou seja, modos de existência novamente vivíveis, não é um movimento fácil e autoconsciente, principalmente a um corpo já esgotado, mas é um desavio necessário pela vida que ainda pulsa. Diante dessa exigência de criação, abre-se espaço para analisar essa experiência em um segundo foco.

### 3.2.2 Segundo foco: busca por outros modos de existência.

Em acontecimentos intempestivos como os aqui descritos, dobrar as linhas de força são condição para torná-la vivível, mas uma vez dobradas tais linhas se desdobram e o movimento não sessa, dobras e desdobras, ações vibráteis, pulsáteis, colocando as relações de força em uma relação consigo mesmo, em processos de subjetivação que compõem a imanência de uma vida.

As dobras se fazem necessárias como movimento de abertura para a possibilidade de criação de outras formas de existência, em que o pensamento instaura um plano de imanência, um plano que acontece na superfície de relação entre dentro e fora das relações de força, nos quais agenciamentos são produzidos



por meio da confusa relação com as tantas possíveis figuras HIV soropositiva e soronegativa, gerando uma infinidade de elementos dispares e heterogêneos. Enfrentar essa superfície caótica por meio das dobras não deve ser entendido como “[...] uma maneira de se proteger, se abrigar. Ao contrário, é a única maneira de enfrentar a linha e de cavalgá-la [...]” (DELEUZE, 2007, p.141).

No relato de “IndetectableSoon” percebo um enfrentamento da linha do Fora por meio do movimento de reverberação dos fluxos intempestivos produzidos pós diagnóstico.



Deus te abençoe por suas publicações. Me trouxe paz e tranquilidade, além de muita (muita mesmo) informação. Fui diagnosticado hoje e ainda hoje foi marcado exame confirmatório, mas confesso que assim que recebi a notícia, um desespero e mal estar tomou conta do meu ser. Eu achei que minha vida havia acabado.. Meu tio tinha HIV positivo e cuidou até o fim, mas isso sempre me gerou dúvidas. Desde que ele faleceu à cerca de 10 anos nunca mais pesquisei, mas sempre me cuidei, o que ainda me causa dúvidas de como contrai... Mas depois de suas publicações, já não é mais importante pra mim que eu encontre o porque, mas sim, que eu cuide e não transmita o vírus pra mais ninguém e possa seguir minha vida de forma tranquila e feliz como qualquer outra pessoa. Agora vejo que não será mais necessário espalhar para o mundo que possivelmente eu tenha o HIV, mas que mais importante que isso, é que devo me medicar e cuidar para ser um “indetectável”. Deus te abençoe por suas publicações tão esclarecedoras e tão tranquilizantes, e parabéns, por dedicar o seu tempo em fazer matérias tão reconfortantes e, mais uma vez, esclarecedoras. Agora vejo que posso continuar sendo feliz e continuar fazendo história, me amando mais, passando adiante o conhecimento cedido por você, agora mais do que nunca. Sempre orei pela cura da AIDS e Câncer, dois males que já afetaram minha família com tristes óbitos, e agora orarei ainda mais para que em breve esses vírus sejam apenas algo tão comum e tratável quanto a gripe.  
De todo o meu coração, o meu mais sincero,  
**MUITO OBRIGADO!**

Como pode ser lido em seu registro, um desespero tomou conta de “IndetectableSoon” ao receber o diagnóstico positivo a tal ponto que a sensação foi de que sua vida tinha acabado, passando por uma experiência intempestiva assim como tantos outros. No entanto, seu rastro permite evidenciar que a partir de sua interação com as publicações do *blog* estas o serviram como um intercessor para dobrar os fluxos que reduziam sua vontade de potência.

Os discursos circulados no *blog* reativaram seu corpo poroso e o fez enxergar outras possibilidades de existir com o HIV, entre as quais destaco seu desejo em ter sua sorologia indetectável (ter sua carga viral – quantidade de vírus por mililitro de sangue - em níveis abaixo do detectável pelos exames de sangue). Aparentemente sua compreensão a respeito da figura do HIV é transvalorada na

medida em que os fluxos circulados no *blog* afetam e reverberam em seu corpo. Onde “IndetectableSoon” irá chegar? Não sabemos, mas o que destaco a partir de seu rastro é que sua existência passa a ser impulsionada por intensidades que produzem um desejo de busca pela alegria de viver.

Nesse rizoma de comentários postados no *blog* o enfrentamento das linhas de forças é manifestado de diversas maneiras, evidenciando a multiplicidade de modos de subjetivação que podem ser criados, mas que convergem em determinados aspectos, como por exemplo: na relação ocorrida com a leitura da postagem, em que as informações contidas nesta reverberam nos corpos e são devolvidas a rede rizomática estabelecida por meio das relações engendradas no *blog*.

Quando “Antonio Luiz” deixa seu agradecimento para JS poucos dias depois de seu diagnóstico, ele demonstra que de alguma maneira a postagem de JS o ajudou a tirar certo peso e dar mais confiança em ir às consultas, bem como seguir com o tratamento.



Antonio Luiz

12/10/2015

Só quero deixar o meu muito obrigado! Descobri sexta feira dia 09/10/15, que sou soropositivo, e tenho minhas consultas marcadas para a próxima semana. Pelo menos um pouquinho de todo o medo me tirou dos ombros. Posso ir mais confiante às consultas, e encarar o tratamento ainda mais firmemente! Novamente, muito obrigado!

Nesse relato, percebo que os fluxos circulados na publicação reverberaram em seu corpo transformando-o, dando impulso para “Antonio Luiz” encarar as práticas proporcionadas pelos resultados de pesquisas e discursos médicos como um caminho para a criação de modos vivíveis e praticáveis.

De maneira similar o registro de “Rê” evidencia o papel que os textos do *blog* assumiram em sua existência, como se fossem balões de oxigênio que o ajudam respirar em meio a tantas dúvidas, medos e angústias.



Olá,

Descobri ser soropositivo há aproximadamente duas semanas, desde então procuro por relatos de pessoas que já passaram pelo mesmo que eu, confesso, tem sido muito difícil essa fase de aceitação.

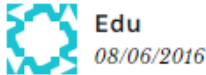
Em seus textos encontrei um balão de oxigênio em meio toda as dúvidas, medos e angústias e tenho certeza que esse é um refugio ou local que consegui encontrar um pouquinho de paz e entendimento sobre todas essas coisas novas que vem surgindo.

Seu trabalho é um espelho da vivência de muitos de nós, admiro sua coerência e gentileza ao abordar o tema, mais que um blog ao meu ver um amigo confidente!

MUITO OBRIGADO.

Sinto que tanto o registro de “Antonio Luiz”, quanto o de “Rê”, demonstram que os fluxos circulados no *blog* os afetaram e os fizeram enfrentar a linha do Fora, levando-os a busca pela criação de possibilidades outras, de novos pensamentos e aberturas a modos mais vivíveis de encarar suas existências com o HIV. Acredito que essa busca seja efeito da reverberação das informações circuladas, da necessidade de dobrar a linha do Fora e “[...] constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar” (DELEUZE, 2013b, p.142).

O registro de “Edu” também me permitiu perceber esses movimentos de reverberação, mas trouxe outro aspecto que chamou minha atenção: um possível comparativo entre as informações recebidas em seu atendimento na unidade de saúde e aquelas encontradas no *blog*.



Boa tarde, acabei de descobrir que sou soro positivo, sou doador de sangue anos, Sempre cuidei da minha saúde, Sempre usei camisinha, o meu maior medo era ter o vírus, no dia 25/05/2016 quando fui doar sangue novamente, fui informado que eu teria que fazer novamente os exames pq o último não teve resultado, já achei muito estranho pq isso nunca tinha acontecido, mais nem me preocupei pq sempre me cuidei e usei camisinha, refiz os exames, hj fui buscá-lo, quando recebi o resultado meu mundo caiu, fiquei desesperado, queria morrer, fui encaminhado para o Centro de excelência da minha cidade, para onde eu fui no mesmo minuto, chegando la em prantos, ja me surpreendi com a rapidez e excelência no atendimento, oq não tirou o meu medo, muito menos o meu desespero, mais me conformou um pouco, fiz outro exame para confirmação o resultado saiu em 30 min, E confirmou que eu realmente estou com vírus, minha consulta com o infecto foi marcada e eu voltei para casa, chorando, ainda desesperado e sem saber oq fazer, cheguei aqui em casa a primeira coisa que fiz foi procurar na Internet esclarecimentos sobre o assunto, esse foi o primeiro site que entrei, E posso afirmar que agora estou aliviado e super conformado, agora acredito que minha vida vai continuar a mesma, que posso continuar com todos os meus projetos, a única coisa que vai mudar provavelmente e os remédios! Muito obrigado por me confortar! E gostaria de saber se pelo fato de ter descoberto o vírus no início (a menos de 4 meses tinha feito exame e dado negativo), o meu risco e menor! Muito obrigado pela a ajuda!

Após “Edu” compartilhar sua experiência intempestiva com o recém-diagnóstico, na qual um desespero e vontade de morrer tomou conta de sua existência, ele demonstra que mesmo passando pelos atendimentos na unidade de saúde, estes não foram o suficiente para lhe produzir sensações mais confortantes, fazendo-o buscar por mais informações na internet. Nessa busca, que caracterizo por uma tentativa de fuga dessa experiência redutora de sua vontade de potência, ele deparou-se com o *blog*. Diante a leitura das informações contidas na postagem de JS “Edu” afirma que estas produziram sensações mais confortantes, um alívio tomou conta de sua existência ao ser afetado e reverberar os fluxos circulados na postagem, fazendo-o acreditar que sua vida poderia continuar, com seus projetos e planos, ou ainda, que ela não se tornaria uma vida monstruosa por causa do HIV.

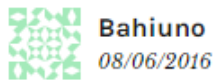
Em outras palavras, é possível dizer que as relações estabelecidas no *blog* por “Antonio Luiz”, “Rê” e “Edu” retiraram seus corpos de um estado de esgotamento, anestesiado, reativando sua porosidade, sensibilidade, seus corpos vibráteis (ROLNIK, 2002), permitindo a eles serem afetados pelas informações por lá circuladas e assim serem transformados, de alguma maneira, por elas.

Os fluxos que circulam no *blog*, sejam informações, experiências de vida, ou demonstrações de afetação, só são possíveis de movimentação porque os corpos que por lá deixam seus rastros se fazem porosos, saindo aos poucos de uma condição de sobrevida, esgotamento. Ao passar pelos corpos, esses fluxos abre-se

a possibilidade de uma dupla transformação: dos corpos e dos próprios fluxos circulantes, ambos se fazem outros em cada acontecimento.

Em alguns comentários é interessante observar a interatividade direta entre os corpos que por lá deixam seus registros. Estou me referindo como diretas aquelas relações que são endereçadas de um indivíduo para o outro, geralmente uma resposta, ou conselho, ou complementação do pensamento registrado, mas vale destacar que todo registro deixado no *blog* é uma interação com os demais, uma vez que compõem um mesmo rizoma e funcionam de acordo com os princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade e ruptura assignificante (DELEUZE, GUATTARI, 2011), fazendo os fluxos circularem por ele.

O rastro de “Bahiuo” é um exemplo de interação direta com esse comentário de “Edu” que discuti a cima.



Edu

Fica calmo. Passado o susto você vai ver que o HIV não é todo esse mostro que achamos que ele é. É um sacaninha esperto e covarde com p tratamento fica escondido no nosso corpo. Também sou recém diagnosticado. Comecei o tratamento e até então nenhum efeito colateral. Vida que se segue.

Entretanto, não trouxe para o texto esse comentário de “Bahiuo” apenas para ilustrar tal interação que é bastante frequente, mas porque em seu discurso ele nos mostra um efeito pós reverberação das linhas de força intempestivas. Ao comentar que “[...] o HIV não é esse monstro que achamos [...]” ele demonstra ter transvalorado sua compreensão da figura do HIV, produzindo uma figura outra para o vírus, talvez mais amena e praticável, que o permite seguir vivendo.

Essas transvalorações podem ser compreendidas pelos movimentos de inflexões das linhas de força que estratificam esses corpos. Na medida em que reverberam por cada corpo maquínico, circulando por relações rizomáticas, funcionam como um fôlego para amenizar os efeitos intempestivos.

De maneira similar, pra mim foi interessante identificar um novo comentário de “Felipe Rec”, dando um conselho de vida para outro indivíduo que se manifestava em uma experiência intempestiva diante o diagnóstico, postado dois dias após seu primeiro registro de desespero que analisei no eixo anterior.

 Felipe Rec  
18/11/2014

Cara, a gente pensa em suicídio sim, mas depois vemos que não vale a pena, até pq de uma forma ou de outra, descobrirão depois, pensa assim: se vc não contar a ninguém, ninguém vai saber... nós temos um vírus, talvez por uma forma que a vida arranjou de nos mostrar, de reorientar a nossa vida, uma forma bastante cruel, é verdade mas que agora, vamos ter q nos cuidar mais, da alimentação, da saúde, tbm estou bem recente, um mês e meio, não choro tanto, mas fico deprimido, não comecei os remédios, me espanta vc ter começado tão rápido, mas enfim... os amigos que fiz aqui, sempre me dizem: tempo é a chave de tudo, vc vai perceber depois q existe soropositivos, em todo seguimento da sociedade, e eles vivem normal. Eu tento absorver isso, trabalhar, pois minha contas tem q ser pagar, e estou mais atencioso com família e amigos.

Nesse novo comentário “Felipe Rec” também demonstra um enfrentamento da linha do Fora, criando outros olhares para sua nova experiência de vida. Aparentemente uma inflexão das linhas de força que sufocaram sua existência, produzindo um avesso a esta. Esse movimento permitiu a ele buscar modos de existência mais praticáveis, seja pela busca de novos hábitos de cuidados de si, ou pela socialização com outros corpos que compartilham modos similares ao seu produzindo uma sensação de pertencimento ou até mesmo normalidade.

Em outro exemplo de interação direta, “Anonimo” direciona seu discurso a um leitor que deixou seu rastro de desespero diante sua existência HIV soropositiva.

 Anonimo  
19/11/2014

Amigo, descobri a minha há um mês e meio, estou em tratamento porque o diagnóstico foi bem precoce. O que posso te dizer é: tomo antidepressivos que me ajudam muito a ver a vida como ela é e, portanto, não dar ao vírus mais importância do que ele tem. Talvez você deva considerar essa via – o remédio me ajuda muito. Além disso, procuro afastar os pensamentos de culpa. Não tenho culpa. Contraí o vírus fazendo sexo sem preservativo com pessoa em quem confiei. Confiança e um sentimento humano e um bom sentimento. Sexo é uma necessidade humana e uma boa necessidade. Não fiz mal a ninguém. Portanto, não há do que me arrepender. Não caia na onda da imprensa. Hoje querem demonizar os sentimentos humanos porque é mais fácil discriminar do que se informar. Você não está errado e não vai morrer disso. Como está em tratamento, também não vai transmitir a ninguém, ainda que transe sem preservativo – o que não aconselho por causa de outras doenças. Vá viver sua vida, não revele seu status para não sofrer com o julgamento de gente ignorante e pronto. Te garanto que você vai viver mais que o vírus, já que a cura tende a aparecer durante seu período de via. Eu não tenho nenhum efeito colateral. Em breve você também não terá. Espero ter ajudado. Abraço!

Em seu registro “Anonimo” compartilha sua experiência de vida a fim de demonstrar possibilidades de busca de modos mais vivíveis. Bem como procura em seu discurso transvalorar alguns aspectos que comumente reduzem a vontade

de potência dos corpos soropositivos ao HIV, como o sentimento de culpa por ter contraído o vírus, o arrependimento por ter praticado sexo e sentimento de confiança nas outras pessoas. Por mim, “Anônimo” tenta emitir fluxos que produzem vida mais vivível, por meio da redução dos efeitos assombrosos do HIV e suas práticas associadas, subjetivando modos para uma existência mais positivada.

As possibilidades de interações criadas no *blog* certamente extrapolam os limites desse espaço, os fluxos por lá circulados não se limitam em existir apenas na página da internet em si, uma vez que a todo o momento tais fluxos circulam pelos corpos que certamente também vivem em um mundo fora da internet, podem ser transformados neste mundo e posteriormente devolvidos para a trama do *blog*, havendo transformações por cada máquina circulada. O *blog* passa a ser um meio que potencializa os encontros, as linhas de fuga do rizoma, mas não detêm qualquer controle sobre elas. Os modos de existência dentro e fora da internet se hibridizam, o que acredito ser uma característica dessas mídias alimentadas por uma interação com a internet.

O registro de “Lucas” me fez despertar esse pensamento a respeito da potência que as interações ganham ao conectar-se também por meio de uma mídia de internet, o que pode parecer bastante óbvio.

 **Lucas**  
19/11/2014

Olha achei incrível o texto e com certeza vou tirar muitas duvidas de pessoas que convivem comigo, Pessoas que acham que so pq tenho o virus ja estou morto. Não... Eu faço o tratamento e sei que posso ir mais longe. Sei que isso não me impede de viver em nada, ao contrario deve me dar mais força pra continuar, e mostrar o quão aqueles que são infectados podem viver tranquilamente bem ou melhores do que os não infectados, Pois como vc fala, ja não corremos o risco de contaminação, e fazendo os tratamentos certos estaremos totalmente seguros de nós mesmos...

Como pode ser lido no comentário de “Lucas”, a partir da leitura do texto de JS ele enfatiza que “[...] irá tirar dúvidas de pessoas que convivem com ele [...]”, demonstrando seu interesse em fazer circular suas experimentações com o texto para outras esferas de sua vida. Vale destacar que para “Lucas” o tratamento o dá mais força para continuar vivendo e isso é motivo para ser mostrado aos outros que vivem com o vírus que eles também podem produzir modos de existência ditos saudáveis ou até mesmo melhores que aqueles corpos soronegativos, reafirmando a partir do texto de JS, que o tratamento possibilita aos corpos soropositivos estarem seguros de si mesmo.

Essa constatação de “Lucas”, de que o tratamento é o meio para a criação de modos de vida mais praticáveis, não pode passar despercebida. Ela também é descrita no texto de JS e comumente destacada nos comentários como meio de reverberar as linhas de força do Fora. Isso me causa certo incomodo, uma vez que é atribuída uma forte intensidade ao tratamento como meio para produzir modos de existência mais vivíveis. Não quero dizer que não seja, mas vejo nesse discurso comumente empregado pelos órgãos públicos de saúde, como uma maneira de domesticar os corpos soropositivos transmitindo para eles a responsabilidade da epidemia ter as proporções que as estatísticas demonstram. Transferindo assim para os indivíduos responsabilidades que cabem à gestão da saúde pública, como o controle da epidemia. Além do mais, produz um mecanismo de exclusão àqueles corpos que de alguma maneira ou de outra não se adaptaram ao tratamento, ou não tiveram sucesso com o mesmo, ou por outros motivos não aderiram aos coquetéis.

Voltando as potencialidades que percebo no rizoma proporcionado pelo *blog*, trouxe o comentário de “Sabrina” que me permite enfatizar a reverberação dos fluxos circulados e a abertura para práticas mais vivíveis diante os efeitos da diferença produzida culturalmente para as figuras do HIV.



Jovem descobri seu blog hoje buscando um bálsamo para mais um dilema que atravesso, pois estou me envolvendo com um homem soro discordante e buscava um meio de contar a ele e não ter que passar (novamente) por esse momento de segregação que nos fere toda vez que o hiv é visto como uma diferença que nos impede de ter uma relação com quem gostamos. Depois de ler este post, fiquei mais certa de que não tem nada que me impeça de viver isso e que se ele não for capaz de entender isso, então não vale a pena. Obrigada por descrever o sentimento que nos acomete de forma tão clara e parabéns por falar com tanta lucidez sobre esse assunto “proibido” ainda, justamente pela ignorância. Espero realmente que essa realidade mude, assim como nosso prognóstico e nossas perspectivas de vida. Parabéns e continue por favor, escrevendo, suas palavras são importantes para a conscientização de mentes enferrujadas que ainda não têm essa compreensão.

“Sabrina” levanta a questão da dificuldade enfrentada pelos corpos soropositivos ao HIV em relacionar-se com algum soronegativo, que provavelmente ocorre devido aos mecanismos sociais de exclusão engendrados por aqueles que essencializam a diferença entre figuras HIV soropositiva e HIV soronegativa e a toma como barreira intransponível. Entretanto, o que foi curioso observar é a intensidade



em que ela atribui as informações contidas no *blog* como uma ajuda para produzir outros modos de enfrentar esse mecanismo de exclusão.

Se esses modos são certos ou não, não é minha pretensão julgar, mas destacar mais uma vez a potencialidade das movimentações apresentadas. Percebo que esses movimentos de reverberação dos fluxos circulados pelas informações contidas na postagem, vão abrindo caminhos para atos de criação, movimentos de transcrição dos modos de existência soropositivos, sem necessariamente criar um algo completamente outro, que substituirá o anterior, mas que ao transvalorar determinadas práticas e efeitos produzidos culturalmente para as figuras do HIV produzem vontade de potência, em outras palavras, são capazes de criar vida vivível.

Movimentos de transvaloração e transcrição que possibilitam os corpos acreditarem em modos de existência mais felizes e saírem de sua quarentena pós-diagnóstico, como também explicito nos comentários de “Adenir Lopes” e “sam”:



**Adenir Lopes**

24/05/2015

que bom que você nos escreve com simplicidade e eficiência, isto tem me ajudado muito a sair da minha “quarentena” de 8 anos... quanto mais informação, melhores vivemos e deixamos os que estão juntos de nós tranquilos!!!!



**sam**

25/05/2015

Tão magico tudo isso, me sinto tão bem em ler e reler essas informações. obrigado por indiretamente me fazer mais forte e acreditar que eu posso ser uma pessoa feliz, sair da minha propria quarentena é o primeiro passo.

Essa quarentena relatada seria como que permanecer nas relações sufocantes estabelecidas pela condição intempestiva da linha do Fora, sem dobrá-las ou transvalorá-las, apenas resistindo em um limiar de morte como a única possibilidade de existência, em uma condição de sobrevivente, por vezes esgotado.

Assim, é importante também demonstrar que nem tudo são flores e alegrias. O comentário a seguir, de “Felipe”, se faz representativo acerca de uma experiência recorrente por aqueles corpos que resistem em quarentena, na qual a figura do vírus apaga por completo a noção de sujeito, assumindo e tornando-se aquele corpo, o “HIV em pessoa”.

**Felipe**

24/07/2015

Parabéns pelo texto. Ainda estou na minha fase de quarentena e querendo sair dela. Desde que fui diagnosticado me fechei mais ao mundo e até para família e amigos. Estou conseguindo aos poucos superar. Até certo dia não queria nem ler sobre o vírus, tampouco ler a bula dos remédios que tomo. Apenas me comprometi a ir ao médico, tomar medicação e tentar seguir... Agora estou encarando a realidade de frente e não ficar me olhando no espelho apenas como o HIV em pessoa.

Tal relação indica uma intensidade vivida diante os efeitos da diferença, que aparentemente são capazes de anular tudo aquilo que se conhecia com relação ao ato de viver, de existir, transformando a complexidade dos inúmeros modos de ser e agir em uma sufocante existência esgotada.

Um aspecto que não podemos desconsiderar nesse processo de quarentena é a sua relação com a questão do preconceito, tão recorrente nos rastros deixados pelo *blog*, que permitem destacar que permanecer em quarentena não se trata de um movimento de um sujeito autoconsciente e incapaz de lidar com a experiência intempestiva, mas sim de complexas relações de poder, um biopoder, que compõem as sociedades de controle.

Definir o que é preconceito pode ser bastante complexo, um conceito abrangente que assume facetadas formas e pesos em diferentes contextos, mas que pode ser entendido como uma relação social que produz julgamentos, moralidades a respeito do que é ou não aceito, desejado e autorizado de viver, em processos que tentam estabelecer diferenças puras e essencializadas, geradoras de marcas sociais, estigmas, que funcionam como um forte mecanismo social de exclusão.

Vale ponderar também que o preconceito experienciado faz parte de uma construção cultural que arrasta marcas históricas do que é ser e de como se tornar um sujeito soropositivo ao HIV, em grande parte associado a figuras impuras, marginalizadas e de condutas sexuais não autorizadas pelos discursos normativos, como as e os: homossexuais femininos ou masculinos, transexuais e trabalhadores do sexo, bem como as noções de grupos de risco, não sendo algo que existe por si só, natural, pelo contrário, é constantemente produzido e recriado nas relações sociais.

É essa tal coisa relacional que faz a grande maioria dos corpos se esconderem de si mesmos, esconderem da sociedade sua condição de vida HIV

soropositiva, para de uma maneira ou de outra tentarem minimizar os efeitos da diferença que na trama social produzem relações de poder que reduzem os afetos, a vontade de potência e a produção de vida. O que em alguns casos, como nos de homossexuais que ao longo de sua vida tiveram dificuldades para lidar com sua orientação sexual e a esconderam de si e dos outros, em complexos movimentos de tentativas de apagamento das diferenças e normalização, pode levar a produção de algo como um segundo armário, como discutido por “Paranaense do Rio de Janeiro”.



**Paranaense do Rio de Janeiro**

13/11/2014

Eu hoje tive minha segunda consulta com a infectologista. Temos a mesma data de reborn, Jovem!... 18/10. Mas comigo foi agora. Hoje descobri algumas coisas e tirei outras duvidas. Antes de ir li esse post e comentamos no consultório. Que aula a dela e a sua. Obrigado por colocar mais luz no meu horizonte. Optei pelo inicio imediato do tratamento com antirretrovirais. Eu queria mesmo era poder falar da minha situação com as pessoas... parece os tempos em que vivia uma vida dupla por ser gay. Mas esse tempo acabou... Melhor: repensando, não existe motivo para encucar com isso. Vc mesmo disse... eu sei que a situação volta e nós mesmos nos colocamos na situação de “resguardo” ou “quarentena”. Vamos todos tirar isso de letra. Obrigado por tudo, viu?

A meu ver essa questão da quarentena, que está associada ao preconceito, torna os modos de existência dos corpos soropositivos ao HIV mais complexos e difíceis. No relato de “K” pude perceber um pouco dessa dificuldade, seja ela enfrentada de maneira mais prática no processo diário do tratamento atual via antirretrovirais, ou por meio dos tantos pensamentos que assombram sua existência.



**K**

14/08/2015

Sei lá... lendo mais uma página desse diário me senti “confortável”... acho que todos nós Soropositivos se identificamos com essas diversas situações pela qual você passou. Dói, dói muito, receber um diagnostico desse, virar escravo de medicação – mesmo que simples mas diária – ter uma nova “identidade”, passar por um turbilhão de pensamentos quase que diário sobre essa nova condição, e etc... Sou forte, sempre fui, mas não é fácil JS... Rezo sempre pela cura, e estou confiante que esse dia vai chegar! Se Deus Quiser e em nome de Jesus!.. Porém JS até lá, o preconceito continua sendo o maior problema... Faz quase um ano que guardo esse diagnostico apenas entre minha “infecto” e eu, isso graças ao preconceito...

Parabéns pelo blog...

Ass: K

Nesse relato de “K”, também é possível ver a grande influência dos discursos religiosos para o enfrentamento daquilo que o assombra. A noção de esperança, a fé em um Deus maior salvador, também o ajuda a produzir impulsos para a busca de modos de vida mais praticáveis. O que evidencia que não são

apenas os discursos científicos veiculados por JS, pautado na eficiência da terapia com antirretrovirais, com supressão da carga viral circulante nos fluidos corporais e os resultados de não transmissão com casais sorodiscordantes, que funcionam como intercessores do pensamento nos movimentos que levam a transvaloração.

Em contrapartida, também não há como não destacar que os intercessores que compõem a postagem de JS, sejam eles resultados de pesquisa das biociências, conversas com seu respeitado médico ou relatos de seus modos de existência, representam para muitos um acesso a informações com *status* de verdade.

O que também se torna curioso para mim, nesses tantos comentários, é que vejo funcionar um tipo de aprendizado a respeito de práticas para a promoção do corpo saudável e o que seria este corpo ocorre nas relações estabelecidas no *blog*, a partir da postagem de JS e dos comentários de tantos outros corpos anônimos que por lá circulam.

Um aprendizado que ocorre a partir da afetação, da reativação do corpo vibrátil, capaz de construir sentidos as experiências de vida compartilhadas e somente depois de serem afetados por tais experiências é que os discursos médicos, científicos, tornaram-se plausíveis, válidos, ou mais verdadeiros.

Porém, não pretendo afirmar que as informações circuladas no *blog* são mais valiosas ou importantes que aquelas recebidas no centro de saúde, não é esse tipo juízo que está em questão. O que pretendo destacar é que as motivações para esses corpos enfrentarem a vertigem da linha do Fora, emergiram das afetações sentidas a partir das relações estabelecidas no *blog*.

Contudo, esse rizoma criado diante a postagem de JS, produtor de tantas intensidades, em que um misto de gratidão, esperança e outros afetos são gerados nas tantas relações estabelecidas, mostram para mim um importante papel que o *blog* proporciona: abrir para impossibilidades, para a busca de outros modos de relacionar-se com a figura do HIV, modos de existir mais positivos, mais saudáveis, mais humanos, menos monstro, que explorei no foco de análise a seguir.

### 3.2.3 Terceiro foco: criação de vida

Enfrentar a linha do Fora, os efeitos da diferença nela vividos, como discutido no foco anterior, é uma ação impulsionada pelo desejo de vida, pela busca de modos mais vivíveis e praticáveis, que passa pela transvalorização das figuras do HIV. Entretanto, o que pode um corpo soropositivo ao HIV? Que efeitos produzem?

Diante a essas questões e afetado pelos tantos relatos de experiência registrados na postagem do *blog* analisada neste trabalho, procurei discutir neste terceiro foco modos de existência transcriados, seus efeitos e intensidades, que fui capaz de perceber no rizoma engendrado pelas tantas interações no *blog*.

Nesse rizoma emergem corpos inacabados, híbridos, monstros que retornam outros, com características ditas mais humanos e saudáveis, devires HIV soropositivo, que se reinventam a cada nova sensação, experiência de vida e informação veiculada no *blog*, a cada intercessor autorizado pelas biotecnociências fáusticas cheia de incertezas e promessas.

Um desses intercessores proporcionados pelas biotecnociências é o exame laboratorial de sangue para quantificar a carga viral circulante neste fluido corporal, em que o resultado “indetectável” indica que aquele corpo apresenta uma quantidade considerada muito pequena de vírus por mililitro de sangue, nos padrões brasileiros algo menor que 40 cópias. O que isso indica? De acordo com resultados de pesquisas, como dos estudos *Partner* e *HPTN 052*, veiculados na postagem de JS, bem como em outras fontes dedicadas ao tema, como o estudo *Opposites Attract* e a página do UNAIDS, ter a carga viral indetectável indica que aquele corpo reduz a possibilidade de transmissão do vírus à praticamente zero, bem como devolve às células do sistema imune a capacidade de se multiplicarem em uma condição dita normal, evitando assim, por consequência final, o desenvolvimento da síndrome da AIDS.

O rastro de “...tHeCuRrE!!!” é representativo dos efeitos potencialmente produzidos pela a condição sorológica indetectável nos modos de existência de corpos soropositivos ao HIV.



...descoberta sorologia 2012... 2013 um ano de medo e assimilação... 2014 início de TARV e sem nenhum efeito colateral e chego em novembro depois de 8 meses com a noticia: VC esta INDETECTAVEL e CD4 em 1000 e com sua matéria de hoje iniciarei 2015 abandonando o lado soronegativa e soropositivo e sendo mais SOROINDETECTAVEL e sendo feliz e vivendo esta vida maravilhosa...valeu JS

Como pode ser percebido, ter sorologia indetectável aumenta a vontade de potência de “...tHeCuRrE!!!”, uma vez que afirma que sendo “soroindetectável” ele está sendo feliz, vivendo uma vida maravilhosa. De maneira similar, “William” compartilha sua experiência e destaca que atingir o resultado de carga viral indetectável trouxe autoconfiança em viver.



Quando fiz a primeira contagem de CD4, estava pouco abaixo de 900, bom, porém CV altíssima... Decidi iniciar a TARV, tive problemas com o efavirenz, passei 1 semana sem tomar, fiquei com medo de haver falha no tratamento, mas a recompensa veio 6 meses depois: CV indetectável e CD4 de mais de 1200!

Isso me deu uma autoconfiança tremenda, ajudou a superar uma desilusão com um cara que só enxergava o próprio umbigo.

É interessante enfatizar com o relato de “William” que o tratamento por meio da terapia com antirretrovirais (TARV) não é algo muito simples. Ele comenta que teve problemas com o efavirenz, um dos medicamentos que compõe o esquema básico de TARV, provavelmente efeitos colaterais nada confortáveis. De acordo com outros relatos que pude acompanhar no *blog* esse medicamento, que comporem o esquema 03 em 01 (comprimido único com três tipos de medicamentos), é o que causa mais efeitos colaterais. Esse episódio fez “William” suspender o uso por uma semana, provocando medos sobre a eficácia do tratamento, mostrando o quanto este pode ser mais complicado do que se espera.

Já “andersonbsb” acrescenta que “ser indetectável deveria ser algo admirado pela sociedade”, por ser uma conquista, um exemplo de superação de tantas dificuldades, experimentada pelos corpos soropositivos ao HIV. E demonstra entusiasmo em propagar a ideia de que o risco de infecção pelo vírus é menor em alguém com sorologia indetectável ao HIV.



andersonbsb

14/11/2014

Excelente!!! Ser indetectável deveria ser algo admirada pela sociedade. Ou seja, “aquela pessoa passou por uma experiência ruim, adquiriu HIV, mas agora ela é indetectável, que significa automaticamente não transmitir e nem se atrapalhar em nenhum sentido.” Estou entusiasmado em discutir esse assunto, em levar para as pessoas do meu ciclo essas informações. É no mínimo fascinante a afirmação de que o risco de se infectar com o vírus é menor com uma pessoa indetectável. Vai gerar muita discussão, e estou pronto para discutir pois acredito na explicação do Dr. Éper ao JS.

Parabéns!!!

Por meio desses registros, percebo que essa condição indetectável produz muito mais que um resultado de exame laboratorial desejado, ela torna-se um intercessor chave para lidar com os fluxos produzidos pelos efeitos da diferença e seus tantos mecanismos sociais de exclusão, uma ferramenta importante para dobrar experiências que diminuem a vontade de potência, redutoras de vida, fazendo circular no rizoma criado pelo *blog* modos de existência criadores de condições vivíveis e praticáveis, produtoras de outras subjetividades. Em outras palavras, representa voltar a ter uma condição de vida mais saudável, dita controlada e muito próxima a de um corpo soronegativo. Uma condição de vida desejada pela grande maioria que experienciou o intempestivo limiar de vida e morte ao ser diagnosticado soropositivo ao HIV.

No entanto, um corpo soropositivo indetectável é um corpo outro que manifesta a ambivalência da figura monstruosa. Esse corpo outro é produtor de uma figura nem soropositiva, nem soronegativa, mas seu duplo, o monstro que retorna outro. Ou seja, uma forma positivada e inacabada da monstruosidade, que subverte marcadores identitários normativos de sua produção cultural, tanto por meio da transvaloração da figura do HIV, quanto por seus modos de experienciar a sexualidade e suas práticas, que ressignificam a existência com HIV.

Com esse *status* sorológico não se tem a cura, não há um retorno à condição de vida antes do HIV. É criado um modo de existência dobrada, que ganha vida em um dentro do lado de fora e que se faz em devir, um constante vir a ser diante a cada exame laboratorial, a cada situação política que impacta os sistemas de distribuição de medicamentos. Assume-se uma monstruosidade afirmativa, por meio do engajamento ético-estético-político que atravessam esses modos de existência outros, e uma condição nômade, uma vez que esse status sorológico

pode ser mudado caso haja falhas no tratamento, seja por acontecimentos de ordem biológica, funcionamento do organismo, ou de ordem social, como condições de acesso e permanência na terapia com antirretrovirais.

Não pretendo dizer que a sorologia indetectável assume o papel de uma identidade, “o sujeito HIV indetectável”, isso paralisaria as diferenciações imanentes nos modos de existência daqueles corpos. Há também contradições e discrepâncias constantemente negociadas, combinações de forças que faz de cada corpo um devir outro, uma experiência única que produz multiplicidades entre modos de ser soropositivo ou soroindetectável ao HIV em um corpo heterossexual, homossexual, bissexual, mulher, homem, feminina, masculino, cisgênero, transgênero, negro, branco, rico, pobre, criança, adulto, brasileiro, africano e tantas outras que não devem ser unificadas por uma identidade mestra maior. As subjetividades produzidas são múltiplas e singulares, dependendo de cada contexto social.


Pensar em modos de existência de corpos soropositivos, soroindetectáveis, ou soronegativos ao HIV, é também reconhecer os processos de construção de um corpo sexual, produzido pela sexualidade, compreendendo esta como um produto histórico, cultural e subjetivo que compõem a nossa linguagem, as práticas e representações da vida afetiva (FOUCAULT, 1988). Os modos de existir com o HIV interferem diretamente na vivência da sexualidade, seja na busca por novos parceiros e enfrentamento do estigma social, ou nos modos de prevenir-se de possíveis transmissões do HIV, que podem mudar as práticas sexuais, por exemplo, devido ao uso da camisinha, ou da PrEP.

Voltando ao pensamento, não é apenas o resultado indetectável que produz intensidades de uma existência afirmativa nos corpos que pelo *blog* deixam rastros de sua existência. Os tantos fluxos circulados no rizoma criado a partir da publicação de JS aparentemente também produzem essas intensidades, permitindo os corpos afetados por esses fluxos transcriarem sua existência, abrirem-se para caminhos inventivos e traçar modos outros de viver com o HIV, uma monstruosidade outra, dobrada.

Percebo esse movimento a partir dos tantos registros de gratidão a JS por sua postagem, agradecimentos que a meu ver representam algo como um “muito obrigado por me fazer continuar vivendo”, aumentando a vontade de potência e criando vida. Como no registro de “Ricardo – Guarulhos”, que enfatiza que sua



relação com as informações contidas no *blog* produziu em seu corpo efeitos renovadores e animadores, sendo algo significativo em sua existência.

 **Ricardo - Guarulhos**  
13/11/2014

Todas palavras positivas existentes no mundo definiria este texto ! Emocionante, perfeito, renovador, animador...! “JS” você é show, agradeço a Deus por sua existência e pela brilhante idéia de ter criando este *blog* que tem feito a diferença em milhares de vidas, sou uma delas ! Que possamos estar firmes e sempre forte para as boas novidades que estão por vir. Tb com lágrimas nos olhos só tenho a dizer : Obrigado !

O relato de “Cara +” é emblemático e permite destacar a importância que sua relação com os fluxos circulados no *blog*, tanto aqueles produzidos pelas informações da publicação de JS, quanto os compartilhados com os demais leitores.

 **CARA +**  
24/11/2014

Cara, de verdade verdadeira

só tento retribuir, se é que isso é possível, a tamanha importância que esse *blog* teve e tem, quando descobri minha sorologia.


num dos momentos mais desesperadores da minha vida, encontrei esse *blog* e me senti confortável com o novo cenário que a vida estava me apresentando. Ao ler os relatos de todo mundo aqui, não tive dúvidas para começar logo com a tarv e enfrentar.

Cheguei cheio de medos, inseguranças, impotência perante a situação, mas encontrei aqui o acalento e a palavra animadora, forte, amiga para me fazer ver que a gente pode muito mais!

Tenha certeza que o seu exemplo, suas palavras, o carinho que transmite ao escrever aqui são de grande valia para nós!

obrigadão!

Percebo que os fluxos circulados nesse rizoma produziram em “Cara +” intensidades que além de permitir a ele enfrentar experiências intempestivas com o HIV, produziram modos mais confortantes que aumentaram a vontade de potência em suas práticas de vida. Bem como “Vida”, que afirma ter encontrado vida ou modos mais vivíveis a partir de sua interação com o *blog*.

 **Vida**  
16/11/2014

Jotinha meu lindo, bem-vindo ao mundo dos balzaquianos!!..rs..


Parabéns pelo seu post...é o máximo!! Você e o seu *blog* são muito importantes para mim, pois foi aqui que encontrei o que precisava no momento mais terrível da minha história...encontrei vida!!! ..

Agora rasgando um pouco mais de seda....VOCÊ É O MÁXIMO!! Muito obrigada meu amigo querido....

Os rastros deixados por “Mike” e “Luiz Otávio Elstner”, além de evidenciarem seu agradecimento, chamaram minha atenção por fazerem referência a frase do médico Dr. Esper “— Nos faz sentir humanos novamente. Não faz?” (SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**, 13 de novembro de 2014).

 **Mike**  
13/11/2014

Ótimo texto!!! “— Nos faz sentir humanos novamente!!” Nosso Lema!!

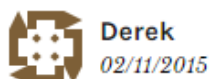
 **Luiz Otávio Elstner**  
21/11/2014

Bom, Jovem Indetectável, eu tenho que te agradecer e mto! Vc não faz ideia do quanto seu texto me ajudou. Nesse momento eu sou um possível “soro positivo”, fui detectado com o vírus no meu último exame e estou aguardando a janela pra fazer meu próximo e confirmar o diagnóstico. Sem mesmo saber eu já havia começado a minha quarentena pessoal... Portanto, acredito que vc saiba o quanto me ajudou seu texto, nos faz sim nos sentir humanos novamente. Muito obrigado!

Tanto “Mike” quanto “Luiz Otávio Elstner” se apropriam dessa ideia do Dr. Esper para representarem suas sensações, os efeitos que os fluxos circulados provocaram em sua existência. Ao dizerem que se sentem humanos novamente é possível reconhecer que eles transvaloraram seus modos de existência com o HIV, que provavelmente era mais monstruosa, menos humana e mais vírus. Entretanto, como já discutido anteriormente, é uma relação muito delicada atribuir humanidade apenas aos modos de existências que atingem a condição sorológica indetectável, uma vez que, além de haver um marcador essencialista, como o resultado do exame, ou a quase ausência de vírus, há a produção de um mecanismo de exclusão social àqueles corpos que por algum motivo não atingem essa condição.

Em contrapartida, posso inferir que essa humanidade refere-se a alegria do viver manifestada, um corpo que se faz novamente sensível, que sai do estado anestesiado sobrevivente-esgotado, reativando seu corpo vibrátil (ROLNIK, 2002). Com isso, independentemente do motivo de reativação do corpo vibrátil, acredito que sentir-se humano é estar aberto aos afetos, o que por sua vez, pode ser um parâmetro para pensar o conceito de saúde ou saudável. Um corpo saudável como um corpo que vibra, sensível, aberto a inventividade, que se lança a imanência do viver e encontra alegria na arte de viver.

De maneira similar, “Derek” ao reconhecer a importância do *blog* na produção de práticas que o possibilitaram enfrentar o HIV e viver de maneira mais sutil, apreciando sua vida, reduzindo a velocidade da existência e criando um amor próprio, compreendidos como afetos de si, ele retrata que se sentia como um grande vírus no começo de sua existência soropositiva e que com o tempo passou a inverter essa lógica, se sentindo mais humano.



**Derek**  
02/11/2015

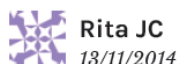
Olá, pessoal;

Tenho lido o blog desde 14 de outubro de 2015, sim, duas semanas atrás. As palavras do Jovem Soropositivo me acalmaram desde o primeiro dia, sempre que eu me desesperava, vinha aqui ler mais algumas matérias e comentários de pessoas vivendo com HIV. E sendo felizes. Antes eu tinha medo, agora, com 23 anos, terei que encarar de cabeça erguida.

Enfim, resolvi lutar esta luta e aos poucos deixar que o HIV me permita apreciar a vida de maneiras mais sutis, ter menos pressa de viver e me amar bem mais.

No primeiro dia eu me senti um vírus gigante com um pequeno ser humano dentro. Agora começo a me reconhecer como um grande ser humano e um respeitavelmente poderoso vírus no meu corpo.

Intesidades positivas são criadas pelos corpos que ao serem afetados pelos fluxos circulados no *blog* e se fazem porosos, reverberando esses fluxos e reativando seu corpo vibrátil. Que podem ser divertidamente reconhecidas no registro de “Rita JC”, que ao agradecer JS pelo seu texto transborda alegria.



**Rita JC**  
13/11/2014

O que dizer sobre o texto?  
Nothing ha ha ha... it's wonderful ♥

Mas não posso deixar de expressar o que esse texto significou pra mim:

Livre!  
Leve! 😊  
Liberta ha ha ha  
Aaaaaa JS i love you ha ha ha...  
Que luz, que paz que você como Nosso Atalaia me transmitiu!


Bem vindos à todos ha ha ha... bem vindos ao mundo colorido ha ha ha

Escutem Somewhere over the rainbow... nosso hino.  
Sim podemos, podemos, podemos ha ha ha vencemos ha ha ha!

Meu desejo à todos que usam ARV fiquem indetectáveis...

Million kisses :-\*

Essas intensidades positivas, que abrem alegria em viver, faz “Mutatis Mutandis” afirmar, por exemplo, que o *blog* é condição obrigatória para um corpo soropositivo ao HIV.


 **Mutatis Mutandis**  
14/11/2014

Esse blog, JS...desculpe, não tenho palavras...vou cair no lugar comum...é fantástico, de suma importância, condição *sine qua non* para a vida do soropositivo, **SÓ PERDE PARA OS ARV's.**


Louvado seja Deus pela sua vida, meu desconhecido Amigo!

A meu ver não é necessariamente o *blog* que se faz condição *sine que non*, mas sim os movimentos de enfrentamento das linhas do fora, que permitem transvalorar a figura do HIV e criar linhas de fuga para modos de existência mais vivíveis, fazendo da vida uma obra de arte. O que certamente poderia ocorrer em outros lugares, diante a outros intercessores, a outros fluxos.


Entretanto, não há como não reconhecer a potência e singularidade desse rizoma proporcionado pelo *blog* em afetar os corpos e levá-los a movimentos de criação. Uma singularidade do *blog* é tornar-se um meio em que encontros acontecem, em que interações jamais pensadas se fazem possíveis, havendo compartilhamento de histórias de vida e intensidades já reverberadas e positivadas. Como por exemplo, nesse fluxo de interação entre “Principiante”, “Ricardo - Guarulhos”, “Secret Guy” e Felipe Rec”.

 **Principiante**  
19/11/2014

Eu já fui para o infectologista com o resultado da carga viral, cd4 e cd8. Aí, ele já me passou os remédios. Estou tomando desde sexta-feira. No domingo, já senti o efeito forte da depressão.

 **Ricardo - Guarulhos**  
19/11/2014

“Principiante”, muitos destes efeitos “são monstros imaginários” criados por nós mesmos ! Qdo sentir que algo não vai bem, tente mudar o foco, coloque uma musica bacana, dance, converse com pessoas agradáveis, vá tomar um açaí, vá ao shopping... mude o pensamento ! Sei que não é fácil, passei por isto e decidi que além do tratamento diário, não gostaria de acrescentar mais uma carga de depressão sob minha pessoa. Converse com seu infecto, neste momento talvez um ansiolítico (indico clonazepan) seria bom, pois deixa a gente mais tranquilo e não causa “dependência”. Fica na paz, estamos aqui para ajuda-lo, precisando é só chamar. Ah ! já estou no 04º mês de tratamento e hoje só lembro do HIV quando venho “passear” por aqui, Forte abraço.

 **Secret Guy**  
20/11/2014

Oi Princiante!

Eu por conta própria resolvi seguir sem nenhum tipo de remédio por mais que tivesse vontade de tomar um calmante pra apagar a noite ou antidepressivo pra conseguir ver a vida melhor. Hoje, quase 6 meses depois eu realmente concordo com seu médico. Essa nuvem negra passa logo, você vai ver! É realmente um choque que libera vários fantasmas que ficaram trancados durante toda nossa vida!! Mas, aos poucos, você vai os conhecendo e colocando cada um no seu lugar. No final, você vai ver que eles nem são tão horríveis assim!!!

 **Felipe Rec**  
21/11/2014

é uma novo estilo de vida que a gente vai ter, vamos valorizar pequenas coisas, é cafona né? mas estou sentindo que é verdade. estou bem parecido com vc, mas eu tento e tento...sempre pensando: ninguem sabe q tenho, me abraçam, me beijam , me tratam bem,pois não sabem, e assim permanecerá, muito cuidado se for contar a amigos, o ideal é que nao conte, os psicologo me falou, pois se amanhãvc brigar com ele, é uma arma q ele tem contra vc, não queremos isso, por mais q sejamos informados, nem todos são , podem nos hostilizar e nos dar dor de cabeça

O que chamou minha atenção nessa interação foram as intensidades positivadas que “Ricardo - Guarulhos”, “Secret Guy” e Felipe Rec” emitem para “Princiante” na tentativa de ajudá-lo a enfrentar sua experiência intempestiva com o HIV. Discursos que tentam transvalorar a figura monstruosa do HIV produzida pela lógica identitária a partir do compartilhamento de seus modos de existência positivados, criando uma figura outra para esse monstro.

É curioso destacar também, que em outros registros esses mesmos indivíduos também demonstravam estar em condições conflituosas como as de “Princiante”, o que evidencia que eles criaram modos outros de existir com o HIV, provavelmente por meio do modo como os fluxos circulados no *blog* afetaram seus corpos, servindo de impulso para a produção de um avesso, ou à criação de outros possíveis.

A interatividade estabelecida entre “MR” e “RG” também caminha nesse sentido de compartilhamento de fluxos que indicam práticas de vida mais vivíveis.



MR

21/06/2016

Pessoal Hj descobri ser portador meu mundo caiu..carreira promissora pela frente ...vou ter essa vida normal mesmo ?adoro esportes a médica me pediu muito exames até de tórax é normal isso?ela comentou q precisa ver meu quadro para tratar tudo certinho...mas achei q já ia receitar o remédio ...me sinto desprotegido sem tomar nada..como vai ser efeitos colaterais etc...decidi que não vou contar a ninguém pois minha família depende muito d mim(mãe e irmãos) vou encarar tudo sozinho...fiz exames pelo meu plano de saúde sera q empresa vai saber?



Responder



RG

22/06/2016

MR, tenha paciência, embora seja difícil nesse momento, procure manter a calma e a paciência. Eu demorei 50 dias do dia que descobri até o dia que comecei a tomar o remédio, por conta de resultados de exames. Você deve se cuidar: alimentação, manter exercício e, acima de tudo, procurar teu estado emocional/ psicológico o menos abalado do possível. Dê tempo para você mesmo se situar e ir tirando dúvidas sobre essa condição que chegou em sua vida. Um passo de cada vez. Há sim quem viva bem com o vírus, se cuidando. Existem sim pessoa que já convivem com o vírus há 20, 25 anos. Efeitos colaterais dos remédios existirão sim, por isso a necessidade de se procurar ter e manter qualidade de vida. Mas, efeitos colaterais teríamos com ou sem HIV, sob efeito do tempo, da idade, de outros remédios... Lembre-se: todos um dia iremos morrer de uma coisa ou de outra, então siga sua carreira e mantenha-se firme e determinado em se cuidar, um passo de cada vez, resolver um problema de cada vez. Estamos juntos nessa.

Há muitos outros exemplos de interações nesse sentido que ocorrem diante a postagem de JS, com histórias que demonstram a multiplicidade de dificuldades enfrentadas pelos corpos soropositivos ao HIV e de fluxos emitidos na tentativa de ajudar a minimizá-las, mas que não irei discutir cada uma delas neste texto, uma vez que os movimentos que percebo ocorrer nesses outros comentários são similares aos já apresentados.

Meu intuito com esses exemplos foi evidenciar singularidades das possíveis interações criadas no *blog* e seu papel em intensificar a circulação de fluxos capazes de levar corpos soropositivos ao HIV a processos de (re)criação de sua existência ou ainda, a movimentações que possibilitam a tais corpos produzirem para si seus Corpos sem Órgãos, no sentido teorizado por Deleuze e Guattari (2012a).

Assim, a partir das discussões desses três focos de análise dos comentários registrados no *blog*, apresento na seção seguinte minhas percepções a

respeito da potencialidade desse *blog* em proporcionar modos de existencia outros diante ao HIV.

### 3.3 *BLOG* COMO NÃO-LUGAR DE EXISTÊNCIAS POSITHIVAS: DOBRAS DA POSITHIVAÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENOR

Como evidenciado na análise dos comentários na postagem do *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”, ao deparar-se com o diagnóstico “reagente para o HIV” os corpos são forçados a pensar, reconstruir-se buscando novas figuras para si, diante do mal-estar que os invade, em um limiar de vida e morte. Em seus relatos, notamos que tais indivíduos são arrastados para uma encruzilhada monstruosa que os fazem viver uma experiência intempestiva, uma vez que emerge uma diferença desestabilizadora, que os separa daquilo que acreditavam ser e os colocam em uma exigência de criação, uma experiência com o Fora.

Em tal experiência a criação se dá por meio do enfrentamento da linha do fora, em que o corpo sensível, vibrátil é reativado, abrindo caminhos para o desejo de busca de modos de existência outros. Nesses movimentos o pensamento instaura um plano de imanência, um plano que acontece na superfície de relação entre dentro e fora das relações de força, nos quais agenciamentos são produzidos por meio da confusa relação com as figuras do HIV, gerando uma infinitude de elementos dispares e heterogêneos, em que os efeitos da diferença levam à busca pela criação de novas figuras. Modos de existência são transvalorados e transcriados, resultantes das dobras que abrem para a operação artística da vontade de potência e da produção de modos mais vivíveis e praticáveis.

É nessa trama rizomática proporcionada pelo *blog* que vemos funcionar esses três movimentos mais gerais, compreendidos pela experiência intempestiva, a busca por outros modos de existência e a criação de outras possibilidades de vida. Movimentos que se fazem possíveis por meio das dobras e redobras dos fluxos de forças circulantes, que contribuem para a transvaloração das figuras do HIV. Neste trabalho caracterizo essas dobras como “Dobras da positHIVaço”, por terem efeitos singulares a essa coletividade, por produzirem modos de subjetivação específicos.

Nas dobras da positHIVaço engendradas no rizoma proporcionado pelo *blog*, além da inflexão do termo “positivo” e uma brincadeira proposital com a

sigla HIV posta dentro deste termo, são produzidos não-lugares por meio de dobras do Fora sempre em devir, caracterizados pelo dentro que continua fora, mas que se toca com a margem que limita aquilo que está dentro. Não-lugares se constituem na medida em que os corpos dobrados se produzem e criam experiências subjetivas pensadas para além de uma dicotomia, em um intervalo médio que a supere, como um traço no interior de polos. Criam-se corpos dobrados por meio da inflexão dos estratos que aprisionam a vida, que faz oscilar os agenciamentos e aparentemente abre outros caminhos para os afetos, possibilitam o avesso da existência sufocante, novos contornos para a vida, a vontade de potência, a potência de viver, um devir HIV soropositivo potencialmente criador de Corpos sem Órgãos (CsO) (DELEUZE; GUATTARI, 2012a).

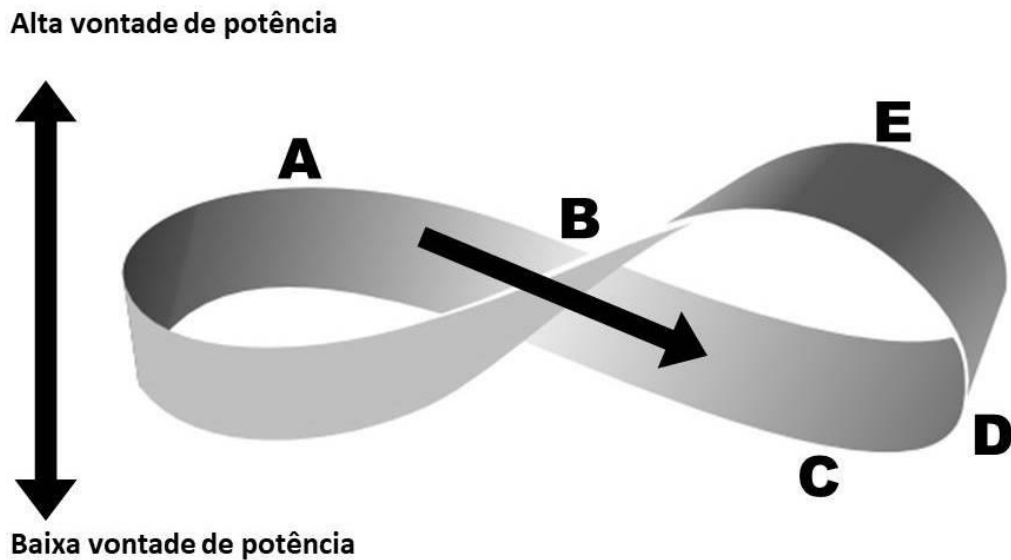
Criar seu corpo sem órgãos remete a essa potencialidade subjetiva que abre a criatividade, a outros modos de existência que vão para além dos limites funcionais e vitais dados aos órgãos. Criar um CsO é também romper com a noção sistêmica de organismo, compartimentalizado e uno, bem como com a ideia de sujeito unificado, fechado, consciente de si. Um CsO é um corpo poroso, criativo, inventivo, inacabado, um corpo em pleno devir. Experimentações subversivas, criativas e produtoras de uma coletividade singular vividas apenas por aqueles corpos que se fazem porosos diante aos fluxos circulados no *blog*.

Emergem assim, corpos ávidos por aquilo que amplia a vida, em sua potência criadora, um corpo dobrado, um corpo que por meio das dobras da positHIVAção é capaz de produzir vida em seu não-lugar, por meio de movimentações éticas-estéticas-políticas. É um corpo que transborda, que reencontra alegria em suas práticas sexuais, que faz circular intensidades positivadas, que deseja afetar e produzir modos vivíveis diante o HIV.

Com intuito de sintetizar e criar uma imagem do pensamento para as movimentações engendradas na trama rizomática do *blog*, me apropriei da ilustração da Fita de Moebius e sinalizei alguns pontos que representam estágios chave para minha compreensão dessas movimentações, como pode ser visto na ilustração 5 e que explico logo em seguida.

**Ilustração 5:** representação da Fita de Moebius com pontos referentes a estágios dos movimentações ocorridos no *blog*.





**Fonte:** Adaptação da ilustração disponível no sítio eletrônico “Eduardo Rombauer”.

No ponto **A**, represento um estágio da existência que poderia caracterizar como um modo de **existir** qualquer, um corpo sensível, afetivo e feliz em suas práticas de vida, com cansaços corriqueiros, altos e baixos em sua vontade de potência, mas que vive na imanência da vida. Contudo, esse corpo faz parte deste mundo e, no contexto de nossa cultura ocidental, provavelmente não é imune as tantas relações de poder, as biopolíticas e biopoder, que produzem agenciamentos característicos das sociedades de controle.

Com isso, no ponto **B** represento um estágio de uma existência em que os agenciamentos coletivos das sociedades de controle, por exemplo, homogeneizam os fluxos e estratificam este corpo de tal maneira em que os afetos tristes já são mais intensos que os felizes. Nos relatos analisados, a experiência de vida pós-diagnóstico reagente ao HIV produz medos em que a figura monstruosa do HIV assombra a existência. Planos de organização são traçados, fazendo com que esse corpo reduza cada vez mais sua vontade de potência, em uma velocidade que lhe é própria.

Já no ponto **C**, represento um estágio da existência desse corpo em que a vontade de potência, sua alegria de viver, já são baixas, um corpo sobrevivente como caracterizado por Pelbart (2016). Esse corpo **resiste** às tantas relações das sociedades de controle que vão diminuindo as possibilidades de modos de existir, anestesiando seu corpo, tampando seus poros de sensibilidade que

compõem uma vida afirmativa. Esse estágio **C** pode perdurar por dias, meses, anos, uma vida besta inteira.

No entanto, esse corpo sobrevivente pode vir a esgotar todos os possíveis de sua existência, chegando a um limiar de vida e morte, um contato com a linha do Fora, representado pelo ponto **D**. No caso dos relatos analisados, esse esgotamento é, na maioria das vezes, experimentado a partir dos efeitos da diferença identitária, que pode arrastar a existência a um espaço vertiginoso, característico da experiência de contato com a linha do Fora, em que esses efeitos são demasiadamente sufocantes.

No ponto **D** não há saídas, os possíveis já se esgotaram, mas é este esgotamento que leva o corpo há uma exigência de criação. Ou reage, ou a morte será a liberdade do corpo. No caso dos comentários analisados, a criação de outros possíveis para a existência ocorre por meio das dobras do Fora. Assim, as dobras da positHIVação acontecem nesse momento da existência, em um não-lugar, proporcionando aos corpos dobrarem seus modos de existir, criando modos outros, híbridos.

Esses modos outros de existência reativam o corpo poroso, o fazem vibrátil novamente, permitindo sua afectabilidade. A partir desta capacidade de afetação, caminhos para o aumento da vontade de potência se abrem e os corpos **reexistem** com o HIV, chegando ao ponto **E**, com toda a ambivalência, incerteza e monstrosidade outra que esse corpo dobrado apresenta.

Nesse ponto **E**, não temos nenhuma garantia, a existência se constitui em puro devir, um avesso da condição esgotada do ponto **C**, uma transcrição, mas nem por isso, ou talvez exatamente por isso, a vida se faz afirmativa e se reabre a imanência do viver.

Cabe ressaltar que com essa representação não pretendo dizer que há um sistema fechado, como Pelbart (2016) já nos alertou, não teremos a partir do ponto **E** um retorno cíclico ao ponto **A**. A existência apenas segue, produzindo modos vivíveis, que podem ser provisórios. Abrir-se para uma vida afirmativa diante do HIV, não blinda esses corpos da imanência do viver. A figura do HIV tem um impacto importante, mas ela é apenas mais um dos recortes que compõem essas vidas, tão mundanas como outras quaisquer.

Diante disso, o *blog* se faz não-lugar ao funcionar como meio de produção de dobras do Fora nas existências das PVHA que por lá circulam, ou seja,

nos momentos em que as relações por lá constituídas funcionam em um entre. Como no ponto **E**, no qual os significados são adiados para além das forças que estratificam os corpos soropositivos ao HIV e abrem impossibilidades a existências não antes pensadas, inventivas, em *pura* diferença e devir.

Nessa trama cultural rizomática, temos funcionando relações transformadoras que cruzam processos aparentemente desejados por uma Educação em Saúde e Sexualidade ditas crítica ou emancipatória, e dos educadores, da escola, ou da família. Entretanto, são os acontecimentos e agenciamentos coletivos ocorridos no *blog* que produzem uma trama que exerce associações entre conhecimento científico e cultural, abrindo a possibilidade para processos de subjetivação que permitem ao corpo que vive com o HIV criar-se em uma figura novamente mais saudável, reconectada com aquela desejada e que precisa ser preservada, a HIV soronegativa. Há nessas dobras a potência para a desconstrução dos monstros que assombram nossa cultura e reconstrução de modos outros, ambivalentes, pelo menos no âmbito do *blog* e no tempo em que aquelas relações durarem. Assim, para além de uma função social, política e geradora de outras relações, temos dobras produtoras de um não-lugar pedagógico.

O que seria esse não-lugar pedagógico? Na medida em que as dobras da PositHIVação são engendradas com os fluxos circulantes na trama rizomática proporcionada pelo *blog*, diversos afetos, experiências de vida e discursos da biotecnociência são dobrados também, abrindo possibilidade para a transvaloração dos modos de existir com o HIV. Assim, essa singular trama rizomática proporciona aprendizados de vida e para a vida desses corpos que nela se fazem porosos. Contudo, esse consequente aprendizado, ou formação, ocorre na experiência com o Fora, com um não-lugar onde as dobras da PositHIVação são instauradas.

São essas aberturas para uma vida outra, positivada, ambivalente em sua monstruosidade, que produzem subjetividades, de maneira muito mais significativa que o tão sonhado e caro objetivo formativo moderno dos ensinamentos de biologia tradicionais ou críticos presentes nas escolas, nos livros e nos documentos oficiais de educação, uma vez que, essas aberturas coincidem com a imanência do viver.

Assim, a partir da proposta de educação menor de Silvio Gallo (2013), caracterizo essas singularidades que acontecem no *blog* como uma “educação em saúde menor”.

De acordo com Gallo (2013, p. 64-65)

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; [...] produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância.

Em termos mais específicos, uma educação menor busca tocar a cada um dos indivíduos em uma construção coletiva que ocorre a partir da vivência de situações e produção de algo novo, por meio da desterritorialização da língua, da ramificação política e do seu valor coletivo, havendo construção de possibilidades de libertação no cotidiano (GALLO, 2013).

Na educação em saúde menor que acontece no *blog*, a desterritorialização da língua ocorre por meio da possibilidade de transvalorização da figura do HIV e criação de modos outros de existir com o vírus. Há o funcionamento de uma literatura menor que subverte a territorialidade da língua, levando a encontros, fugas e agenciamentos outros que escapam ao controle, opõem resistência e produzem diferença.

Esses acontecimentos que ocorrem no *blog* são atos micropolíticos, uma política do cotidiano que impulsiona os corpos ao ato revolucionário de reexistirem com o HIV. Nesse reexistir há a criação de corpos que se sentem saudáveis, em harmonia com sua existência, por um tempo que não se sabe quanto irá durar. Desafiam assim o sistema instituído, promovendo ramificação política. Nessa, os corpos fazem rizoma ao viabilizar conexões e fluxos circulantes que recriam suas existências, fazendo do *blog* máquina singular, para além de um meio de encontros, onde corpos e mídia se constituem na relação.

Com isso, as relações estabelecidas por esses corpos têm um valor coletivo, em que toda ação implica em agenciamentos coletivos e na produção de múltiplos, seja no compartilhamento de conceitos científicos, ou de modos de existir, ou de resistir e ou de reexistir com o HIV.

Não há, portanto, nessa educação em saúde menor a criação de modelos, modos de ser, agir ou vivências a sexualidade, nem a imposição de caminhos e soluções, pelo contrário, uma vez que não há esse fim em si mesmo no *blog*, nem no que a partir dele e com ele é produzido. Essa página hospedada da internet não se assume como uma pedagogia institucionalizada, não propõe um currículo para a formação de sujeitos críticos, autônomos, emancipados, capazes

disso ou daquilo, como comumente vemos nas propostas de Educação em Saúde e Sexual. O que encontramos no *blog* são caminhos movediços, nômades, uma trama geradora de multiplicidades e traços que proporcionam experiências subjetivas na ordem do acontecimento.

Fazer parte ou não dessa trama, e assim constituí-la, cabe apenas aos corpos que ali perambulam, com seus interesses, modos de ser e agir. Temos com isso, um espaço não autorizado, não institucionalizado, não didatizado, não científico, não comercial, não-lugares que se produzem estando fora e afetado por suas relações, fazendo do ato de viver uma obra de arte.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

A partir da análise das experiências de vida dos corpos soropositivos ao HIV, registradas no *blog* “Diário de um Jovem Soropositivo”, procurei evidenciar movimentações que produzem modos de existência a fim de caracterizar/compreender/experimentar modos de ser soropositivo ao HIV na contemporaneidade, bem como potencialidades dessa mídia na vida de corpos soropositivos ao vírus. Não foi minha pretensão dar conta neste trabalho de todas as possibilidades por lá circuladas e criadas.

Com essas análises, destaco que a figura do HIV ainda produz diversos medos por estar fortemente atrelada às representações monstruosas historicamente e culturalmente construídas para o vírus e seus portadores. Medos que se tornam problema de saúde coletiva, uma vez que distância a população das estratégias de prevenção e tratamento, seja pelo medo de descobrir que vive com o vírus, ou pelo medo de ser identificado como alguém que vive com HIV.

Esses medos associados à figura monstruosa do HIV fazem do diagnóstico reagente ao vírus um acontecimento intempestivo para a maioria das pessoas que passam por esta experiência. Elas se veem obrigadas a encarar uma condição de existência não desejada, produzindo experiências vertiginosas, demasiadamente sufocantes que podem levar ao esgotamento da existência.

Isso me faz pensar que não podemos aceitar que campanhas da área da saúde e ações voltadas à educação em saúde invistam em políticas do medo como estratégia de prevenção ao HIV, uma vez que além de ampliar os percalços na gestão da saúde coletiva, intensifica planos de organização que estratificam pessoas que vivem com HIV ou AIDS, geram mecanismos sociais de marginalização destes corpos e ainda, fazem com que eles creem que a vida não pode ser mais criativa.

No entanto, as saídas que pude localizar acontecem na própria imanência da vida, como nas relações estabelecidas no *blog*. Nessa mídia, as postagens junto à interatividade por lá constituída produzem um potente rizoma, uma vez que os corpos que nele se conectam reverberam os fluxos circulantes e conseguem diante disso, enfrentar acontecimentos intempestivos no contexto do HIV e AIDS, como o diagnóstico reagente ao vírus e os marcadores sociais historicamente construídos que compõem as representações monstruosas do ser soropositivo ao HIV. Como também, reativar seus corpos esgotados, anestesiados,

abrindo-se a possíveis outros capazes de criar subjetivações mais inventivas, um movimento estético-ético-político que denominei de dobras da positHIVAção.

A meu ver os movimentos de dobra que identifiquei no *blog* são singulares e múltiplos, característicos dessa coletividade analisada, pois abrem para a operação artística da vontade de potência, da produção de Corpos sem Órgãos e da invenção de outras (im)possibilidades de vida com o HIV, passando pela desejada condição soropositiva indetectável – uma figura mais saudável, mais humana, talvez um monstro que retorna como um híbrido mais aceito socialmente.

Há certo romantismo nesse modo de analisar as relações estabelecidas no *blog*, devido o foco nas afetações, nas intensidades positivas e naquilo que aumenta a vontade de potência. Entretanto, não é um romantismo “romântico”, idealizado, platônico, produtor de felicidades essencialidades, pelo contrário, são movimentos analíticos que partem das práticas, dos modos de produção de realidades que compõem as virtualidades e imanência de uma vida.

Reconheço também que há diversos limites nas características dos dados coletados, que não me possibilitam discutir especificidades dos modos de ser HIV soropositivo nos diferentes modos de viver a sexualidade, de expressar os gêneros, de compor grupos sociais em suas dimensões de raça e classe, que certamente produzem experiências subjetivas singulares. Assim, não pretendi traçar em nenhum momento o que “é ser HIV soropositivo”.

No entanto, esse rizoma criado, produtor de tantas intensidades, em um misto de gratidão, esperança e outros afetos, mostra para mim uma importante potencialidade que o *blog* proporciona: abrir caminhos para a busca de outros modos de se relacionar com a figura do HIV, modos de existir mais positivos, mais saudáveis, mais humanos, menos monstro, monstros outros, experimentar o impossível, permitindo a criação de não-lugares aos corpos que lá circulam e a produção de vida como obra de arte.

Efeitos que podem parecer contraditórios a um *blog* produzido por alguém que tem seus fins pedagógicos, formativos, com traços de autoajuda e emancipatórios, certamente na melhor das intenções. Como poderia um lugar de capturas, colonizador em suas pedagogias, proporcionar liberdade criativa?

Penso que são as características da interatividade proporcionada por esse tipo de mídia que faz as relações estabelecidas nela extrapolarem as tentativas de controle de quem a produz. No caso do *blog* analisado, a interatividade

proporciona uma autoajuda, mas no sentido de cuidados de si, por meio das dobras dos fluxos estratificantes, que afirma a diferença e abre caminhos a produção de corpos dobrados em não-lugares. Transcrições em puro devir que só são possíveis devido às ramificações políticas que compõem tais atos revolucionários de reexistirem com o HIV.

O que por sua vez cabe enfatizar que apenas cada um daqueles corpos poderia relatar como o seu não-lugar se constituiu, qual foi o seu tempo, sua duração, que efeitos produziram, que experiências emergiram, que atualizações e virtualidades constituíram. Bem como que há uma multiplicidade coexistindo nessa trama rizomática, há corpos que existem, outros que resistem e ainda os que reexistem com HIV.

Não quero traçar com isso um papel ou fim para o *blog*, muito pelo contrário, essa experiência de olhar um pouco mais de perto para uma mídia como essa me fez perceber quão fluidas e nômades são as potencialidades que ela pode proporcionar. Isso dependerá das linhas de fuga estabelecidas pelas conexões lá engendradas, dos fluxos que por lá conseguem ser produzidos e circulados, dos encontros acontecimentoais, bem como da textura criada pelos corpos que o acessam, o experimentam, deixam seus rastros e hibridizam sua existência dentro e fora do *blog*.

Olhar para esse artefato cultural, compreendido como um tipo de mídia online, me fez perceber que os fluxos de intensidades circulados pelos corpos que fazem rizoma extrapolam as conexões online e criam uma trama mais ampla, difusa e conectada com este mundo. Como também, reconhecer que as relações de poder nessas tramas culturais são difusas, sem centros preestabelecidos ou pontos de fixação, proporcionando com isso a abertura necessária a criação de corpos dobrados, seus não-lugares e diferenças afirmativas. Diante disso, percebi que os intercessores da filosofia da diferença pensada junto com Gilles Deleuze proporcionaram o funcionamento de uma análise cultural conectada com a imanência da vida, para além das lógicas identitárias, emancipatórias ou marxistas, historicamente presentes nas bases dos estudos culturais. O que, por sua vez, permite conceituar que esta pesquisa se caracteriza como um tipo de estudos culturais imanente, da ordem do acontecimento, no qual os rizomas traçados pelas existências, com contradições e problemáticas culturais que lhe são próprias, constituem o lócus da teoria e da produção, conduzindo os rumos da investigação.



Como pesquisador no campo dos estudos culturais das ciências e educações, pude desenvolver um tipo de análise conectada com minhas afetações e diluir-me na pesquisa ao longo de sua produção, de tal maneira que olhar para outros modos de existência exigia também repensar os meus. Não que eu acredite que algum pesquisador possa se desconectar das suas para desenvolver suas investigações, mas penso ser um ato político assumir que meus afetos foram uma variável analítica para a realização da pesquisa, desde a escolha dos dados, dos intercessores para a análise, aos resultados apresentados. Fato que possibilitou meu engajamento na pesquisa e um tipo de imersão cultural pelos modos de existências com HIV, sendo infectado por eles e aprendendo muito a respeito da arte do viver com eles. Como também olhar para o *blog* como uma mídia viva, que se constitui juntamente com os corpos que nele fazem rizoma.

Como professor de Biologia na Educação Básica e formador de professores na graduação, penso que a análise desenvolvida neste trabalho contribua para repensarmos práticas do campo da educação para as sexualidades e em saúde, sejam no âmbito escolar, na formação de professores, nas mídias, ou nas ações de saúde pública direcionadas à prevenção e tratamento do HIV e da AIDS, uma vez que traz para a centralidade do processo a pessoa que vive com HIV e AIDS, com suas angústias, desejos e criações, havendo assim uma mudança de perspectiva, do corpo a ser evitado, para o corpo que também produz vida.

Contudo, acredito que é exatamente a liberdade criativa proporcionada pela interatividade no *blog* que o faz atraente, desempenhando por meio dos não-lugares por lá criados um tipo de educação em saúde menor, conectada com a imanência do viver, capaz de reativar a potência de uma vida culturalmente aprisionada, um dos papéis, que penso ser, desejados por tantas campanhas da área da saúde e abordagens críticas da educação sexual – a produção de vida.

## REFERÊNCIAS

BAVINTON, Benjamin et al. (presenter Grulich A) HIV treatment prevents HIV transmission in male serodiscordant couples in Australia, Thailand and Brazil. **9th International AIDS Society Conference on HIV Science**, Paris, July 2017.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Nietzsche: niilismo e genealogia moral. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v.98, p.479-501. 2003.

BOAVENTURA, Flávio Luiz Teixeira de Souza. Ciência, arte e devir em Nietzsche. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 22-34, 2010.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade. Tradução de Roberta Barbosa. **Revista Labrys, Estudos Feministas**, n. 1-2, Brasília: Montreal: Paris - Julho/Dezembro de 2002. Disponível em: <[http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca\\_Diversidade\\_e\\_Subjetividade\\_Nomade.pdf](http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca_Diversidade_e_Subjetividade_Nomade.pdf)>. Acesso em dez. 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre-RS : Doisa, 2013.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros** - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva --- Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber. BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199-214.

CUNHA, Claudia Carneiro da. **“Jovens Vivendo” com HIV/aids: (Con)formação de sujeitos em meio a um embaraço**. 2011. 297 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Espinoza: filosofia prática**. Tradução não informada. São Paulo: Escuta. 2002.

\_\_\_\_\_. A imagem do pensamento. In.: DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins; revisão Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 3.ed., 2013.

\_\_\_\_\_. O que é o ato de criação? In.: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)**. Edição preparada por David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016a.

\_\_\_\_\_. A imanência: uma vida. In.: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)**. Edição preparada por David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016b.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2ed., v.1, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2ed., v.3, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Jaanice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2ed., v.5, 2012b.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro? In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva --- Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ESHLEMAN, Susan et al. Analysis of genetic linkage of HIV from couples enrolled in the HPTN 052 study. **Sixth International AIDS Society Conference on HIV Pathogenesis, Treatment and Prevention**, Rome, 2011.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. 1.ed. Autêntica. 2016.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3ed., 2013.

GAZZINELLI, Maria Flávia; PENNA, Cláudia. Educação em Saúde: conhecimento, representações sociais e experiência da doença. 2006. In.: GAZZINELLI, Maria Flávia; REIS, Dener Carlos dos, MARQUES, Rita de Cássia (Org.). **Educação em saúde: teoria, método e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GAZZINELLI, Maria Flávia. Processo saúde-doença: a leitura de Gadamer. 2006. In.: GAZZINELLI, Maria Flávia; REIS, Dener Carlos dos, MARQUES, Rita de Cássia (Org.). **Educação em saúde: teoria, método e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GROSSBERG, Lawrence. Existe lugar para os intelectuais no novo radicalismo? Três paradigmas. 2012. In.: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fernanda de Amorim

(Org.). **Estudos culturais e educação**: desafios atuais. Canoas: Editora Ulbra, 2012.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. TADEU, Tomaz (Org. e Trad.) 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p.20-29, jan/fev/mar/abr. 2002.

LATOURETTE, Bruno. **A esperança de pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOPES, Maura Corcini. Diferença, transgressão e limites identitários. In: **Educação em um mundo em tensão**: insurgências, transgressões, sujeições. SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca Salazar (Org.). Canoas: Editora Ulbra, 2017, p.195-204.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v.19, n.2, maio/ago. 2008.

MARTINS, Hermínio. Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica. In: **Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social**. Lisboa: Edições Século XXI, 1996a.

\_\_\_\_\_. Tecnologia, Modernidade e Política. In: **Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social**. Lisboa: Edições Século XXI, 1996b.

MACEDO, Elizabeth. A Cultura e a Escola. In: MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010, p. 11-43.

MEYER Dagmar Estermann, et al. 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor responsável': problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 51-76, maio/ago. 2004.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. 2.ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença** – uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir. Uma Perspectiva Ético/Estético/Política no Trabalho Acadêmico. In.: **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel S. (Org.). **Cultura e subjetividade**: Saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. **Projeto História**, São Paulo, v. 25, p. 43-54, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. **Ninguém é deleuziano**. Territórios de filosofia. 2014. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/06/23/ninguem-e-deleuziano-suely-rolnik/>>. Acessado em: 20 out 2015.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

RODGER, Alison et al. HIV transmission risk through condomless sex if HIV+ partner on suppressive ART: PARTNER study. **21st Conference on Retroviruses and Opportunistic Infections**, Boston, 2014.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos, et al. De que Realidades 'Falam' os Anúncios de Prevenção ao HIV/AIDS?. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p.141-167, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias. Rio de Janeiro: Relume Dumorá, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros** - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras / Jeffrey Jerome Cohen; tradução de Tomaz Tadeu da Silva --- Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOROPOSITIVO, Jovem. **Diário de um Jovem Soropositivo**. Disponível em: <<http://jovemsoropositivo.com/>>. Acessado em 25 de nov. de 2015.

STUBS, Roberta; FILHO Fernando Silva Teixeira; PERES, William Siqueira. A potência do cyborg no agenciamento de modos de subjetivação pós-identitários: conexões parciais entre arte, psicologia e gênero. **Fractal**, Rev. Psicol., v. 26 – n. 3, p. 785-802, set./dez. 2014.

UNAIDS. **Estatísticas**. Disponível em: <<http://unaid.org.br/estatisticas/>>. Acessado em: 29 mai. 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12 ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ZAGO, Luiz Felipe; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Os limites do conceito de empoderamento na prevenção ao HIV/Aids entre jovens gays e bissexuais no Brasil. **Physis**, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 681-701, 2013.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In.: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo – SP: Editora 34, 2000, p.333-356.